

Maria Filipa São Braz Rabaça

# **Contributos para o Inventário de Jardins Históricos no Algarve: Faro**

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em  
**Arquitetura Paisagista**

Orientador:

Prof<sup>ª</sup>. Doutora Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja



Faro, 2019

**Universidade do Algarve**  
**Faculdade de Ciências e Tecnologia**

# **Contributos para o Inventário de Jardins Históricos no Algarve: Faro**

Maria Filipa São Braz Rabaça

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em **Arquitetura Paisagista**

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Doutora Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja



Faro, 2019

# **Contributos para o Inventário de Jardins Históricos no Algarve: Faro**

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO**

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referência incluída.”

Maria Filipa São Braz Rabaça©

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.

## **Dedicatória**

A ti, avó!

## **Agradecimentos**

Ao longo desta caminhada, muitas vezes solitária, algumas pessoas me ajudaram e me incentivaram a concluir mais uma etapa da minha vida académica.

Começo por agradecer:

À minha orientadora, Professora Doutora Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja que se disponibilizou em me orientar, a concretizar a minha dissertação e a partilhar o seu conhecimento pelo tema História da Arte - Jardins Históricos, que sempre me despertou interesse desde a licenciatura.

À arquiteta Teresa Afonso da Divisão de Ordenamento do Território – Serviço de Regeneração Urbana da Câmara Municipal de Faro que me disponibilizou informação e documentação essencial sobre a história de alguns jardins.

Ao arquiteto José Brito da CCDR Algarve que se disponibilizou pela partilha da sua sabedoria e experiência.

Aos meus professores de Arquitetura Paisagista, que ao longo de cinco anos me transmitiram o seu conhecimento, trazendo boas recordações.

Aos colegas que passaram a amigos. Obrigada pela companhia nas noites malpassadas a estudar e a fazer projetos, por partilharem a mesma caminhada. Obrigada pela vossa amizade.

Aos meus amigos que estiveram sempre presentes nestes sucessos da minha vida académica e pessoal. Obrigada pela vossa amizade e por acreditarem em mim.

Ao meu namorado, Manuel, pela sua compreensão, paciência e encorajamento para nunca desistir, estando sempre presente nos momentos difíceis. Obrigada pelo teu amor, amizade e dedicação.

À minha família, em especial aos meus pais e irmã pelo seu apoio incondicional. Dia após dia me inspiram pelo seu conhecimento e dedicação. Obrigada por me darem forças e por me fazerem ver daquilo de que sou capaz de realizar.

A todos, um Obrigada!

## **Resumo**

Desde o início do século XV até ao fim do século XX, a cidade de Ossónoba, mais conhecida por cidade de Faro, localizada no litoral algarvio, foi uma cidade portuária. Muito rica em mercadorias vindas do mar, desde peixe a tapeçarias, e em património natural e cultural, caracterizava-se por um espaço rural, de bons solos agrícolas (Campina de Faro). No entanto, Faro estava destinada ao desenvolvimento urbano, devido ao êxodo rural, que levou a um considerável aumento da população da cidade. Tem também uma zona histórica, onde se situam as muralhas do castelo. A sua centralidade geográfica na região algarvia, faz com que a capital do distrito tenha características ecológicas e históricas únicas.

Apesar de ter sido uma cidade caracterizada pela existência de variados jardins, o facto, é que essa realidade é bastante diferente nos dias de hoje. Isto devido ao desaparecimento destes jardins, seja pela incúria do homem na sua manutenção, seja pelo resultado do próprio tempo. Este património faz parte da história da cidade, razão pela qual se torna importante o seu levantamento e estudo, pretendendo-se com isso contribuir para um melhor conhecimento do património paisagístico da cidade, demonstrando o equilíbrio entre a produção agrícola, o lazer e a habitação. Por outro lado, não são conhecidos estudos pormenorizados sobre esta temática ou, havendo, estão pouco divulgados, pelo que a elaboração de uma dissertação sobre esta matéria se torna importante.

Assim, procedeu-se ao levantamento de seis jardins históricos desde o século XVI até ao século XIX, com o objetivo de inventariá-los, demonstrando a sua importância para o património cultural da cidade e da região algarvia. O estudo foi feito através de recolha de informação bibliográfica a nível nacional e internacional sobre jardins históricos, bem como uma pesquisa exaustiva de cartografias e atas das sessões da Câmara Municipal de Faro para uma melhor interpretação histórica desses jardins.

Com o objetivo de mostrar um melhor conhecimento sobre o património paisagístico da cidade de Faro, foram elaboradas fichas de inventário, adaptadas das fichas de inventário do Instituto Europeu para Jardins e Paisagens. A metodologia criada nesta dissertação permite a salvaguarda e valorização deste legado cultural numa maneira acessível a todos e já testada a nível europeu.

Esta dissertação pretende identificar, registar, documentar e interpretar o valor cultural dos Jardins Históricos da cidade de Faro, contribuindo com um conhecimento coletivo desses lugares, alertando a DGPC (Direção-Geral do Património Cultural) para a necessidade urgente de classificar este património a nível nacional.

**Palavras-chave:** cidade de Faro, jardins históricos, fichas de inventário, património paisagístico, herança natural e cultural

## **Abstract**

From the early 15<sup>th</sup> century until the late 20<sup>th</sup> century, the Ossónoba city, commonly known as Faro, placed in the Algarve coast, was a thriving port city. Faro was rich in goods that arrived from the sea, from fish to tapestries, and had a considerable cultural heritage. During these times, Faro's landscape was characterized by a prominent presence of fertile agricultural grounds (in Campina de Faro). Yet, it was destined to grow into a more evolved urban space due to the rural exodus that brought along a considerable population growth to the city. The city also had an historical area, surrounded by the castle walls. Faro's central location in the Algarve region has always offered this city unique ecological and historical characteristics.

Although Faro has had plentiful gardens in the past, this is not the case in current days. This is due to the complete disappearance of most gardens in the city, caused by the combined effect of lack of care for them and the simple progress of time. This patrimony is part of the city's history and for this reason its in depth study is imperative. Such studies will contribute towards a better knowledge of the historical city's landscape, highlighting the former equilibrium existing between agriculture, living space and leisure areas. Still, such studies are scarce or poorly advertised, which brought along the idea for the present dissertation.

Therefore, in the present work, six historical gardens were studied, dating back to the 16<sup>th</sup> century until the 19<sup>th</sup> century. A thorough inventory of these gardens was elaborated, reflecting their importance for Faro's and the whole regions' cultural heritage. This inventory was possible through extensive bibliographic research on historical gardens at national and international scales. Additionally, the historical data collected from ancient cartography and minutes provided the City Hall also contributed towards a more in depth understanding of the studied historical gardens.

With the aim of displaying the knowledge gathered, standardized inventory files were created for each garden under analysis. The standard for these files was based on the inventory files found in the European Institute for Gardens and Landscapes. The methodology created in the present dissertation allowed the data collection and management in a way that is accessible to all and that has been tested at European scale.

The present study aims to highlight the cultural value of Historical Gardens by identifying, recording, documenting and interpreting their presence in human society

throughout history. Additionally, knowledge gathered in this work reflects the urgent need to further understand the history of gardens in the city of Faro, calling for better action from the DGPC (Direção-Geral do Património Cultural – Portugal’s main authority in historical patrimony management).

**Keywords:** city of Faro, historical gardens, inventory files, landscape patrimony, natural and cultural heritage

## Índice

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
Apresentação do Tema e o seu Objetivo .....	1
Metodologia.....	1
Contexto e Localização dos Casos de Estudo .....	2
<b>1. Capítulo I – Estado da Arte</b> .....	<b>4</b>
1.1 Evolução das Políticas de Salvaguarda dos Jardins Históricos – Âmbito Internacional .....	4
1.1.1 Cartas, Convenções e Recomendações Internacionais.....	4
1.2 Evolução das Políticas de Salvaguarda dos Jardins Históricos – Âmbito Nacional....	7
1.2.1 Documentação relativa a Jardins Históricos .....	7
1.2.2 Relação da Arquitetura Paisagista com os Jardins Históricos.....	10
1.2.3 Jardins Históricos em Portugal.....	11
<b>2. Capítulo II – Metodologia da Inventariação dos Jardins Históricos no Algarve ....</b>	<b>12</b>
2.1 Objetivos e metodologia .....	12
2.2 Levantamento e análises de dados.....	13
2.3 Ficha de inventário .....	13
2.4 Fontes, recolha, seleção e processamento de dados .....	15
2.5 Casos de estudo .....	16
2.5.1 Levantamento do traçado e da composição do Convento de Nossa Senhora da Assunção, Faro .....	16
2.5.2 Levantamento do traçado e da composição do Paço Episcopal, Faro.....	31
2.5.3 Levantamento do traçado e da composição da Horta do Ourives, Faro.....	38
2.5.4 Levantamento do traçado e da composição do Jardim da Alameda João de Deus, Faro .....	48
2.5.5 Da Praça da Rainha à Praça D. Francisco Gomes, Faro.....	63
2.5.6 Levantamento do traçado e da composição do Jardim Manuel Bívar, Faro ....	66
2.5.7 Levantamento do traçado e da composição da Quinta Júdice Fialho, Faro .....	78
<b>Conclusões</b> .....	<b>91</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>94</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>100</b>
<b>Índices</b> .....	<b>111</b>
Índice de Figuras .....	111

## **Abreviaturas, siglas e sinais**

AHMF – Arquivo Histórico Municipal de Faro

AJH – Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos

APAP – Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas

CCDR Algarve – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve

DGEMN – Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

DGPU – Direção-Geral do Planeamento Urbanístico

ICOMOS – International Council on Monuments and Sites

IEJP – Institut Européen des Jardins & Paysages

IFLA – International Federation of Landscape Architects

IGEO – Informação Geográfica

IPA – Inventário do Património Arquitetónico

IPCR – Instituto Português da Conservação e Restauro

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico

MRSH – Caen University Research Centre for Humanities and Social Sciences

PPMCN – Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

## Introdução

Apresentação do tema e o seu Objetivo

Os jardins históricos são lugares de memória que guardam saber acumulado e, ao longo da história da humanidade, têm servido de laboratório para o avanço científico e tecnológico. Sempre foram espaços de inovação. Enquanto espaços de convivência continuada e prolongada de espécies vegetais autóctones e exóticas, de gestão sábia da água, de utilização seletiva de espécies, eles são de particular valia neste momento exigente de adaptação às alterações climáticas (AJH, 2017)<sup>1</sup>.

Portugal é rico em jardins históricos, distribuídos por todo o território nacional, mas que, infelizmente, são do desconhecimento da generalidade da população. De acordo com o “Inventário de jardins e paisagens em Portugal”<sup>2</sup> (coordenado pela professora Cristina Castel-Branco) estão georreferenciados 729 jardins portugueses, dos quais 11 situam-se na região do Algarve, mas apenas 4 são jardins históricos: a Horta do Félix, a Quinta de Estoi, a Quinta de Santo António do Alto e Cacela Velha. Assim, o presente trabalho de investigação, tem como tema a caracterização e identificação de jardins históricos na cidade de Faro.

Os dois principais objetivos da presente dissertação são:

Realização de Fichas de Inventário de Jardins Históricos de Faro (privados ou públicos);

Contributo para a base de dados do inventário português: Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal.

## Metodologia

O processo de desenvolvimento deste trabalho decorreu em três fases principais:

1ª Fase – Estado da Arte – Recolha de informação sobre o aparecimento dos jardins históricos tanto a nível internacional como a nível nacional, através de pesquisas bibliográficas;

---

<sup>1</sup> <https://www.otacores.com/greenga/wp-content/uploads/2017/11/AJH-Manifesto-pelos-JH-de-Portugal-V7-final-TA-co%CC%81pia.pdf>

<sup>2</sup> <http://europeangardens.eu/inventories/pt/>

2ª Fase – Estudo técnico e análise histórica dos casos de estudo, ou seja, recolha, identificação de cada jardim e compreensão da sua evolução;

3ª Fase – Síntese e análise da investigação.

A primeira fase tem carácter introdutório, descreve a evolução do aparecimento de documentos (cartas, convenções e recomendações) sobre a valorização e a salvaguarda do património cultural e natural ao longo do tempo, tanto a nível internacional como nacional. Nesta fase, está incluída uma breve descrição sobre o tema - jardins históricos, uma síntese e discussão do conceito.

A segunda fase centra-se na análise das unidades de estudo, os jardins, de acordo com a seguinte metodologia:

- a) Recolha de informação sobre cada jardim: localização e identificação através de bibliografia, cartografia, imagens aéreas (ortofotomapas), postais e fotografias antigas;
- b) Visitas aos jardins em estudo: recolha fotográfica dos jardins (atualmente) para se perceber a sua evolução ao longo dos anos;
- c) Descrição e interpretação histórica de cada jardim: componente morfológica - descrever a evolução do seu desenho ao longo tempo, tendo em conta a sua vegetação, sistemas hidráulicos, entre outros;
- d) Realização das Fichas de Inventário para cada caso de estudo.

A síntese e a análise do trabalho reúnem-se na terceira fase. Com base em toda a investigação sobre a história e a evolução de cada caso de estudo, nesta fase são demonstrados os resultados obtidos nas fases anteriores.

#### Contexto e Localização dos casos de estudo

Para que toda a informação sobre jardins e sítios históricos de Portugal tenha um maior impacto a nível cultural, foi necessário criar uma base de dados através de desenvolvimento de documentos e artigos que descrevam o património natural do país.

A cidade de Faro, localizada no litoral algarvio, entre o século XV até ao século XIX era considerada uma cidade portuária. Com a chegada das fragatas para a venda do peixe fresco, esta cidade não só era rica em mercadoria como também em espaços rurais.

A Campina de Faro, espaço rural, era caracterizada por terrenos agrícolas que serviam de apoio para a cidade.

Neste trabalho vão ser apresentados seis estudos de caso da cidade de Faro: (1) o Convento de Nossa Senhora da Assunção; (2) o Paço Episcopal; (3) a Horta do Ourives; (4) o Jardim da Alameda João de Deus; (5) o Jardim Manuel Bívar e (6) a Quinta Júdice Fialho.



*Figura 1 – Mapa da cidade de Faro com a localização de cada jardim em estudo, elaborado no QGIS e no Photoshop. (Fonte: autora)*

## **1. Capítulo I – Estado da Arte**

### **1.1 Evolução das Políticas de Salvaguarda dos Jardins Históricos – Âmbito Internacional**

A necessidade de criar uma entidade que protegesse os monumentos culturais e naturais tanto a nível nacional como internacional, era tema de conversa antes do século XIX. Através de um grupo de especialistas de diferentes áreas, o ICOMOS (International Council on Monuments and Sites<sup>3</sup>) em 1965 surgiu de forma a contribuir para a discussão e conservação de lugares de valor patrimonial.

#### **1.1.1 Cartas, Convenções e Recomendações internacionais**

A evolução de conceitos e de políticas relacionadas com a valorização e salvaguarda de património cultural e natural deve-se à existência de Cartas, Convenções e Recomendações internacionais onde se estabeleceram orientações e princípios orientadores de maneira a que o património seja salvaguardado. Na tabela 1, estão descritas algumas Cartas, Convenções e Recomendações relacionadas com o património e sobre os jardins históricos.

Em 1931, na cidade de Atenas, realizou-se uma conferência relacionada com o restauro de monumentos históricos, onde foi estabelecida a primeira carta publicada sobre o património, a Carta de Atenas. Esta carta apoiou a proteção e a conservação de monumentos a nível internacional, onde houvesse uma compreensão na preservação do carácter do lugar e da sua envolvente. Tanto a Conferência como a Carta de Atenas, “representam um marco na evolução de ideias, porque refletem um crescimento da consciencialização entre os especialistas de todo o mundo, e introduzem pela primeira vez na história o conceito de património internacional”<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Concelho Internacional de Monumentos e Sítios

<sup>4</sup> <http://www.icomos.pt/index.php/o-que-e-o-icomos/historia>

A Carta de Veneza surgiu em 1964 de maneira a completar a Carta de Atenas. Esta carta veio ao encontro de alargar esses princípios de conservação e de restauro sobre os monumentos e sítios históricos. No artigo 2º está descrito que “a conservação e o restauro dos monumentos constituem uma disciplina que apela à colaboração de todas as ciências e de todas as técnicas que possam contribuir para o estudo e salvaguarda do património monumental” (Carta de Veneza, 1964, art.º 2). Assim, “a conservação e o restauro dos monumentos visam salvaguardar tanto a obra de arte como o testemunho histórico” (Carta de Veneza, 1964, art.º 3).

A IFLA que está relacionada com a Arquitetura Paisagista (International Federation of Landscape Architects<sup>5</sup>) criou em 1971 um comité técnico dedicado a jardins históricos de maneira a solucionar problemas relacionados com a sua intervenção, bem como em relação ao seu património cultural. Ambos descritos na Carta de Veneza.

Antes do surgimento do ICOMOS, em 1945, já outra organização designada por UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization<sup>6</sup>) sensibilizava para a importância da cultura e educação, defendendo uma “solidariedade intelectual e moral da humanidade”<sup>7</sup>. Mais tarde, com o aparecimento da IFLA, foi estabelecida em 1972, uma nova Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, considerando como património cultural, os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse; como património natural, os monumentos naturais (formações físicas e biológicas), as formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, bem como os locais de interesse e zonas naturais estritamente delimitadas.

Nos anos oitenta do século XX, surgiu outra carta direcionada à salvaguarda de jardins históricos, intitulada de Carta de Florença (1981). “O jardim histórico é uma composição arquitetónica cujo material é essencialmente vegetal e, portanto, vivo, perecível e renovável. A sua aparência é, pois, o resultado de um perpétuo equilíbrio entre o movimento cíclico das estações, do desenvolvimento e da deterioração da natureza e da vontade artística e do engenho que tendem a perpetuar o seu estado” (Carta de Florença, 1981, art.º 2). Assim, “a salvaguarda dos jardins históricos exige que os mesmos sejam identificados e inventariados. Impõe intervenções diversas, de manutenção, de

---

<sup>5</sup> Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas

<sup>6</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

<sup>7</sup> <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco/historia>

conservação e de recuperação. Eventualmente pode-se recomendar a reconstrução. A autenticidade de um jardim histórico está relacionada quer com o desenho e as proporções das suas várias componentes, quer com os elementos ornamentais e a escolha dos elementos vegetais ou inorgânicos que o constituem” (Carta de Florença, 1981, art.º 9).

Destaca-se outra convenção dessa década (1985), para a Salvaguarda de Património Arquitetónico da Europa, onde os inventários começaram a adquirir maior relevância. No artigo 2.º está explícito que “a fim de identificar com precisão os monumentos, conjuntos arquitetónicos e sítios suscetíveis de serem protegidos, as Partes comprometem-se a manter o respetivo inventário e, em caso de ameaça dos referidos bens, a preparar, com a possível brevidade, documentação adequada”.

Com o final do século XX, foram surgindo mais cartas, convenções e princípios estipulados para a salvaguarda do património cultural como também referência ao procedimento de inventariação dos mesmos. Em 1992 surgiu a Carta de Nova Zelândia que destaca “o procedimento de inventariação, que deve ser exercido para a Conservação dos Sítios com Valor Patrimonial Cultural” e em 1999 surgiu a Carta de Burra<sup>8</sup> que tem referência à conservação e gestão dos sítios com valor cultural. Houve outro documento na década de noventa (1996) designado por Princípios para o Registo de Monumentos, Grupos de Edifícios e Sítios que teve como objetivo “estabelecer as principais razões, bem como partilhar reflexões sobre as responsabilidades, as medidas de planeamento, os conteúdos e a gestão do registo do património cultural” (Princípios para o Registo de Monumentos, Grupos de Edifícios e Sítios, 1996).

Com o começo do novo milénio, surgiu a Carta de Cracóvia reconhecendo que “(...) diferentes tipos de património necessitam de diferentes instrumentos e métodos de proteção” (BASTO,2015, p.7), ou seja, neste “processo de mudança de valores, cada comunidade desenvolve uma consciência e um conhecimento da necessidade de preservar os bens culturais construídos, pois eles são portadores dos seus próprios valores patrimoniais comuns. Este processo não pode ser objeto de uma definição redutora. Apenas se pode indicar o modo segundo o qual pode ser identificado” (Carta de Cracóvia, 2000).

---

<sup>8</sup> Existem três versões anteriores a 1999, mas, atualmente, estão arquivadas e não estão autorizadas pela ICOMOS da Austrália.

Contudo, em 2005 houve a Convenção Europeia da Paisagem, na cidade de Florença, onde foi estipulado o reconhecimento da paisagem aplicando políticas que visam a sua proteção, gestão e ordenamento através de medidas específicas instituídas no artigo 6º.

Data	Documento	Origem	Instituição
<b>1931</b>	Carta de Atenas	Atenas, Grécia	ICATHM
<b>1964</b>	Carta de Veneza	Veneza, Itália	ICATHM
<b>1972</b>	Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural	Paris, França	UNESCO
<b>1981</b>	Carta de Florença	Florença, Itália	ICOMOS
<b>1985</b>	Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa	Granada, Espanha	CE
<b>1992</b>	Carta de Nova Zelândia	Nova Zelândia	ICOMOS
<b>1996</b>	Princípios para o Registo de Monumentos, Grupos de edifícios e sítios	Sofia, Bulgária	ICOMOS
<b>1999</b>	Carta de Burra	Burra, Austrália	ICOMOS
<b>2000</b>	Carta de Cracóvia	Cracóvia, Polónia	ICC
<b>2005</b>	Convenção Europeia da Paisagem	Florença, Itália	CE

*Tabela 1 – Descrição de algumas Cartas, Convenções e Princípios estipulados de diferentes instituições. (Fonte: Autora, 2019; BASTOS,2015)*

## 1.2 Evolução das Políticas de Salvaguarda dos Jardins Históricos – Âmbito Nacional

Em Portugal a documentação sobre jardins históricos tem vindo a desenvolver-se, e o presente trabalho contribui para esse campo de conhecimento e da cultura da devida investigação.

### 1.2.1 Documentação relativa a Jardins Históricos

A partir do início do século XX, foram criadas instituições nacionais que apoiavam a conservação e preservação do património cultural e natural, tais como:

A Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) foi criada em 1929, para promover a qualidade do património arquitetónico nacional.

Em 1932, surgiu o Conselho Superior de Belas Artes que estipulou princípios sobre arqueologia, belas-artes, conservação e proteção de monumentos como também classificação de monumentos nacionais e imóveis de interesse público.

“A LEI nº2032, de 11 de junho de 1949, promulga as disposições sobre a proteção e conservação de todos os elementos ou conjuntos de valor arqueológico, histórico, artístico ou paisagístico, conselhos, e as classificações de imóveis e móveis de interesse público” (MASCARENHAS, 2007, p.33).

Na década de 1960, surgiram dois inventários: “A Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal” de Ilídio Alves de Araújo (1962) e “Inventário dos Jardins, Quintas de Recreio, Cercas Conventuais e Parque de Interesse Histórico e Paisagístico” da Direção-Geral do Planeamento Urbanístico sob orientação de António Viana Barreto, ambos Arquitetos Paisagistas (CARAPINHA, 1995, p.21). Nos anos oitenta, Aurora Carapinha redigiu o “Inventário da Arte Paisagista em Portugal” (1985).

Com o início da década de noventa do século XX, foram surgindo novos documentos que ajudaram a criar uma base de dados nacional em relação ao património cultural e natural. A União Europeia, em 1993, ofereceu restaurar sete jardins portugueses devido ao seu património arquitetónico (MASCARENHAS, 2007, p.37). Nesse mesmo ano, o Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), atual Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), publicou uma lista sobre o património arquitetónico e arqueológico onde os jardins históricos estão englobados e classificados. Este instituto assegurava “(...) a gestão, salvaguarda, valorização, conservação e restauro dos bens que integram o património cultural imóvel, móvel e imaterial do País”<sup>9</sup>.

“(…) No âmbito do inventário do património arquitetónico (IPA), a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), em colaboração com os docentes da licenciatura em arquitetura paisagista da Universidade do Évora<sup>10</sup>, criou uma base de dados informatizada dos jardins e sítios históricos de Portugal, na qual se registaram, descreveram e enquadraram historicamente cerca de 300 jardins e cercas, tapadas e parques. Esta base de dados informa também sobre o tipo de classificação legal que

---

<sup>9</sup> Decreto-Lei n.º 115/2012

<sup>10</sup> E não só, houve outras universidades presentes para a criação da base de dados.

protege ou não o jardim, e encontra-se disponível no serviço de atendimento ao público do forte de Sacavém” (MASCARENHAS, 2007, p.37).

Em 1998, Hélder Cabrita e Homem Cardoso publicam o “Tratado de Grandeza dos Jardins Históricos de Portugal”. Apesar de se chamar tratado, este livro não faz jus ao seu nome, descrevendo os jardins portugueses pela sua singularidade. Nesse mesmo ano, o Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo sugeriu que fosse feito um levantamento de jardins históricos com potencial para turismo (CASTEL-BRANCO, 2002, 209p.). Mais tarde, em 2001, o Instituto Superior de Agronomia<sup>11</sup> divulgou esse estudo através da publicação de um livro, onde eram identificados trinta sítios históricos com valor paisagístico e patrimonial (MASCARENHAS, 2007, p.38). Ainda na década noventa, o Ministério da Cultura criou o Instituto Português da Conservação e Restauro (IPCR), para a divulgação e realização de intervenções de conservação e restauro do património nacional. (MASCARENHAS, 2007, p.38).

A Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos (AJH)<sup>12</sup> surgiu em 2003 a partir de um grupo de profissionais da área de jardins. Esta associação adotou como iniciativa a recuperação de jardins pelo seu valor patrimonial, económico e recreativo; defendendo a salvaguarda do património paisagístico e apoiando projetos integrados em valorização e recuperação turística, através de atividades culturais. Esta associação é sem fins lucrativos e colabora não só com os proprietários como também com entidades públicas.

Em 2018, eleito ano europeu do património cultural pela Comissão Europeia<sup>13</sup>, e na sequência das comemorações dos 30 anos de recuperação de jardins históricos em Portugal, que decorreu na cidade do Porto, foi feito um balanço da situação dos jardins históricos atual, tendo-se constatado que houve ao logo desse período um desenvolvimento significativo dos princípios de ação preconizados na Carta de Florença, nomeadamente ao nível da prática da recuperação, no incremento do conhecimento técnico e científico, na internacionalização, partilha e circulação internacional de informação e na institucionalização da prática de conservação.

---

<sup>11</sup> À mesma equipa que tinha realizado o estudo anteriormente.

<sup>12</sup> <https://www.jardinhistoricos.pt/>

<sup>13</sup> [https://docs.wixstatic.com/ugd/959a9a\\_fa59df5b15f443a58102bd32b2a23ccf.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/959a9a_fa59df5b15f443a58102bd32b2a23ccf.pdf)

Por outro lado, foram identificadas algumas limitações e constrangimentos, nomeadamente ao nível da mão de obra especializada na conservação dos jardins, na escassez de jardins incluídos na lista de património cultural classificado a nível nacional e na existência de um número significativo de jardins de valor histórico em risco.

### 1.2.2 Relação da Arquitetura Paisagista com os jardins históricos

No início do século XX, Sousa Viterbo, Francisco Caldeira-Cabral e Ilídio Araújo foram os primeiros a referenciar o aparecimento dos jardins históricos em Portugal em contexto de ensino (CARVALHO; SILVA, 2013, p.799). Estes autores tiveram uma grande importância para o património natural e cultural.

Sousa Viterbo (1845-1910), historiador, publicou um livro<sup>14</sup> “(...) sobre alguns jardineiros e jardins, estes, não estando estudados, nem registados, nem defendidos por nenhuma legislação específica, encontravam-se sob séria ameaça de desaparecerem sem deixar rasto” (CASTEL-BRANCO, 2002, p.19).

Francisco Caldeira-Cabral (1908-1992), pai da arquitetura paisagista em Portugal, dedicou-se a ensinar e a praticar a arquitetura paisagista deixando o seu legado em inúmeros projetos diversificados através do seu conhecimento: “(...) o pioneiro da arquitetura paisagista chamava atenção para o património paisagístico e para a perda cultural que o seu desaparecimento representaria” (CASTEL-BRANCO, 2002, p.19). “A influência de Caldeira Cabral fez-se também sentir no ordenamento do território e da paisagem rural” (LEVY; SILVA; TRINDADE, 2008, p.18). Defendia e enriquecia o “nosso património paisagístico” e o “(...) planeamento e ordenamento do território urbano e rural, com a preocupação subjacente da preservação e conservação da Natureza e da gestão dos recursos naturais” (LEVY; SILVA; TRINDADE, 2008, p.15).

Ilídio Alves de Araújo (1925-2015), um dos primeiros alunos de Francisco Caldeira-Cabral, ajudou a consciencializar a salvaguarda e a preservação do património natural contra a descaracterização do país, dedicando-se à evolução da paisagem. No início da década de sessenta, realizou o primeiro trabalho sobre as quintas de recreio e mais tarde publica a obra “A Arte Paisagista e a Arte dos Jardins em Portugal” (1962) que “(...) hoje constitui a melhor referência para quem aqui estuda os jardins históricos (...)” (CASTEL-BRANCO, 2002, 20p.).

---

<sup>14</sup> *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitetos, Engenheiros e Construtores Portugueses*

Assim, os diversos estudos e inventários realizados em Portugal, contribuíram para uma melhor compreensão da conservação e evolução da proteção do património paisagístico.

Com tudo, até agora, ainda não existe uma metodologia própria de inventariação para esse património de acordo com o Decreto-lei nº107/2001 (artigo 6º)<sup>15</sup>.

### 1.2.3 Jardins Históricos em Portugal

Portugal geograficamente possui características distintas da Europa Central, demonstrando assim jardins históricos únicos.

Segundo Cristina Castel-Branco, a definição de jardim confunde-se com a definição de paisagem, “(...) pois ambos partem dos mesmos termos de base: área a céu aberto onde cresce a vegetação, por onde circula a água, o vento e os animais, e sobre a qual o homem dedica o seu trabalho. Os conceitos divergem um pouco quando ao primeiro se associa uma intenção estética e um significado artístico, e ao segundo uma função utilitária e de produção. Mas também há jardins de grande beleza que produzem fruta, (...) que podem juntar no mesmo espaço o ornamento e a produção. Assim, função utilitária não distingue o jardim da paisagem” (CASTEL-BRANCO, 2002, pp.13-14).

Para Aurora Carapinha, o jardim tem o mesmo significado que o horto, “(...) horto e jardim exprimem na sua origem, a mesma realidade. Apenas chegam a Portugal por caminhos diversos” (CARAPINHA, 1995, p.35). O horto apresenta-se “(...) como uma parcela de terreno cercada, de pequena extensão, (...) onde se cultivam hortaliças, legumes, plantas ornamentais e árvores frutíferas (...), também é sinónimo de jardim, “(...) pomar, vergel e horta” (CARAPINHA, 1995, p.35).

Uma das características mais importantes dos jardins portugueses é a sua intimidade. Francisco Caldeira Cabral cita: “(...) os nossos jardins rodeados de altos muros e sebes, com suas janelas abertas para o exterior, sobre a vista e sobre a rua ou estrada, de onde a família assiste, sem perder o recato, às procissões e folguedos populares” (CABRAL, 2002, p.119). “Encontram-se atrás dos muros, espaços escondidos, silenciosos, deixados crescer sem grandes trabalhos e só sujeitos à amenidade do clima que abençoa este país. (...) Cheios de cor e cheiros fortes das folhas e das flores, nos seus tanques é captado o céu, nas suas árvores intercetados os ventos, na folhagem

---

<sup>15</sup> <https://dre.pt/pesquisa/-/search/629790/details/maximized>

escura dos laranjais é refletido o brilho do sol, trazendo sossegos quase sempre esquecidos” (CASTEL-BRANCO, 2002, p.11).

No entanto, o jardim português é caracterizado como um jardim irregular. O seu desenho apresenta-se “(...) formalmente regular e uno. Prevalece sobretudo uma macro-estrutura geométrica irregular, polarizada, de escala humana e mensurável, em que salienta o valor das partes”. É “(...) pontuada, gerada pela circulação da água, pelo desenho dos caminhos, pela disposição do elenco vegetal e pelas arquiteturas de prazer” (CARAPINHA, 1995, p.374).

“O ordenamento será a forma de prever e orientar a ocupação do território, tendo em conta todos os fatores físicos, biológicos, culturais e económicos da região e procurando equilibrar a ocupação e exploração do território com a conservação dos recursos naturais e valores patrimoniais” (ALARCÃO, 1987, pp.50/51).

Os jardins históricos, são processos naturais que nos fazem recordar o passado. Estes jardins são “monumentos vivos”, conseguimos ver a sua evolução através do seu traçado e da sua composição.

## **2. Capítulo II – Metodologia da Inventariação dos Jardins Históricos no Algarve**

### **2.1 Objetivos e Metodologia**

A inexistência de uma base de dados que promova a valorização, a salvaguarda e a proteção do património natural, sempre foi um problema. O objetivo da realização de fichas de inventário que inventariem jardins, sítios e paisagens onde nos fornecem informação sobre a sua evolução, história e botânica, é algo que seria necessário não só para profissionais como para estudantes, ou até mesmo para interesse do público em geral.

Assim, a sua realização serve de auxílio multidisciplinar para o desenvolvimento da metodologia, com ajuda de diversos especialistas: arqueólogos, historiadores, arquitetos, arquitetos paisagistas, etc.

## 2.2 Levantamento e Análises de Dados

Foi realizado um levantamento de informação relacionado com o património paisagístico através de revisões bibliográficas e de fontes primárias ao longo da investigação.

Alguns dos estudos de referência que foram analisados na dissertação foram: “As Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização” de Margarida Costa (2002), “Estudo Histórico-Artístico e Proposta de Plano Diretor de Restauro para a Quinta do Alto, Faro” de Mariana Costa (2013), O Convento de Nossa Senhora da Assunção: (des)construção da memória” de Dália Paulo (2007), “Jardim Alameda João de Deus, como recurso patrimonial da cidade de Faro” de Ana Sofia Pereira e Linda Conceição (2004) e “A escultura de jardim: das Quintas e Palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal” de Ana Duarte Rodrigues (2001).

O levantamento dos campos dados para a ficha de inventário correspondem aos mesmos campos que estão descritos no formulário do “Inventário de jardins e paisagens em Portugal”.

## 2.3 Ficha de Inventário

Papel importante na identificação dos jardins históricos europeus tem sido o trabalho do “IEJP - Institut Européen des Jardins & Paysages”<sup>16</sup>, sediado em França, considerado um centro de documentação e um local de encontro de todos aqueles que partilham o gosto e interesse por esta temática, tendo criado um Inventário Europeu que agrega e centraliza os inventários desenvolvidos em quatro países europeus (França, Portugal, Bélgica e Inglaterra) e onde estão atualmente recenseados 34.496 jardins<sup>17</sup>. O objetivo é registar e salvaguardar os jardins históricos, incentivando a sua proteção e aumentando a consciencialização sobre o seu valor enquanto património.

O inventário português<sup>18</sup> coordenado pela professora Cristina Castel-Branco, intitula-se por “Inventário de jardins e paisagens em Portugal” onde foram identificados 729 jardins, este inventário está integrado no inventário europeu.

---

<sup>16</sup> <http://europeangardens.eu/>

<sup>17</sup> <http://europeangardens.eu/inventaires-numeriques/presentation-des-inventaires-europeens/>

<sup>18</sup> <http://europeangardens.eu/inventories/pt/>

As fichas de inventário foram elaboradas e adaptadas através de diferentes critérios, com base no inventário europeu de jardins históricos, nomeadamente: o nome do jardim; o seu contacto; a sua localização; qual o seu estilo; elementos decorativos e vegetais; se são públicos ou privados; qual o seu estatuto; se são classificados; uma breve descrição do jardim; a sua botânica e a sua evolução através de plantas e postais antigos. Na figura 2 está representada o modelo adaptado da Ficha de Inventário utilizada para cada jardim.

FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE		Anexo n.º 1, pág. 1																																																			
Título:	IMAGEM DO JARDIM																																																				
Região:																																																					
Distrito:																																																					
Concelho:																																																					
Freguesia:																																																					
Proprietário:																																																					
Mentor:																																																					
Data de criação:																																																					
Tipo de proprietário:																																																					
Contacto do Jardim:																																																					
Endereço:	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="3">FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE</th> </tr> <tr> <th colspan="3">Anexo n.º 1, pág. 2</th> </tr> <tr> <th colspan="3">Descrição do jardim:</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>A francesa/barroco</td> <td>A inglesa</td> <td>A italiana/renascimento</td> </tr> <tr> <td>Arboreto</td> <td>Botânico</td> <td>Campestre</td> </tr> <tr> <td>Contemporâneo</td> <td>De cobertura</td> <td>Eclético</td> </tr> <tr> <td>Etnológico</td> <td>Hortícola</td> <td>Medieval</td> </tr> <tr> <td>Miradouro</td> <td>Modernista</td> <td>Quinta de reprodução</td> </tr> <tr> <td>Romântico</td> <td>Rosciral</td> <td>Terraço</td> </tr> <tr> <td>Urbano</td> <td>Viveiro florestal</td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p><i>Tabela 1 - Descrição do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins &amp; Paysages).</i></p>		FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE			Anexo n.º 1, pág. 2			Descrição do jardim:			A francesa/barroco	A inglesa	A italiana/renascimento	Arboreto	Botânico	Campestre	Contemporâneo	De cobertura	Eclético	Etnológico	Hortícola	Medieval	Miradouro	Modernista	Quinta de reprodução	Romântico	Rosciral	Terraço	Urbano	Viveiro florestal																						
FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE																																																					
Anexo n.º 1, pág. 2																																																					
Descrição do jardim:																																																					
A francesa/barroco	A inglesa	A italiana/renascimento																																																			
Arboreto	Botânico	Campestre																																																			
Contemporâneo	De cobertura	Eclético																																																			
Etnológico	Hortícola	Medieval																																																			
Miradouro	Modernista	Quinta de reprodução																																																			
Romântico	Rosciral	Terraço																																																			
Urbano	Viveiro florestal																																																				
Telefone:	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="3">Elementos decorativos:</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Água</td> <td>Alegretes</td> <td>Aquedutos</td> </tr> <tr> <td>Azulejaria</td> <td>Balaustrada</td> <td>Bancos</td> </tr> <tr> <td>Barroco</td> <td>Caleira</td> <td>Canal</td> </tr> <tr> <td>Caramanchão</td> <td>Casa</td> <td>Cascata</td> </tr> <tr> <td>Cisterna</td> <td>Coreto</td> <td>Curso</td> </tr> <tr> <td>Edifício</td> <td>Eixo</td> <td>Embrechados</td> </tr> <tr> <td>Escultura</td> <td>Esguichos</td> <td>Espelho</td> </tr> <tr> <td>Estátua</td> <td>Estufa</td> <td>Follies</td> </tr> <tr> <td>Fonte</td> <td>Fresco</td> <td>Giocchi</td> </tr> <tr> <td>Grotto</td> <td>Lago</td> <td>Mina</td> </tr> <tr> <td>Miradouro</td> <td>Mirante</td> <td>Nora</td> </tr> <tr> <td>Pavilhão</td> <td>Pérgola</td> <td>Poço</td> </tr> <tr> <td>Ponte</td> <td>Pórtico</td> <td>Quiosque</td> </tr> <tr> <td>Relva</td> <td>Repuxos</td> <td>Sacra</td> </tr> <tr> <td>Tanque</td> <td>Topiária</td> <td>Treficas</td> </tr> <tr> <td>Via</td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p><i>Tabela 2 - Elementos decorativos existentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins &amp; Paysages).</i></p>		Elementos decorativos:			Água	Alegretes	Aquedutos	Azulejaria	Balaustrada	Bancos	Barroco	Caleira	Canal	Caramanchão	Casa	Cascata	Cisterna	Coreto	Curso	Edifício	Eixo	Embrechados	Escultura	Esguichos	Espelho	Estátua	Estufa	Follies	Fonte	Fresco	Giocchi	Grotto	Lago	Mina	Miradouro	Mirante	Nora	Pavilhão	Pérgola	Poço	Ponte	Pórtico	Quiosque	Relva	Repuxos	Sacra	Tanque	Topiária	Treficas	Via		
Elementos decorativos:																																																					
Água	Alegretes	Aquedutos																																																			
Azulejaria	Balaustrada	Bancos																																																			
Barroco	Caleira	Canal																																																			
Caramanchão	Casa	Cascata																																																			
Cisterna	Coreto	Curso																																																			
Edifício	Eixo	Embrechados																																																			
Escultura	Esguichos	Espelho																																																			
Estátua	Estufa	Follies																																																			
Fonte	Fresco	Giocchi																																																			
Grotto	Lago	Mina																																																			
Miradouro	Mirante	Nora																																																			
Pavilhão	Pérgola	Poço																																																			
Ponte	Pórtico	Quiosque																																																			
Relva	Repuxos	Sacra																																																			
Tanque	Topiária	Treficas																																																			
Via																																																					
E-mail:	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="3">Elementos vegetais:</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Arbustos</td> <td>Árvores</td> <td>Árvores de alinhamento</td> </tr> <tr> <td>Árvores de frutos</td> <td>Árvores notáveis</td> <td>Cactos e plantas suculentas</td> </tr> <tr> <td>Fetos</td> <td>Herbáceas vivazes</td> <td>Plantas anciais</td> </tr> </tbody> </table> <p><i>Tabela 3 - Elementos vegetais presentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins &amp; Paysages).</i></p>		Elementos vegetais:			Arbustos	Árvores	Árvores de alinhamento	Árvores de frutos	Árvores notáveis	Cactos e plantas suculentas	Fetos	Herbáceas vivazes	Plantas anciais																																							
Elementos vegetais:																																																					
Arbustos	Árvores	Árvores de alinhamento																																																			
Árvores de frutos	Árvores notáveis	Cactos e plantas suculentas																																																			
Fetos	Herbáceas vivazes	Plantas anciais																																																			
Página web:	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="3">Abertura ao público:</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Aberto ao público</td> <td>Abertura sujeita a pedido</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Bilhete de entrada</td> <td>Não visitável</td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p><i>Tabela 4 -</i></p>		Abertura ao público:			Aberto ao público	Abertura sujeita a pedido		Bilhete de entrada	Não visitável																																											
Abertura ao público:																																																					
Aberto ao público	Abertura sujeita a pedido																																																				
Bilhete de entrada	Não visitável																																																				
Localização:	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="3">Estatuto do jardim:</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Privado</td> <td></td> <td>Público</td> </tr> </tbody> </table> <p><i>Tabela 5 - Estatuto do Jardim em estudo. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins &amp; Paysages).</i></p>		Estatuto do jardim:			Privado		Público																																													
Estatuto do jardim:																																																					
Privado		Público																																																			
Coordenadas:																																																					
Latitude:																																																					
Longitude: -																																																					

FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE		Anexo n.º 1, pág. 3																
Classificado:	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Em vias de classificação</th> <th colspan="2">Imóvel de interesse público</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Monumento de interesse público</td> <td></td> <td>Monumento Nacional</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Nenhum classificado</td> <td></td> <td>Património Nacional</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Zona especial de proteção</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p><i>Tabela 6 - Classificação do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins &amp; Paysages).</i></p>		Em vias de classificação		Imóvel de interesse público		Monumento de interesse público		Monumento Nacional		Nenhum classificado		Património Nacional		Zona especial de proteção			
Em vias de classificação		Imóvel de interesse público																
Monumento de interesse público		Monumento Nacional																
Nenhum classificado		Património Nacional																
Zona especial de proteção																		
Breve descrição do Jardim:																		
Botânica:																		
Evolução do jardim através de plantas e postais antigos:																		
Observação:																		
Bibliografia:																		

Figura 2 – Modelo da Ficha de Inventário utilizada para cada jardim estudado. (Fonte: autora)

## 2.4 Fontes, recolha e processamento de dados

A recolha de dados para a realização dos casos de estudo foi realizada através de diferentes bibliotecas e arquivos, nomeadamente a Biblioteca Municipal de Faro, a Biblioteca do Museu do Convento de Nossa Senhora da Assunção, o Arquivo Distrital de Faro e a Biblioteca da Universidade do Algarve. Outra fonte de informação, a Divisão de Ordenamento do Território – Serviço de Regeneração Urbana disponibilizou cartografias, imagens de postais antigos e transcrições de atas das sessões da Câmara Municipal de Faro e de livros de correspondência. Também foram consultados trabalhos académicos (relatórios, dissertações, entre outros) e retirou-se informação na Internet, através de websites credíveis.

O preenchimento de cada Ficha de Inventário foi realizado por ordem cronológica: começando no século XVI – Convento de Nossa Senhora da Assunção e o Paço Episcopal de Faro, século XVIII – Horta do Ourives, século XIX – Jardim da Alameda João de Deus e século XX – Jardim Manuel Bívar e Quinta Júdice Fialho.

Após um processo complexo e metucioso para cada caso de estudo, as Fichas de Inventário permaneciam sempre em constante alteração devido ao aparecimento de novas informações para cada jardim.

As Fichas de Inventário de Jardins Históricos do Algarve – Faro foram adaptadas das fichas do inventário europeu<sup>19</sup>. Este inventário europeu tem uma base de dados de quatro países: França, Portugal, Bélgica e Inglaterra.

---

<sup>19</sup> <http://europeangardens.eu/inventaires-numeriques/presentation-des-inventaires-europeens/>

## 2.5 Casos de Estudo

### 2.5.1 - Levantamento do traçado e da composição do Convento de Nossa Senhora da Assunção, Faro

Com a expulsão dos judeus, em finais do século XV, a antiga judiaria de Faro localizava-se no mesmo sítio onde permanece nos dias de hoje (Figura 3) o Convento de Nossa Senhora da Assunção (MARQUES, 1991, p.87). Convento construído numa zona nobre ao pé de uma das entradas da cidade, no início do século XVI (1519) por duas donatárias pertencentes à Casa das Rainhas: D. Leonor (terceira mulher de D. Manuel I)<sup>20</sup> e D. Catarina (mulher de D. João III).<sup>21</sup>

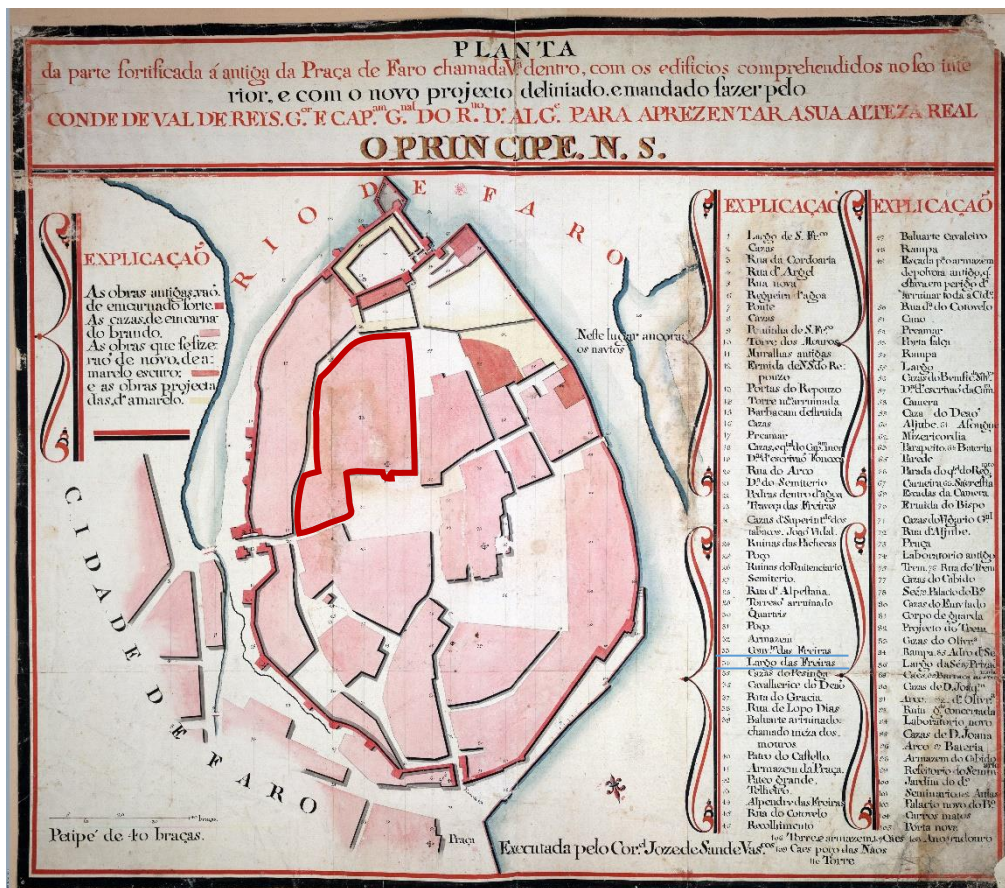


Figura 3 - Planta da parte fortificada da antiga Praça de Faro, elaborada por José de Sande Vascellos, em 1790.

<sup>20</sup> Desde 1491, “D. João II faz, a 14 de abril de 1491, uma doação das terras de Faro e Silves à sua mulher, a Rainha D. Leonor, passando a vila de Faro a integrar os bens da Casa da Rainha” (PAULO, 2007, p.35).

<sup>21</sup> D. Catarina era avó de D. Sebastião (RIBAS, 1985, p. 23).

No antigo “Terreiro das Freiras”, atualmente Praça Dom Afonso III, ergueu-se um edifício de grande importância para a Vila de Faro, o Convento de Nossa Senhora da Assunção. Dália Paulo descreve o lugar “(...) desde meados do século seguinte um local enobrecido pela edificação do Convento de Nossa Senhora da Assunção, segundo o traço do Primeiro Renascimento, exemplar único na região e que contava com a proteção da Rainha” (PAULO, 2017).

Com a chegada de duas freiras vindas de Beja, Maria das Chagas e Leonor Trindade, trouxeram a Faro a Ordem de Santa Clara; conseguiram alterar a estrutura conventual da própria cidade.<sup>22</sup> Frei João de S. José cita na *Corografia do Reino do Algarve*, “Dentro, na própria cidade, tem outro mosteiro de freiras capuchas da mesma ordem, que vivem em grande recolhimento e aspereza, o qual teve princípio em ãs mulheres honradas e velhas que naquele mesmo lugar faziam vida recolhida, à maneira de beatas; e esta devota rainha lhes edificou mosteiro sumptuoso e provê de todo o necessário” (GUERREIRO; MAGALHÃES, 1983, p.46).

O convento teve três fases de construção: a primeira fase entre 1519 e 1525 a cargo da rainha D. Leonor, a segunda fase entre 1529 e 1550, e a terceira fase decorreu entre 1552 e 1564. As últimas duas fases foram a cargo da rainha D. Catarina. Frei Jerónimo de Belém, cronista da *Província dos Algarves*, indica o ano de 1519 para o início da construção do convento: “No anno de 1519 chegarão a Faro (...) Foi-lhes signalado o sitio do Castello, dentro de muros, para a fábrica da Igreja, e Mosteiro, a que se deu principio” (BELEM, 1758, p.353). Com a morte do rei D. Manuel I em 1521, houve necessidade de haver uma interrupção na construção do convento, onde mais tarde em 1529, D. João III sobe ao trono e dá à sua mulher as posses dessas terras. D. Catarina contrata o arquiteto Afonso Pires<sup>23</sup> para continuar as obras e nesse mesmo ano retornam à construção do convento.

Durante a segunda fase, o claustro do convento ficou terminado (1548) e ainda foi aberto ao público para o visitarem antes de entrar em clausura. Dália Paulo, menciona que o convento na “(...) década de 1530 – 1540 é de grande actividade construtiva, como

---

<sup>22</sup> Saída dos frades capuchos e a chegada dos frades franciscanos.

<sup>23</sup> Contudo, também trabalharam dois mestres pedreiros, Álvaro Pires e Diogo Pires, que ajudaram também na construção do convento (RIBAS, 1985, p.23).

se pode verificar pela data do portal da igreja (1539) e pelo ano da entrada do claustro em clausura (1548) (...)” (PAULO, 2006, p.152) Também o professor José Horta Correia considera o claustro como “um dos primeiros exemplares da tipologia de claustros proto-renascentistas portugueses (...)” (CORREIA, 1991, p.274).

Através dos princípios da arquitetura renascentista, a recriação do jardim do claustro teve como base o *hortus conclusus*<sup>24</sup>, “(...) jardim fechado ou jardim secreto dentro de um jardim, geralmente um jardim de rosas com fontes, caminhos e árvores de fruto.” (AZAMBUJA, 2009, p.53). Aurora Carapinha caracteriza o claustro como “(...) um espaço fechado, mas também totalmente aberto vivido como um jardim de forma quadrada que capta um pedaço do céu. É constituído por lugar de meditação, o claustro, é onde os Homens em oração podem difundir o seu espírito” (CARAPINHA, 2006).

Tipicamente quadripartido (Figura 4), o claustro tinha ao centro do seu jardim um poço ou uma fonte – simbolizava a vida do paraíso. “Rosas, lírios e açucenas eram cultivados nestes jardins utilitários pelo seu significado religiosos aliado à sua beleza e fragância. Durante a época medieval as plantas eram cultivadas não só pelas suas propriedades medicinais, mas também pelo prazer sensual que proporcionavam a criação de perfumes e cosméticos” (AZAMBUJA, 2009, p.52). Na Figura 5, é demonstrado um exemplo hipotético de como seria o traçado do jardim. Pensa-se que eram cultivadas plantas com significado religioso e pela sua fragância e beleza. Segundo Ronchetti, no jardim eram encontradas “ (...) plantas cheias de significados simbólicos: a rosa, que representa a Virgem, mas também símbolo do sangue divino e, pelos seus espinhos, símbolo das penas de amor; o lírio, símbolo da pureza e da pobreza; as violetas, símbolo da modéstia e da humildade; a romã, que representa a sólida união da igreja; a palmeira, símbolo da justiça, da vitória e da fama; a figueira, metáfora da doçura, da fertilidade, do bem-estar, da salvação; a oliveira, símbolo da misericórdia e da paz; o trevo, que alude à Trindade.” (RONCHETTI, 2009, p.268)

Em 1573 o rei D. Sebastião visita o convento. O cronista João Cascão no livro *Jornada ao Alentejo e ao Algarve* descreve a visita do rei como: “El-Rei, acabada a missa,

---

<sup>24</sup> Claustro conventual quadripartido com um poço ou uma fonte no centro do jardim e os seus canteiros possuem plantas aromáticas e medicinais.

veio ver o mosteiro das freiras de Nossa Senhora da Assumpção, entrou dentro do mosteiro, e andou vendo-o todo (...)" (LOUREIRO, 1984, p.115).

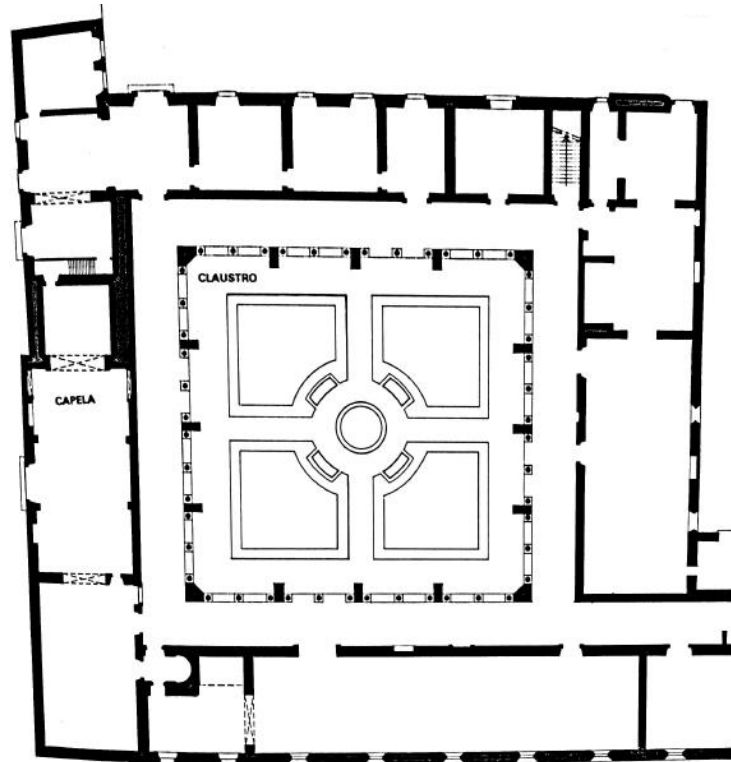
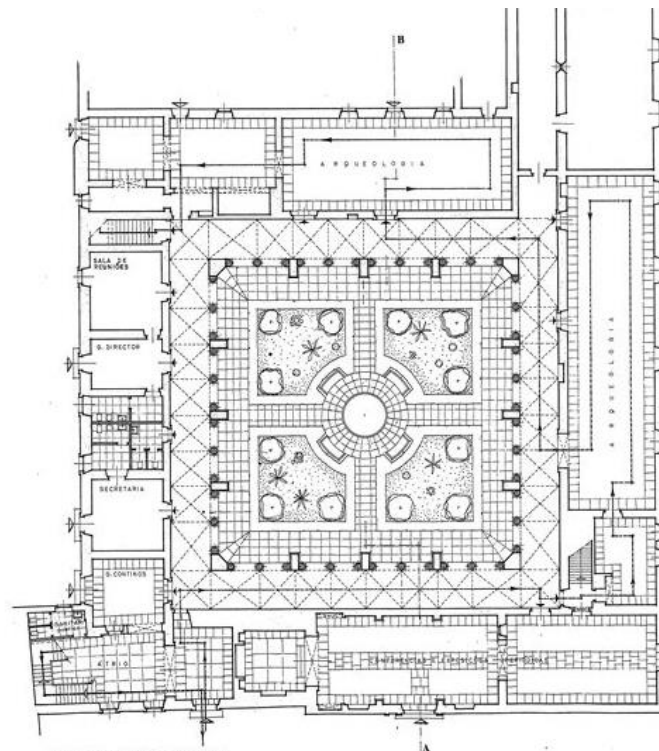


Figura 4 - Planta vista de cima do claustro de Nossa Senhora da Assunção de Faro. (Fonte: PAULA, 1993, p.229).



PLANTA DO PAVIMENTO  
Sistema de Informação para o Património Arquitectónico  
ARQUEOLOGIA DE VISITAS  
FORTE DE SACAVÉM

Figura 5 - Planta do claustro de Nossa Senhora da Assunção de Faro por Gonçalo Lyster Franco, da DGEMN. (Fonte: Revista Monumentos n.º 24).

A 25 de julho de 1596 o convento foi saqueado e incendiado pelas tropas do Conde de Essex, como nos conta Frei Jerónimo Belém: “(...) lançáraõ fogo (...) em cujos incêndios padeceo o nosso Mosteiro o mayor estrago, ficando quasi todo reduzido a cinzas (...)” (BELÉM, 1758, p.361). Mais tarde, a 1 de novembro de 1755 o convento volta a sofrer danificações devido ao terramoto que arrastou a maior parte da cidade de Faro, obrigando as freiras a mudarem-se durante alguns anos. O encerramento do convento deu-se de forma gradual, com “(...) a extinção das obras religiosas as freiras foram transferidas, em 1836, para o Convento das Bernardas, em Tavira” (PAULO, 2006, p.156).

Entre as segundas metades do século XIX e do século XX, o convento teve vários proprietários. Em 1860 o convento foi vendido a José Maria de Carvalho e a Teodoro José Tavares, passados quarenta anos, volta a ser vendido a Abrahão Amram que converte o convento numa fábrica de rolhas e preparação de cortiça. Em 1920 volta a ser vendido a Samuel Amram que converte só a fábrica de cortiça, sendo posteriormente vendido a dois alemães – Greiner e Fritz Henzler em 1930. Em 1948 o convento foi classificado como Monumento Nacional (PAULO, 2006, p.156).

Pouco tempo depois, a Câmara Municipal de Faro adquire o convento em 1960 com o intuito de lá instalar o Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique. A sua inauguração deu-se passado treze anos (1973)<sup>25</sup> devido à intervenção de reabilitação da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. A Biblioteca Municipal também funcionou no mesmo edifício até 2002, sendo transferida para o edifício do antigo Matadouro Municipal.

Nas seguintes figuras, está representada a evolução do jardim do claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção, desde 1959 até 2019, com base em imagens do SIPA<sup>26</sup> que serviram de referências para a demonstração da sua evolução.

---

<sup>25</sup> Apesar de ainda não estar concluído, só em 1981.

<sup>26</sup> Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.

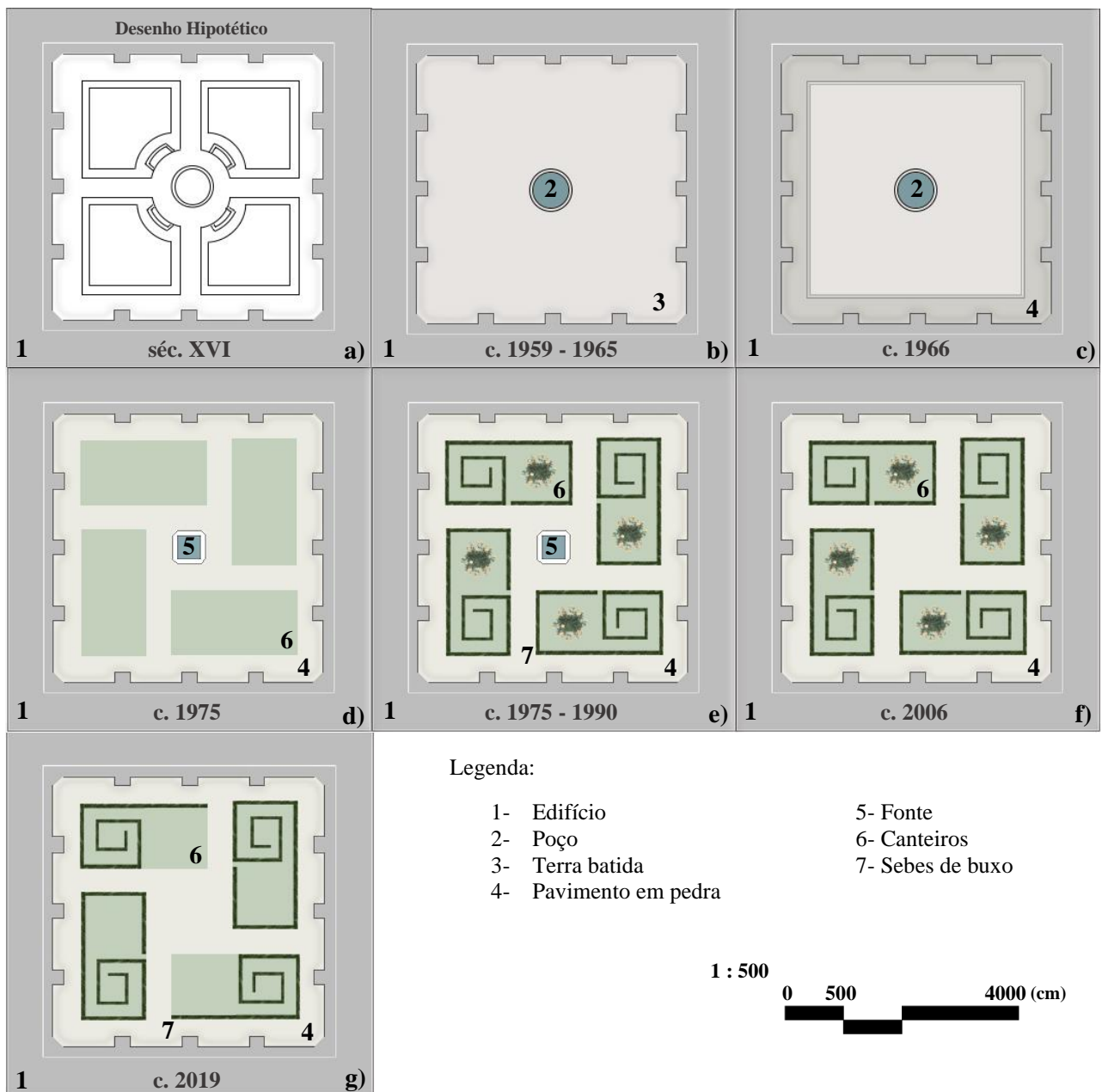


Figura 6 - Evolução do traçado e da composição do jardim do claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção, adaptado de plantas e fotografias antigas do livro "Faro, Evolução Urbana e Património", 1993 e do SIPA: a) traçado hipotético com base em jardins de claustros do século XVI\*; b) entre 1959 e 1965; c) 1966; d) 1975; e) entre 1975 e 1990; f) 2006; g) 2019.

\* "A quadripartição dos jardins medievais e a existência de uma fonte ou poço no seu centro é uma tipologia frequentemente adotada nos jardins dos claustros. A quadripartição dos canteiros está fortemente ligada à descrição bíblica dos quatro rios do paraíso, assim como a presença da água na forma de fonte ou poço com a simbólica cristã da purificação através do batismo." (AZAMBUJA, 2009, p.52)

SIPA.FOTO.0017035



SIPA.FOTO.0017037



*Figura 7 - Convento de Nossa Senhora da Assunção entre 1959 e 1965. (Fonte: SIPA)*

SIPA.FOTO.0017170



SIPA.FOTO.0017173



*Figura 8 - Convento de Nossa Senhora da Assunção em 1966. (Fonte: SIPA)*

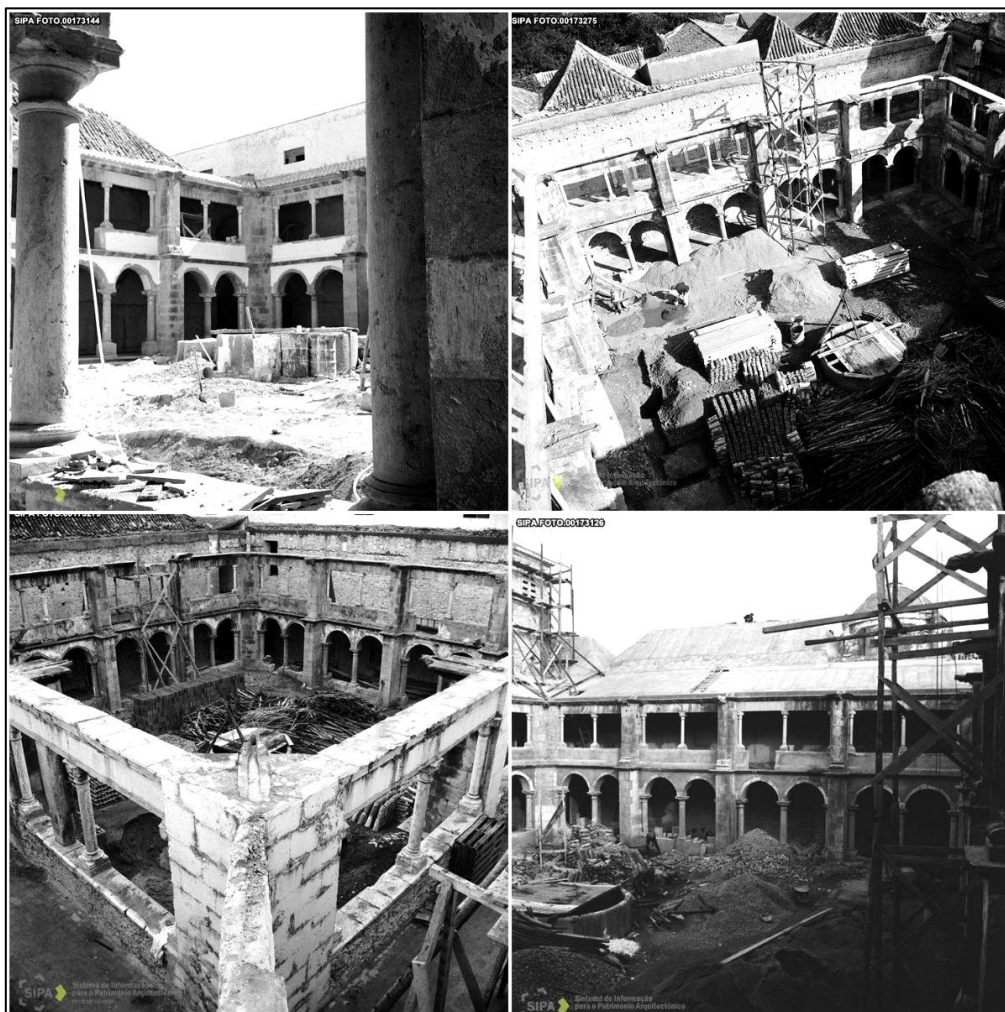


Figura 9 - Convento de Nossa Senhora da Assunção em 1967. (Fonte: SIPA)

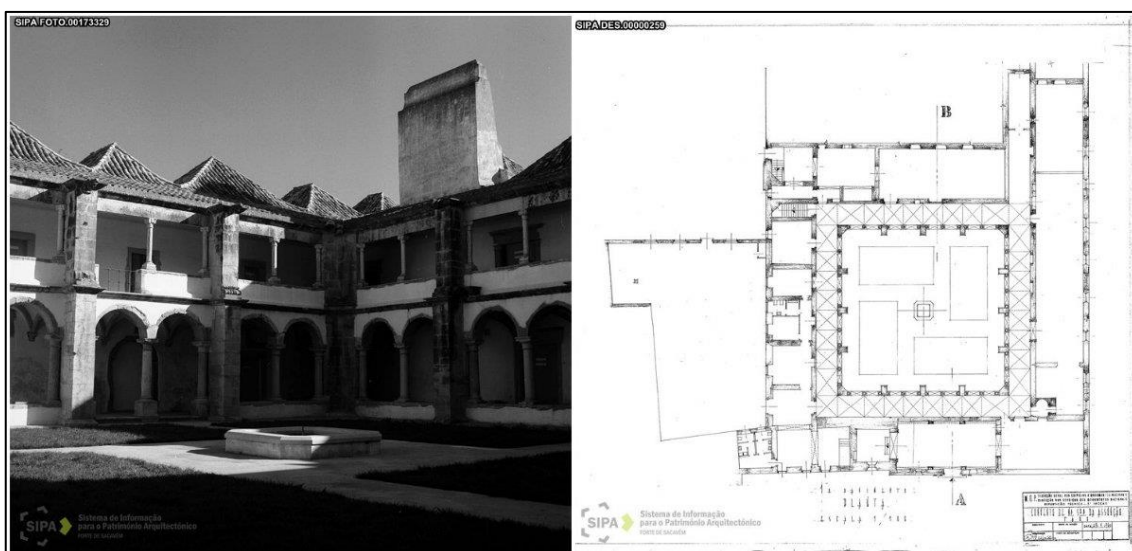


Figura 10 - Convento de Nossa Senhora da Assunção em 1975 e Planta do convento em 1990. (Fonte: SIPA)



Figura 11 - Convento de Nossa Senhora da Assunção em 2006. (Fonte: SIPA)

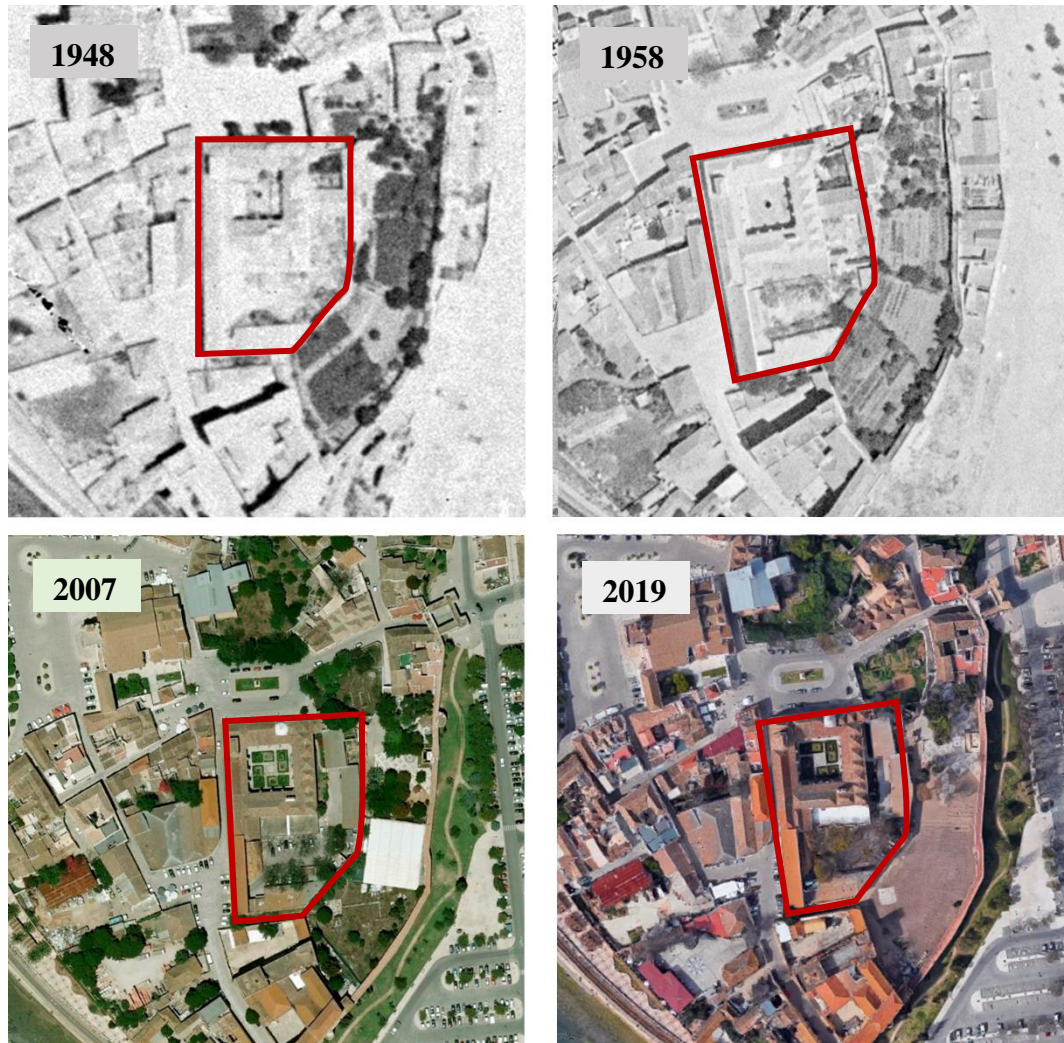


Figura 12 – Extrato da evolução do jardim do claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)

**Título: Convento de Nossa Senhora da Assunção, Faro**

**Região: Algarve**

**Distrito: Faro**

**Concelho: Faro**

**Freguesia: União de freguesias da Sé e de São Pedro**

**Proprietário: Câmara Municipal de Faro**

**Autor: Arquiteto Afonso Pires e**

**Mestre-de-obras Diogo Pires e Álvaro Pires**

**Data de criação: 1519 (século XVI)**

**Tipo de proprietário: Câmara Municipal de Faro**



*Figura 1 - Vista parcial do claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção (Fonte: autora).*

Contacto do Jardim:

**Endereço: Lrg. D. Afonso III, n.º 14 8000-149 Faro**

**Telefone: (+351) 289 870 827**

**E-mail: [museu.municipal@cm-faro.pt](mailto:museu.municipal@cm-faro.pt)**

Página web:

**[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4058](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4058)**

**<http://www.cm-faro.pt/5811/convento-da-nossa-senhora-da-assuncao/museu-municipal-de-faro.aspx>**

**<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70525>**

Localização:

**Coordenadas: 37° 0' 46,68 "N, 07° 36' 02,57 "W**

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A1, pág. 2

Descrição do jardim:

À francesa/barroco		À inglesa		À italiana/renascimento	<b>X</b>
Arboreto		Botânico		Campestre	
Contemporâneo		De cobertura		Eclético	
Etnológico		Hortícola		Medieval	<b>X</b>
Miradouro		Modernista		Quinta de reprodução	
Romântico		Roseiral		Terraço	
Urbano		Viveiro florestal			

*Tabela 1 – Descrição do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Elementos decorativos:

Água		Alegretes		Aquedutos	
Azulejaria		Balaustrada		Bancos	
Barroco		Caleira		Canal	
Caramanchão		Casa		Cascata	
Cisterna		Coreto		Curso	
Edifício		Eixo	<b>X</b>	Embrechados	
Escultura		Esguichos		Espelho	
Estátua		Estufa		Follies	
Fonte		Fresco		Giochi	
Grottoe		Lago		Mina	
Miradouro		Mirante		Nora	
Pavilhão		Pérgola		Poço	
Ponte		Pórtico		Quiosque	
Relva		Repuxos		Sacra	
Tanque		Topiária		Trelicas	
Via					

*Tabela 2 - Elementos decorativos existentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Elementos vegetais:

Arbustos	<b>X</b>	Árvores		Árvores de alinhamento	
Árvores de frutos		Árvores notáveis		Cactos e plantas suculentas	
Fetos		Herbáceas vivazes		Plantas anciais	

*Tabela 3 - Elementos vegetais presentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Abertura ao público:

Aberto ao público	<b>X</b>	Abertura sujeita a pedido	
Bilhete de entrada	<b>X</b>	Não visitável	

*Tabela 4 -*

Estatuto do jardim:

Privado		Público	<b>X</b>
---------	--	---------	----------

*Tabela 5 - Estatuto do Jardim em estudo. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A1, pág. 3

Classificado:

Em vias de classificação	Imóvel de interesse público	
Monumento de interesse público	Monumento Nacional	X
Nenhum classificado	Património Nacional	
Zona especial de proteção		

Tabela 6 - Classificação do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Breve descrição do jardim:

O jardim do claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção, em Faro, com cerca de 470,315 m<sup>2</sup>, situado na Praça Dom Afonso III, foi mandado construir em 1519 pela Rainha D. Leonor (terceira mulher de D. Manuel I). Em 1521, D. Manuel I morre e sobe ao trono D. João III, onde sua mulher (D. Catarina) contrata o arquiteto Afonso Pires e dois mestres pedreiros, Diogo Pires e Álvaro Pires para continuarem a construção do claustro. Não se sabe quem desenhou o jardim do claustro do convento. Pensa-se que este jardim, no século XVI, era considerado como um *hortus conclusus*: fechado, quadripartido, ao seu centro havia um poço ou uma fonte (simbolizava o paraíso), as plantas tinham significado religioso: rosas, lírios, açucenas, violetas, romãs, trevos, palmeiras, figueiras e oliveiras, cada uma com o seu simbolismo, beleza e fragância. Atualmente, o jardim tem quatro canteiros retangulares, com desenhos em sebes de buxo.

Botânica:

*Buxus acuminata* Müll.Arg.

Evolução do jardim através de plantas e postais antigos:



Figura 2 - Planta da parte fortificada da antiga Praça de Faro, elaborada por José de Sande Vasconcelos, em 1790. (Fonte: PAULO, 2007).



Figura 3 - Plano Hidrográfico das barras e portos de Faro e Olhão, levantado de 1870 a 1873, sob a direção do Conselheiro F. Folque em 1885 (Fonte: <http://purl.pt/21968>).

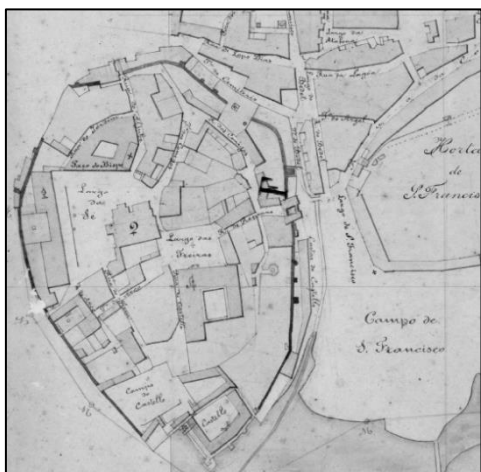


Figura 4 - Planta da cidade de Faro em 1869-1872. (Fonte: PAULA, 1993).

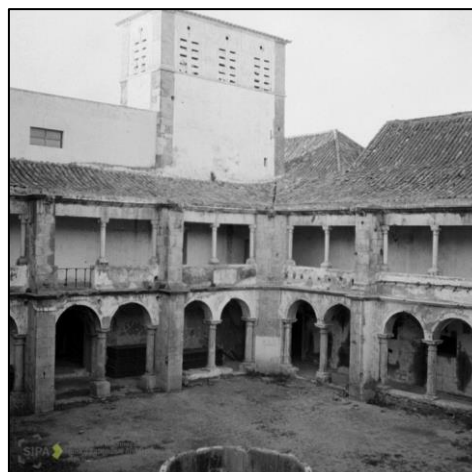


Figura 5 - Claustro do Convento em 1959. (Fonte: SIPA).



Figura 6 - Claustro do Convento em 1965. (Fonte: SIPA).



Figura 7 - Claustro do Convento em 1967. (Fonte: SIPA).



Figura 8 – Claustro do Convento em 1968. (Fonte: SIPA).



Figura 9 – Claustro do Convento em 1975. (Fonte: SIPA).

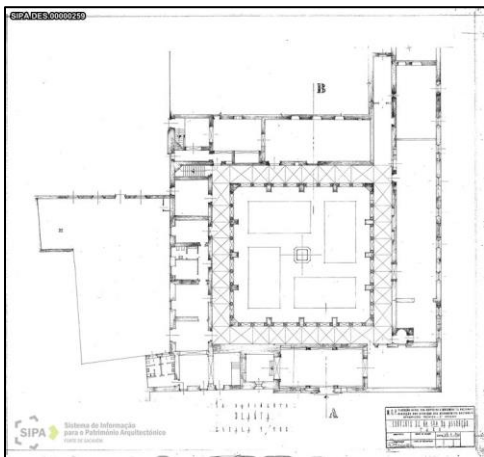


Figura 10 – Planta vista de cima do claustro do Convento em 1990. (Fonte: SIPA).

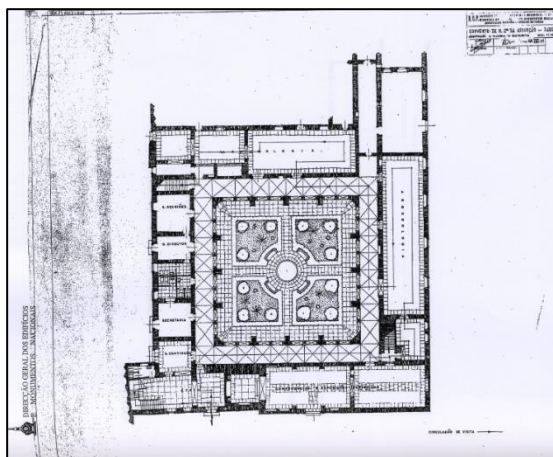


Figura 11 - Proposta de Gonçalo Lyster Franco para o o jardim do Convento. (Fonte: PAULO, 2007)



Figura 12 – Claustro do Convento em 2006. (Fonte: SIPA).



Figura 13 – Claustro do Convento em 2019. (Fonte: autora).

Bibliografia:

AZAMBUJA, Sónia Talhé – **A Linguagem Simbólica da Natureza. A Flora e a Fauna na Pintura Seiscentista Portuguesa**. Lisboa: Nova Veja, 2009.

BELÉM, Frei Jerónimo – **Chronica Seráfica da Santa Província dos Algarves da Regular Observancia do nosso Seráfico padre S. Francisco**, parte IV. Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1758.

CORREIA, José Eduardo Horta – **A importância dos colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991.

GUERREIRO, Manuel Viegas; MAGALHÃES, Joaquim Romero – **Duas Descrições do Algarve do Século XVI: Frei João de S. José, corografia do Reino do Algarve (1577): Henrique Fernandes Sarrão, História do Reino do Algarve (circa 1600)**. 1ª edição. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983. 182p.

LOUREIRO, Francisco de Sales; CASCÃO, João – **Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve: a alteração das linhas de força da política nacional**. [Lisboa]: Livros Horizonte. cop. 1984.

PAULA, Rui Mendes; PAULA, Frederico Mendes – **Faro, Evolução Urbana e Património**. Câmara Municipal de Faro, 1993. ISBN 972 – 95931 – 0 – 8

PAULO, Dália – **Fábrica da Cerveja Portugália e Convento das Freiras – estudo dos edifícios e projeto de adaptação a museu**. Revista Monumentos n.º 24. Lisboa: [s.l.], 2006.

PAULO, Dália – **O Convento de Nossa Senhora da Assunção: (des)construção da memória**. Dissertação e Mestrado em Arquitetura Paisagista, apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Faro, 2007. Vol.II.

RONCHETTI, Costanza – **Do Jardim Místico ao Jardim Profano – para uma leitura dos jardins medievais portugueses**. Revista de História da Arte n.º 7. Departamento de Ciências Musicais: FCSH-UNL, 2009.

Outra Bibliografia:

MARQUES, Teresa Portela; MAGALHÃES, Cristiane Maria – **Técnica, Arte e Cultura nos jardins de meados de oitocentos até ao limiar do século XX, em Portugal e no Brasil** [pdf]. Brasil: [s.l.], 2013. [Consult. maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: [https://www.academia.edu/5706116/T%C3%A9cnica\\_Arte\\_e\\_Cultura\\_nos\\_jardins\\_de\\_meados\\_de\\_oitocentos\\_at%C3%A9\\_ao\\_limiar\\_do\\_s%C3%A9culo\\_XX\\_em\\_Portugal\\_e\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/5706116/T%C3%A9cnica_Arte_e_Cultura_nos_jardins_de_meados_de_oitocentos_at%C3%A9_ao_limiar_do_s%C3%A9culo_XX_em_Portugal_e_no_Brasil) >.

Fontes Documentais:

GIEBELS, Daniel (2005); NETO, João (1991) – **Monumentos: n.º 24**. Lisboa: [s.l.]. [Consultado em março de 2019]: Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4058](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4058)

PAULA, Rui Mendes; PAULA, Frederico Mendes – **Faro, Evolução Urbana e Património**. Câmara Municipal de Faro, 1993.

## 2.5.2 - Levantamento do traçado e da composição do Paço Episcopal, Faro

Edificação notável presente no Largo da Sé, o Paço Episcopal surgiu no século XVI (1581/1585) por encomenda de D. Afonso de Castelo Branco (1522-1615)<sup>27</sup>. Com a transferência da sede do bispado da cidade de Silves para a cidade de Faro, em 1577, “por Silves ser doentio, e houve sempre muitas diferenças entre Silves e Faro, o qual, por residirem nele o Bispo e Cabido, (...)” (GUERREIRO; MAGALHÃES, 1983, p.163) servia também de um ponto de viragem a nível histórico. Devido às tropas inglesas do Conde de Essex (1596), o Paço teve de ser reconstruído e ampliado em diferentes alturas e por diferentes bispos. Desde o século XVI pelo bispo D. Fernando Martins Mascarenhas (1548-1628) (LAMEIRA; PAULO, 1998, p.9), passando pelo bispo D. Francisco Barreto II no século XVII (1671-1679) e por fim pelo bispo D. Simão Da Gama (1642-1715) entre o final do século XVII e o início do século XVIII (1685/1703)<sup>28</sup>.

Anos mais tarde a cidade de Faro sofre mais um momento histórico, com o efeito de todos os sismos causados pelo terramoto de 1755 o Paço volta a ser reconstruído pelo Bispo Frei Lourenço de Santa Maria (1704-1783) entre 1752 e 1783<sup>29</sup>.



Figura 13 - Vista panorâmica da fachada principal do Paço Episcopal de Faro. (Fonte: autora)

<sup>27</sup> Primeiro Bispo a residir na cidade de Faro.

<sup>28</sup> Folheto informativo: **azulejos do Paço Episcopal de Faro** (não publicado), 2019

<sup>29</sup> Folheto informativo: **azulejos do Paço Episcopal de Faro** (não publicado), 2019

O Paço Episcopal é considerado “(...) um dos melhores exemplares de Arquitectura Chã no Algarve” (LAMEIRA, 1999, pp.45/46). Edifício de dois pisos, D. Frei Lourenço de Santa Maria mandou revestir o vestíbulo, a escadaria e três salas de aparato de azulejaria “Rocaille” (LAMEIRA, 1997, p.3) representadas na Figura 14, não só é destacado pela arte de azulejar como pelo seu telhado de quatro águas e pelo seu portal<sup>30</sup>. Também merece referência o conjunto de pinturas de Marcello Leopardi, que se situam na segunda sala de aparato, a Galeria dos Bispos, que estão dispostos por ordem cronológica em que as suas ações foram mais significativas (Figura 15).



Figura 14 - Arte azulejar presente no Paço Episcopal de Faro. As duas figuras de cima situam-se na escadaria que liga os dois pisos; as imagens de baixo localizam-se nas salas de aparato. (Fonte: autora).



Figura 15 - Galeria dos Bispos, Paço Episcopal de Faro. (Fonte: autora)

<sup>30</sup> Folheto informativo: **azulejos do Paço Episcopal de Faro** (não publicado), 2019



Figura 16 – Atual jardim do Paço Episcopal de Faro. (Fonte: autora)

Não se sabe em que ano o jardim ficou concluído nem quem o desenhou. Existem fotografias aéreas desde 1948 (Figura 17) que se consegue perceber a sua forma e desenho. Atualmente o jardim é uma horta.

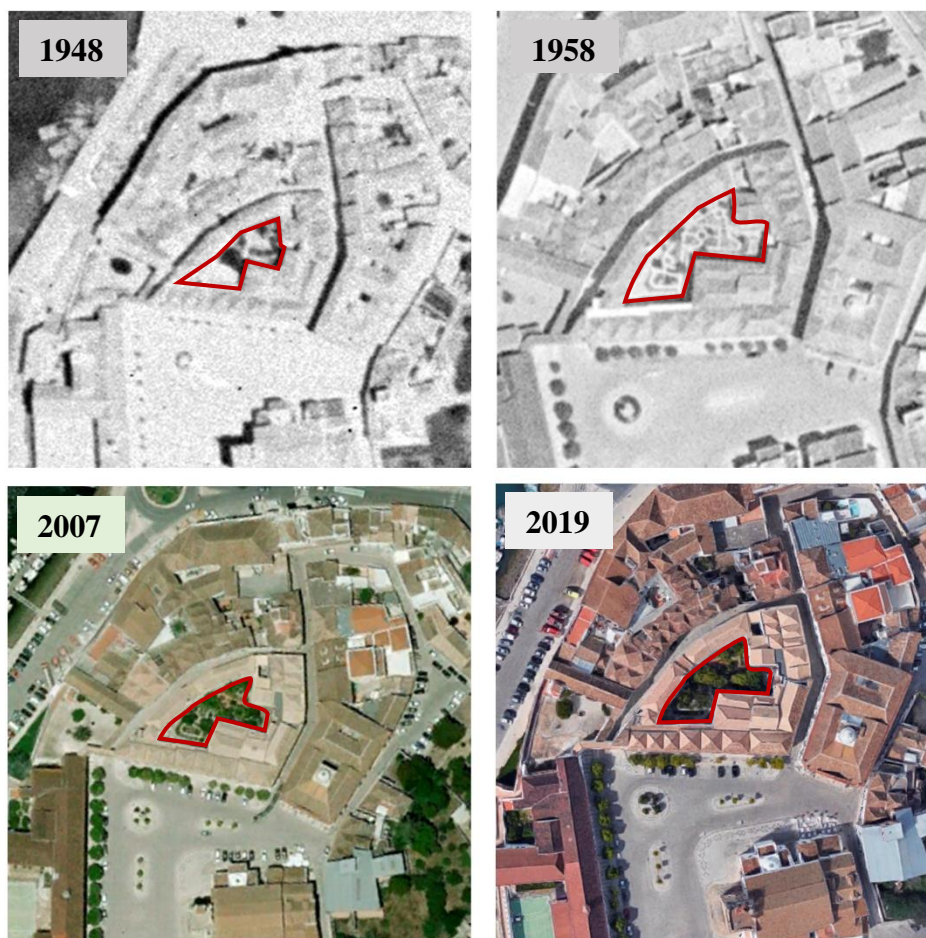


Figura 17 – Extrato da evolução do jardim do Paço Episcopal de Faro em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A2, pág. 1

Título: **Paço Episcopal, Faro**

Região: **Algarve**

Distrito: **Faro**

Concelho: **Faro**

Freguesia: **União de freguesias  
da Sé e de São Pedro**



Figura 1 - Vista parcial do Paço Episcopal de Faro. (Fonte: autora)

Proprietário: **Diocese do Algarve**

Autor: **Desconhecido**

Data de criação: **Século XVI**

Tipo de proprietário: **Igreja Católica**

Contacto do Jardim:

Endereço: **Largo da Sé n.º 15, Faro**

Telefone: **(+351) 289 894 040; 289 807 590**

E-mail: **servicosdepastoral@diocese-algarve.pt**

Página web: **www.diocese-algarve.pt/**

**[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4521](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4521)**

Localização:

Coordenadas: **37° 0' 49,57" N, 07° 56' 6,15" W**

Latitude:

Longitude:

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A2, pág. 2

Descrição do jardim:

À francesa/barroco	À inglesa	À italiana/renascimento
Arboreto	Botânico	Campestre
Contemporâneo	De cobertura	Eclético
Etnológico	Hortícola	Medieval
Miradouro	Modernista	Quinta de reprodução
Romântico	Roseiral	Terraço
Urbano	Viveiro florestal	

*Tabela 7 – Descrição do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Elementos decorativos:

Água	Alegretes	Aquedutos
Azulejaria	Balaustrada	Bancos
Barroco	Caleira	Canal
Caramanchão	Casa	Cascata
Cisterna	Coreto	Curso
Edifício	Eixo	Embrechados
Escultura	Esguichos	Espelho
Estátua	Estufa	Follies
Fonte	Fresco	Giochi
Grottoe	Lago	Mina
Miradouro	Mirante	Nora
Pavilhão	Pérgola	Poço
Ponte	Pórtico	Quiosque
Relva	Repuxos	Sacra
Tanque	Topiária	Trelicas
Via		

*Tabela 8 - Elementos decorativos existentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Elementos vegetais:

Arbustos	Árvores	Árvores de alinhamento
Árvores de frutos <b>X</b>	Árvores notáveis	Cactos e plantas suculentas
Fetos	Herbáceas vivazes	Plantas anciais

*Tabela 9 - Elementos vegetais presentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Abertura ao público:

Aberto ao público	Abertura sujeita a pedido
Bilhete de entrada	Não visitável <b>X</b>

*Tabela 10 -*

Estatuto do jardim:

Privado <b>X</b>	Público
------------------	---------

*Tabela 11 - Estatuto do Jardim em estudo. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A2, pág. 3

Classificado:

Em vias de classificação	Imóvel de interesse público	
Monumento de interesse público	Monumento Nacional	
Nenhum classificado	Património Nacional	
Zona especial de proteção	Edificação Notável	X

Tabela 12 - Classificação do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Breve descrição do jardim:

O jardim do Paço Episcopal de Faro, jardim privado em Faro, com cerca de 500,45 m<sup>2</sup>, situado no Largo da Sé, desconhece-se o autor e em que data ficou concluído o jardim. Atualmente o jardim é uma horta. O Paço Episcopal de Faro surgiu no século XVI por encomenda de D. Afonso de Castelo Branco. O Paço teve de ser reconstruído algumas vezes, devido às tropas do Conde de Essex e devido ao sismo de 1755.

Botânica:

**Sem informação.**

Evolução do jardim através de plantas e postais antigos:

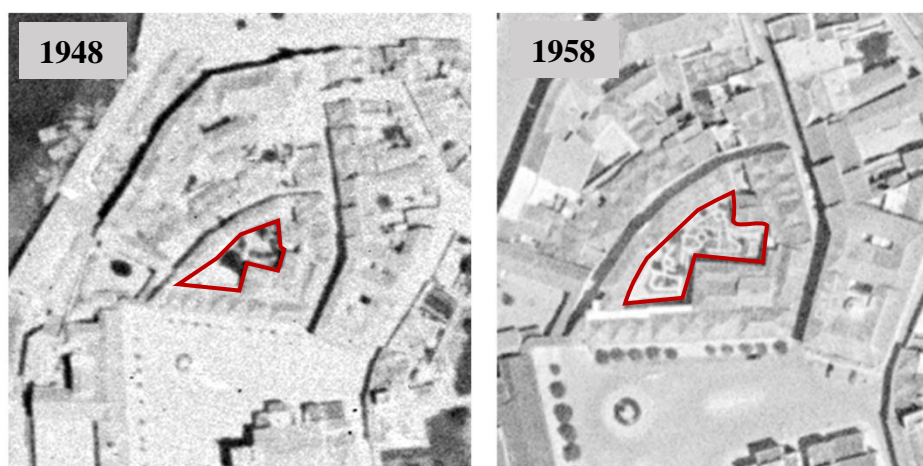


Figura 2 – Extrato da evolução do jardim do Paço Episcopal de Faro no ano 1948 e em 1958 com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)



Figura 3 – Extrato da evolução do jardim do Paço Episcopal de Faro, no ano de 2007 e em 2019 com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)

#### Bibliografia:

GUERREIRO, Manuel Viegas; MAGALHÃES, Joaquim Romero – **Duas Descrições do Algarve do Século XVI: Frei João de S. José, corografia do Reino do Algarve (1577): Henrique Fernandes Sarrão, História do Reino do Algarve (circa 1600)**. 1ª edição. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

LAMEIRA, Francisco – **Faro, edificações notáveis**. 2ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1997.

LAMEIRA, Francisco; PAULO, Dália – **Faro, ontem e hoje**. Faro: Câmara Municipal, Gabinete de Gestão e Reabilitação do Património Histórico, 1998.

LAMEIRA, Francisco – **Faro, a arte na história da cidade**. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1999.

#### Outras Bibliografias:

Folheto informativo: **azulejos do Paço Episcopal de Faro** (não publicado), 2019.

### 2.5.3 - Levantamento do traçado e da composição da Horta do Ourives

Situada numa das entradas da cidade de Faro, a Horta do Ourives é composta por um conjunto de edifícios: casa principal (casa nobre e capela), casa dos caseiros, dois armazéns (um deles, atualmente, é a Casa das Figuras) como também por antigos terrenos agrícolas. O conjunto de edifícios é separado pela EN 125 propositadamente, pois antes de se construir a horta já existia a “via de entrada na cidade” (Figura 18).



Figura 18 - Ortofotomapa de 2005 com parte da localização da Horta do Ourives e da estrada antiga nacional 125, que está representada a linha vermelha (adaptado). (Fonte:<http://idealg.ccdr-alg.pt/localizacoes.aspx>)

Uma das questões que se põe, é o porquê da designação de “horta” e não de “quinta” apesar de apresentar características para tal. Existem dois raciocínios possíveis, o primeiro está relacionado com o regionalismo, no Algarve a designação de “horta” deve-se a terrenos agrícolas que têm disponibilidade de água, por outro lado poderá ter sido a junção de várias “hortas” numa só, conservando o nome inicial (COSTA, 2002, p.31).

Para se conseguir perceber a Horta do Ourives, separou-se o conjunto de edifícios em três edifícios distintos: Edifício 1- Casa Nobre, Capela e Casa dos Caseiros; Edifício 2- Casa das Figuras e Edifício 3- Armazém Agrícola (Figura 19).



Figura 19 - Localização do edifício 1, 2 e 3 no ortofotomapa de 2018 (Fonte: Google Earth Pro)

Em meados do século XVIII, o Desembargador Veríssimo de Mendonça Manuel mandou edificar como sua residência, na entrada principal da cidade de Faro, a Horta de Ourives utilizando a arquitetura barroca (chã) na fachada da casa nobre.

O Edifício 1, anteriormente já referido, é constituído pela casa nobre, capela e a casa dos caseiros (Figura 20). Entre a casa principal e a casa dos caseiros existe um arco, que outrora era um portão de cantaria que estabelecia ligação ao interior da propriedade, mediante um pátio pavimentado e murado. Nesse pátio de carácter intimista, surge uma escadaria para o primeiro andar da casa, constituída por uma varanda com bancos embutidos, alternados por canteiros, que proporcionavam uma vista da paisagem envolvente como da própria propriedade (Figura 21).



*Figura 20 - Edifício 1: casa nobre, capela e casa dos caseiros. (Fonte: autora)*

A varanda era considerada como sendo uma área de fresco para a família, servindo para “observação dos trabalhos agrícolas uma forma de recreio e distração a quem os contemplava deste ponto, (...) virada a Este e da sombra que o edifício projeta nas tardes quentes de Verão.” (COSTA, 2002, p.32).



*Figura 21 - A tardez da casa nobre, encontrava-se a escadaria que fazia ligação à varanda da casa. (Fonte: autora)*

No primeiro andar, existem quatro vãos de porta que funcionavam como entrada da casa principal. A comunicação entre os pisos era realizada por outra escadaria, em forma de caracol, no interior da mesma.

Outro elemento presente, é a Capela. Votada à Senhora Santa Rita e à Senhora Santa Ana, também era denominada por Capela do Senhor do Bonfim. De planta octogonal, a sua porta com orientação a Sudeste fica de frente para o altar que tinha como orientação a Nordeste. A capela é marcada “por quatro arcos assentes sobre quatro pilastras com o corpo bem saliente, que dão origem ao quadrado de ângulos cortados” (PEREIRA, 2006, p.117). A capela usufrui de quatro espaços: o primeiro tem um lugar para a sepultura do desembargador, um arcossólio<sup>31</sup> para proteger o local e uma janela com reixa<sup>32</sup>; o segundo espaço está relacionado com a zona do altar; no terceiro existe uma “porta de verga curva, com lacrimais em pedra, que dá acesso à sacristia” onde por cima existia mais uma tribuna familiar e por fim o último espaço é a porta de entrada da capela, apresentando a seu lado o que sobra de uma pia de água-benta (em pedra) como também o óculo que favorecia “o jogo de luz e de sombra no interior” (PEREIRA, 2006, p.117) representado na Figura 22.

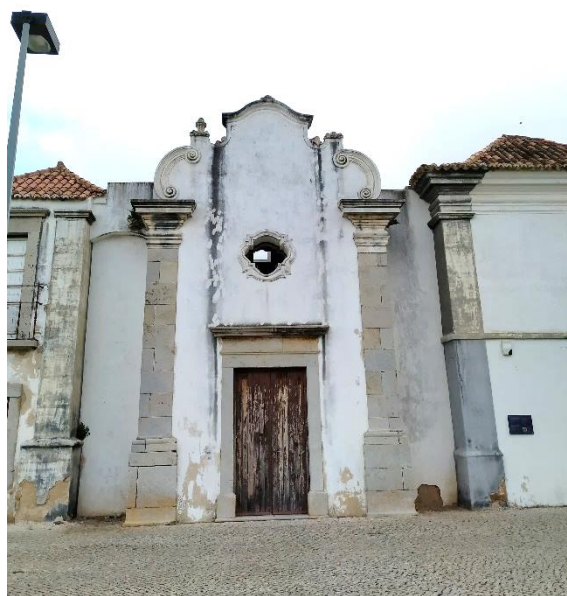


Figura 22 - Capela da Horta de Ourives. (Fonte: autora)

---

<sup>31</sup> Túmulo que está embutido na parede da capela.

<sup>32</sup> Grade que estava na janela para os aposentos da tribuna familiar.

O Edifício 2 situava-se numa área de 2.207 ha, na antiga zona de cultivo de hortícolas e ao pé de zonas de animais. Atualmente ainda existem elementos que marcam essa área, tais como: uma nora com alcatruzes e tanques de rega que ajudavam a abastecer água para a área agrícola e um armazém (Casa das Figuras) que era abastecido pelas colheitas realizada na propriedade. Armazém simples, de estilo barroco vernacular e dividido em dois edifícios no século XIX (Figura 23), hoje a Casa das Figuras é um só edifício. A sua construção foi realizada na mesma época da capela (1740) e os seus trabalhos em massa (Figura 24) despertaram o interesse a quem lá passa. Os conteúdos figurativos presentes na fachada principal da Casa das Figuras representam uma exuberante ornamentação de dois monstros encimados por uma figura humana. Francisco Lameira caracteriza o cimo da fachada como um “(...) armazém agrícola cuja platibanda é ornamentada por um nativo africano que abraça duas serpentes e dois golfinhos. Ao centro a representação de duas quimeras – animais fabulosos com cauda e asas de dragão, chifres e tetas de vaca” (LAMEIRA, 1999, p.73).



Figura 23 - Extrato da Planta da cidade de Faro, levantamento de B. M. E. d'Andrade em 1869, concluído por A. J. Perry em 1872. (Fonte: PAULA, 1993)



Figura 24 - Casa das Figuras em 2019. (Fonte: autora)

A tardoz da casa nobre, existia um terreno ajardinado que separava a área de lazer da área agrícola. Com uma área de 10.726 ha de terreno, o Edifício 3 situa-se a nordeste e tem presente uma “nora que abastecia não só o campo, como também a casa nobre com água conduzida através de um aqueduto, o qual foi interrompido aquando da construção da urbanização que se encontra em parte do terreno cultivável da Horta do Ourives” (PEREIRA,2006, p.118).



*Figura 25 - Aqueduto que ligava um dos armazéns à casa dos caseiros, para fornecer água para rega e uso doméstico. (Fonte: autora)*

Na década de 80 do século XX, com a construção da Av. Calouste Gulbenkian, a área de cultivo volta a sofrer alterações (Figura 26). Com apenas 1.521 ha, esta área era dedicada a culturas de sequeiro devido à inexistência de qualquer elemento que conseguisse fornecer água para este espaço.



*Figura 26 - Localização da área de cultivo de sequeiro até à década 1980. (Fonte: Google Maps,2019)*

A vegetação existente na Horta do Ourives era pouco diversificada. Na horta eram produzidas “(...) favas, ervilhas, (...) a zona de árvores deveria ser marcada pela laranja agra ou doce, limão, alfarroba e figo. É ainda provável que tivesse vinha” (PEREIRA, 2006, p.118).

O autor ou autores do conjunto da Horta do Ourives ainda é desconhecido, mas pensa-se que poderá ter sido Diogo Tavares e Ataíde; “(...) escultor, entalhador e mestre-pedreiro da cidade e contemporâneo de Veríssimo” (PEREIRA, 2006, p.120). Diogo Tavares incluía nas suas obras traços de estilo barroco, fazendo com que, à semelhança de outros dos seus trabalhos como a Horta do Ourives, tenham o mesmo estilo artístico.

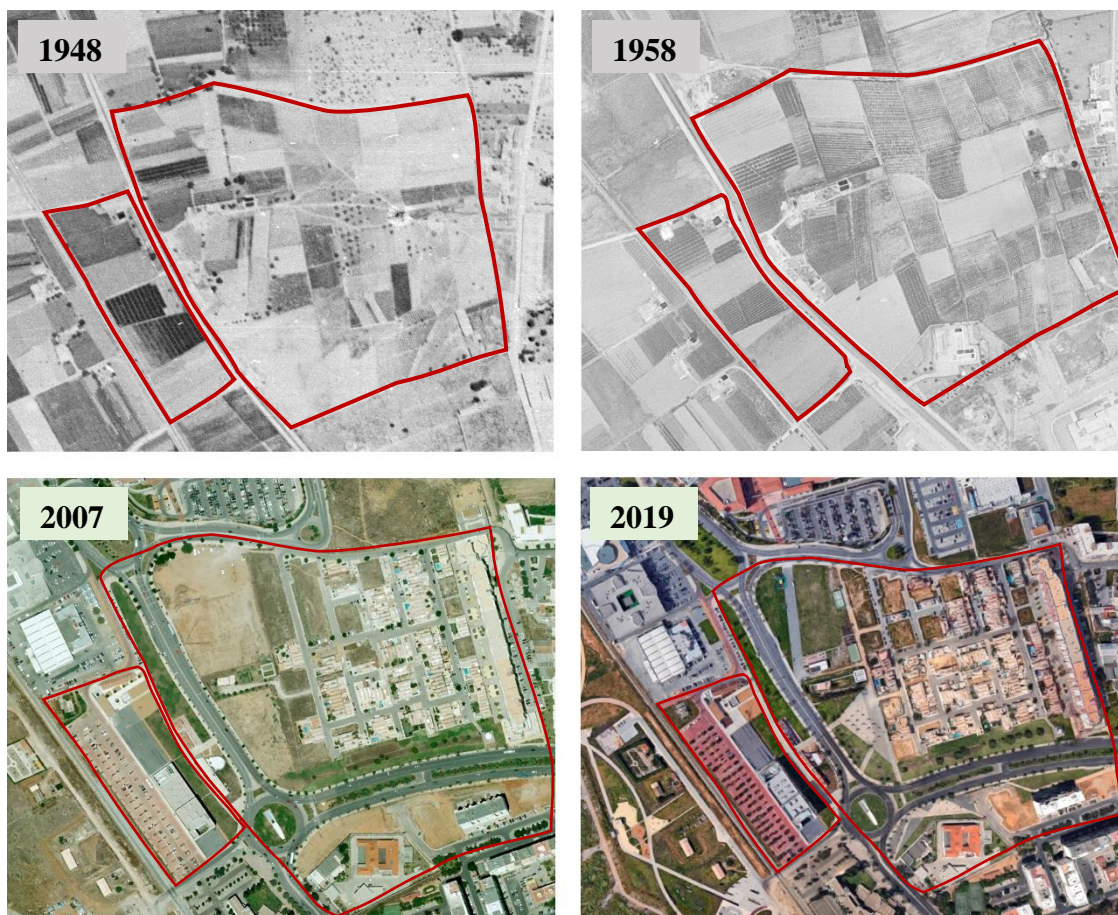


Figura 27 - Extrato da evolução da Horta do Ourives em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO, Google Earth Pro e Google Maps)



Figura 28 - Localização da Horta do Ourives no Plano Hidrográfico das barras e portos de Faro e Olhão, levantado de 1870 a 1873, sob a direção do conselheiro F. Folque em 1885. (Fonte: <http://purl.pt/21968>)

Título: **Horta do Ourives, Faro**

Região: **Algarve**

Distrito: **Faro**

Concelho: **Faro**

Freguesia: **União de freguesias da Sé e  
de São Pedro**



*Figura 1 – Parte do conjunto da Horta do Ourives. Vista parcial da casa principal e da casa dos caseiros. (Fonte: autora)*

Proprietário: **Desembargador Veríssimo de Mendonça Manuel**

Autor: **Desconhecido (pensa-se que poderá ter sido Diogo Tavares e Ataíde)**

Data de criação: **Século XVIII**

Tipo de proprietário: **Privado**

Contacto do Jardim:

Endereço: **Rua João de Brito Vargas, 8000-518, Faro**

Telefone:

E-mail:

Página web: **<http://www.cm-faro.pt/pt/6799/conjunto-da-casa-nobre-capela-e-antigas-dependencias-agricolas-da-horta-do-ourives.aspx>**

**[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2843](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2843)**

**<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72812>**

Localização:

Coordenadas: **37° 1' 32,32" N, 07° 56' 40,23" W**

Latitude:

Longitude:

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A3, pág. 2

Descrição do jardim:

À francesa/barroco	<b>X</b>	À inglesa		À italiana/renascimento	
Arboreto		Botânico		Campestre	
Contemporâneo		De cobertura		Eclético	
Etnológico		Hortícola	<b>X</b>	Medieval	
Miradouro		Modernista		Quinta de reprodução	<b>X</b>
Romântico		Roseiral		Terraço	
Urbano		Viveiro florestal			

Tabela 13 – Descrição do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Elementos decorativos:

Água		Alegretes		Aquedutos	<b>X</b>
Azulejaria		Balaustrada		Bancos	
Barroco	<b>X</b>	Caleira		Canal	
Caramanchão		Casa	<b>X</b>	Cascata	
Cisterna		Coreto		Curso	
Edifício	<b>X</b>	Eixo		Embrechados	
Escultura		Esguichos		Espelho	
Estátua		Estufa		Follies	
Fonte		Fresco		Giochi	
Grottoe		Lago		Mina	
Miradouro		Mirante		Nora	<b>X</b>
Pavilhão		Pérgola		Poço	
Ponte		Pórtico		Quiosque	
Relva		Repuxos		Sacra	
Tanque	<b>X</b>	Topiária		Trelicas	
Via					

Tabela 14 - Elementos decorativos existentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Elementos vegetais:

Arbustos	<b>X</b>	Árvores	<b>X</b>	Árvores de alinhamento	
Árvores de frutos		Árvores notáveis		Cactos e plantas suculentas	
Fetos		Herbáceas vivazes		Plantas anciais	

Tabela 15 - Elementos vegetais presentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Abertura ao público:

Aberto ao público	<b>X</b>	Abertura sujeita a pedido	
Bilhete de entrada		Não visitável	<b>X</b>

Estatuto do jardim:

Privado	<b>X</b>	Público	<b>X</b>
---------	----------	---------	----------

Tabela 16 - Estatuto do Jardim em estudo. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A3, pág. 3

Classificado:

Em vias de classificação	Imóvel de interesse público	<b>X</b>
Monumento de interesse público	Monumento Nacional	
Nenhum classificado	Património Nacional	
Zona especial de proteção		

*Tabela 17 - Classificação do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Breve descrição do jardim:

**A Horta do Ourives, horta privada e pública em Faro, com cerca de 154 781,86 m<sup>2</sup>, situada na entrada da cidade de Faro, é desconhecido o autor ou autores do conjunto da Horta do Ourives, mas pensa-se que poderá ter sido Diogo Tavares e Ataíde. A horta é dividida em três zonas. A primeira zona situava-se a casa nobre e a casa dos caseiros, a segunda era a zona agrícola e onde situavam os animais e a última era a zona de cultivo de sequeiro. Atualmente, a Horta de Ourives já não é um conjunto. A casa nobre pertence ao grupo folclórico de Faro, a casa dos caseiros é um restaurante, na antiga zona de sequeiro está uma urbanização, na zona agrícola que contem ainda parte do aqueduto está para venda, etc.**

Botânica:

*Ceratonia siliqua L., Citrus sinensis (L.) Osbeck, Ficus carica L., Pisum sativum L., Vicia faba L.*

Evolução do jardim através de plantas e postais antigos:



*Figura 2 - Extrato da Planta da cidade de Faro, levantamento de B. M. E. d'Andrade em 1869, concluído por A. J. Perry em 1872. (Fonte: PAULA, 1993)*



*Figura 3 - Localização da Horta do Ourives no Plano Hidrográfico das barras e portos de Faro e Olhão, levantado de 1870 a 1873, sob a direção do conselheiro F. Folque em 1885. (Fonte: <http://purl.pt/21968>)*

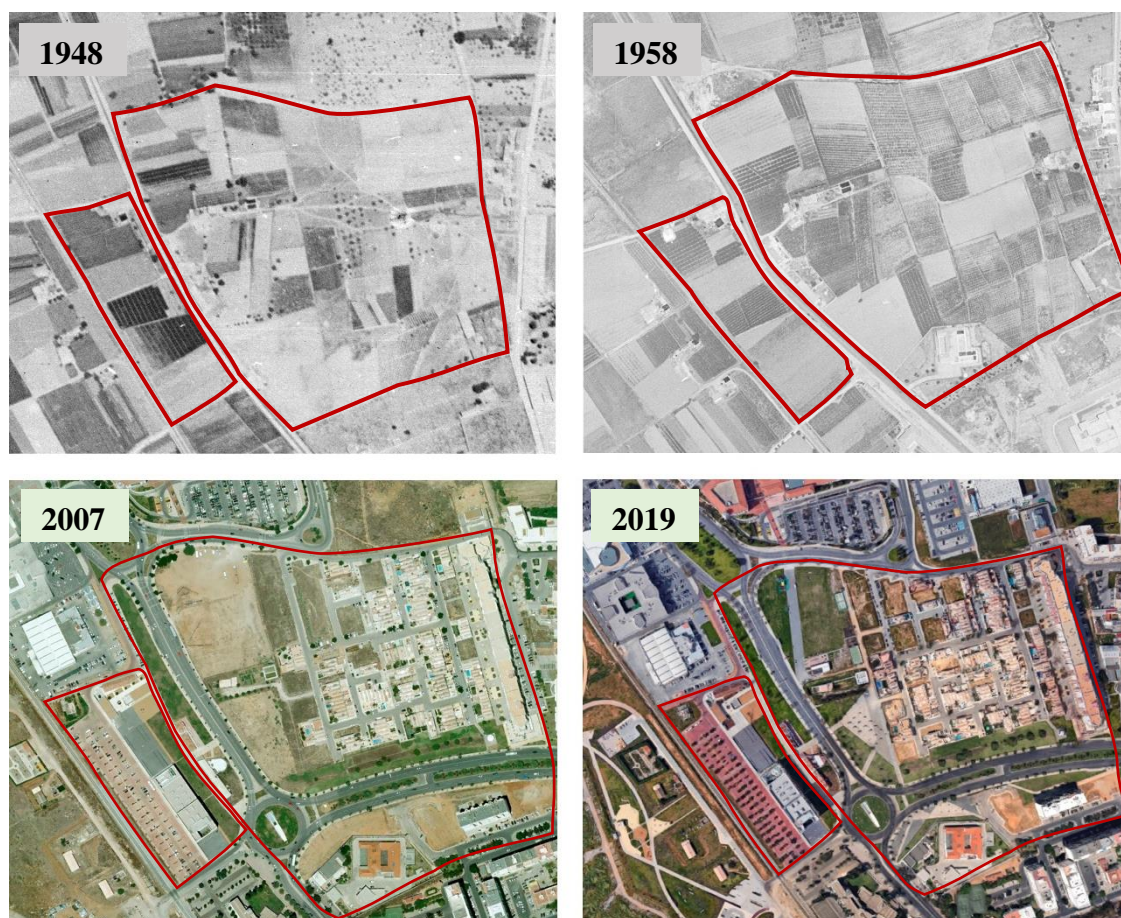


Figura 4 - Extrato da evolução da Horta do Ourives em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO, Google Earth Pro e Google Maps)

#### Bibliografia:

COSTA, Margarida Sofia Jordão – **As Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Relatório final de Licenciatura em Arquitetura Paisagista, apresentada à Faculdade de Engenharia e Recursos Humanos da Universidade do Algarve. Faro: [s.l.], 2002.

LAMEIRA, Francisco – **Faro, a arte na história da cidade**. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1999.

PEREIRA, Tânia – **A Horta do Ourives**. Revista Monumentos n.º 24. Lisboa: [s.l.], 2006.

#### Fontes documentais:

PAULA, Rui Mendes; PAULA, Frederico Mendes – **Faro, Evolução Urbana e Património**. Câmara Municipal de Faro, 1993.

#### 2.5.4 - Levantamento do traçado e da composição do Jardim da Alameda João de Deus, Faro

Na primeira metade do século XIX, no Campo da Trindade, surgiu um novo jardim em alternativa ao “Passeio do Bacalhau”. Inicialmente batizado por “Passeio Vasco da Gama” foi pensado desde 1848 como um local de passeio e de entretenimento para a cidade (PEREIRA; CONCEIÇÃO, 2004, p.17). No Campo da Trindade, antes da construção da Alameda, era aí realizada a feira de St. <sup>a</sup> Iria e onde se registou o culminar das lutas liberais.<sup>33</sup> Há registos que provam que em 1847 já existia um poço na Alameda e passado pouco tempo (1900) a Casa da Saúde começou a utilizá-lo (PEREIRA; CONCEIÇÃO, 2004, p.18).

A Câmara Municipal de Faro na sessão de 26 de maio de 1898 (folha 92 e 93), impôs como nome ao passeio, Passeio Vasco da Gama “celebrando-se assim o 4º centenário do descobrimento do caminho marítimo da Índia, em que o referido heróico Vasco da Gama teve a parte mais importante como chefe da expedição”. Nesse mesmo ano, foi contruído um *Chalet* que servia de apoio aos visitantes do espaço, nomeadamente às senhoras para cuidarem e alimentarem os seus bebés (PEREIRA; CONCEIÇÃO, 2004, p.18). O jardim da Alameda surgiu durante um dos períodos mais importantes do desenvolvimento da cidade de Faro (CCDR ALGARVE, 2011). A Figura 29 representa a evolução do Jardim da Alameda João de Deus desde 1869 até 2019 com base em cartografias e postais antigos.

---

<sup>33</sup> Foi o fuzilamento do principal cabecilha da guerrilha absoluta, o Remexido, devido ao rei D. Miguel de não querer abdicar do trono (CCDR ALGARVE, 2011).

Legenda:

- |                         |                           |                                   |
|-------------------------|---------------------------|-----------------------------------|
| 1 - Liceu de Faro       | 7 - Ringue                | 13 - Escola Tomás Cabreira        |
| 2 - Matadouro Municipal | 8 - Parque Infantil       | 14 - Cafés                        |
| 3 - Lago                | 9 - Minigolfe             | 15 - Biblioteca Municipal de Faro |
| 4 - Coreto              | 10 - Balneários           |                                   |
| 5 - Quiosque            | 11 - Jardim dos Namorados |                                   |
| 6 - Chalet              | 12 - Poço                 |                                   |



Figura 29 – Esboço da evolução do Jardim da Alameda João de Deus entre 1869 até 2019 com base em cartografias e postais/fotografias antigas: a) entre 1869 até 1873; b) 1909; c) 1931; d) 1937; e) entre 1935 até 1940; f) 1945; g) 2019.



Figura 30 - Extrato de plantas da cidade de Faro representando o Jardim da Alameda João de Deus em 1885 (Plano Hidrográfico das barras e portos de Faro e Olhão, levantado de 1870 a 1873, sob a direção do conselheiro F. Folque em 1885. Fonte: <http://purl.pt/21968>) e em 1872 (Planta da cidade de Faro, levantada pelo B. M. F. d'Andrade, em 1869 e concluído por A. J. Pery em 1872. Fonte PAULA, 1993).

No início do século XX o jardim da Alameda foi crescendo e evoluindo. Existem documentos datados de 1905, através da sessão de 12 de janeiro desse mesmo ano (folha 212) em que houve “(...) abertura d’um poço no Passeio Vasco da Gama – construção de um jardim para viveiros e plantas finas”. Também existem outros documentos sobre a construção de um coreto no jardim em 1914.<sup>34</sup> (Ver anexo B)

O jardim da Alameda foi influenciado pelos jardins românticos com elementos decorativos desse tempo, nomeadamente “lagos, caramanchões com realce para a estatuária de cerâmica da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro” (CCDR ALGARVE, 2011) (a estátua de “O Lobo e o Grou” que representa a Fábula de La Fontaine e uma estátua com duas rãs no centro de um dos lagos), “pérgulas cobertas de folhagem, com pequenos labirintos de buxo, com elementos românticos revestidos de azulejo e rodeados de flores, como era o caso da pequena fonte situada onde hoje está o minigolfe. (...) pequena ponte que atravessava o lago, no centro estava colocada a estatueta das rãs (...)” (PEREIRA; CONCEIÇÃO, 2004, p.20).

É importante salientar que o Jardim da Alameda tem várias influências estéticas; o ecletismo. Esta influência surgiu no século XIX, de modo a juntar diversos períodos artísticos (romantismo, neoclássico, medieval, entre outros) num só espaço. No caso do Jardim da Alameda, como anteriormente já foi referido, foi muito utilizado o estilo romântico, através da simetria e da grandiosidade de variedade de espécies de plantas.

<sup>34</sup> Atas das sessões da Câmara Municipal de Faro: sessão de 21 de novembro de 1914.



*Figura 31 - Postal antigo, não datado com referência a pérgolas, aos bancos de azulejo e a diferentes tipos de plantas que existiam na Alameda João de Deus. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território- Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*



*Figura 32 - Uma das fontes da Alameda João de Deus (lado esquerdo) e na fotografia do lado direito consegue-se ver ao fundo o coreto. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território- Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*

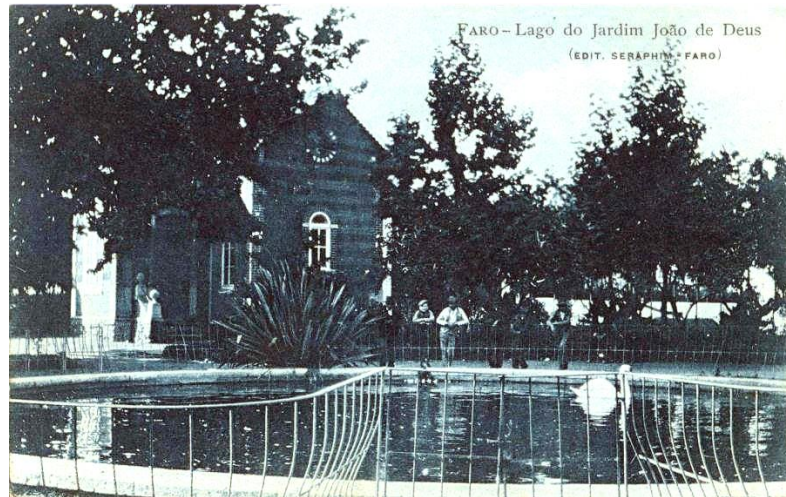


*Figura 33 - Estátuas da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro. Estatueta das rãs no centro do lago da Alameda (lado esquerdo) e estátua "O Lobo e o Grou" (lado direito). (Fonte: Coleção Privada)*



16 FARO — Alameda João de Deus, pormenor do Caramanchão

*Figura 34 - Pormenor do caramanchão na Alameda em finais do século XX, junto à parede do antigo liceu (havia uma bancada em alvenaria rematada a azulejo). (Fonte: Coleção Privada)*



*Figura 35 - Lago (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*

Na Figura 29 b), o esboço do Jardim da Alameda em 1909, consegue-se perceber que existiam três eixos (dois laterais e um ao centro). O eixo principal era chamado “Avenida das Palmeiras”<sup>35</sup> e o portão principal da Alameda situava-se no topo desse eixo (PEREIRA; CONCEIÇÃO, 2004, p.19). O edifício do lado oposto ao da entrada foi construído em 1899, o Matadouro Municipal, como um dos melhores “exemplos da arte neoárabe do nosso país” (PEREIRA; CONCEIÇÃO, 2004, p.18).

<sup>35</sup> Originárias das Canárias.

Alguns terrenos da Alameda foram cedidos para a construção de uma escola, o Liceu de Faro. Na carta de 1909 (Figura 36), consegue-se perceber o desenho do jardim e o local do Liceu como o do ex-Matadouro Municipal no lado oposto da entrada da Alameda. A 24 de abril de 1919, numa sessão da Câmara Municipal de Faro, foi alterado o nome de “Passeio Vasco da Gama” para “Alameda João de Deus”: “ (...) considerando que o atual nome do jardim Vasco da Gama não tem razão de ser por não se tratar de um algarvio, (...) considerando ainda que o próprio liceu de João de Deus se encontra edificado no dito jardim (...) veem por este meio rogar a Vossa Excelência que seja modificado o nome do actual jardim Vasco da Gama para o de Alameda João de Deus, como homenagem à memória do imortal poeta que foi também algarvio.”<sup>36</sup>



Figura 36 - Carta da Cidade de Faro em 1909. (Fonte: PAULA, 1993)



Figura 37 - Liceu de Faro. (Fonte: Coleção Privada)

<sup>36</sup> Atas das sessões da Câmara Municipal de Faro: sessão de 24 de abril de 1919 – Folha 4.

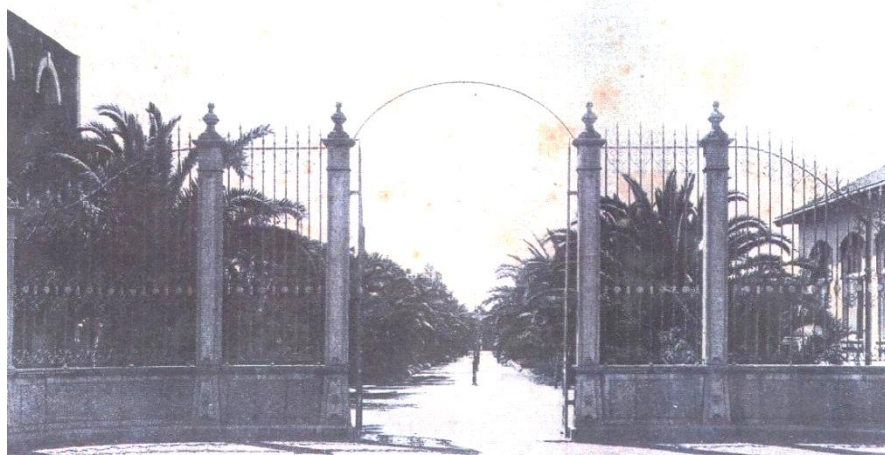


Figura 38 - Porta principal da Alameda João de Deus. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)

Durante os anos cinquenta, o eixo principal da Alameda alterou-se, mudando a entrada principal para a lateral do jardim. O coreto foi demolido pela Câmara Municipal na altura da presidência de Major Vieira Branco (PEREIRA; CONCEIÇÃO, 2004, p.20). Nos anos setenta, a Alameda ganha mais quatro espaços, um minigolfe, dois campos de ténis em terra batida, e um parque infantil. Com o tempo, a Alameda foi perdendo elementos característicos do jardim, nomeadamente a ponte sobre o lago, o coreto, os caramanchões, as pérgulas, as flores e os campos de ténis.

Nos finais do século XX com o aumento do vandalismo, a gestão da Alameda teve de ser mudada, o jardim teve de ser mais “aberto” adaptando-o com vegetação rasteira, destacando-se algumas espécies notáveis, isoladas ou em conjunto, realçando as palmeiras das canárias. A Alameda também era conhecida pela existência dos plátanos com cem anos de existência, mas com uma poda radical deixaram de crescer (2011). Atualmente a situação não se verifica, uma vez que já se consegue ver os plátanos em redor do lago (Figura 39).



Figura 39 - Plátanos. (Fonte: autora)

O Jardim dos Namorados, embora contemporâneo, veio trazer à Alameda traços do romantismo. Ana Pereira e Linda Conceição descrevem o jardim com características desse movimento artístico, nomeadamente é “constituído por bancos de pedra imitando troncos das árvores e esteve em tempos rodeado de vegetação, que lhe dava o carácter intimista propício a encontros românticos entre casais de namorados. (...) Este recanto era (e continua a ser) ladeado por um pequeno muro de pedra com água corrente e por um pequeno lago onde, em tempos, existiram peixinhos e rãs” (PEREIRA; CONCEIÇÃO, 2004, p.21).

Desde o século XIX até à primeira metade do século XX, o Homem usou algumas influências artísticas num só espaço. A imitação da Natureza tornou-se cada vez mais constante. De acordo com Teresa Marques e Cristiane Magalhães, estes jardins têm “(...) traçados biomórficos, o uso da vegetação (exótica, maioritariamente) em crescimento livre, a criação de lagos de formas naturalizadas e a construção de objetos decorativos e funcionais que mimetizavam elementos naturais. (...) Trata-se de uma arte e uma técnica que, nalguns parques e jardins, encontrou materializações de significativa dimensão (...)” (MARQUES; MAGALHÃES, 2013, p.3).



Figura 40 - Jardim dos Namorados ou do Caracol. (Fonte: Coleção Privada)

No edifício do antigo Matadouro Municipal é instalada a Biblioteca Municipal de Faro. As obras começaram em 1999, tendo sido inaugurada no dia 23 de abril de 2001, permanecendo até aos dias hoje.

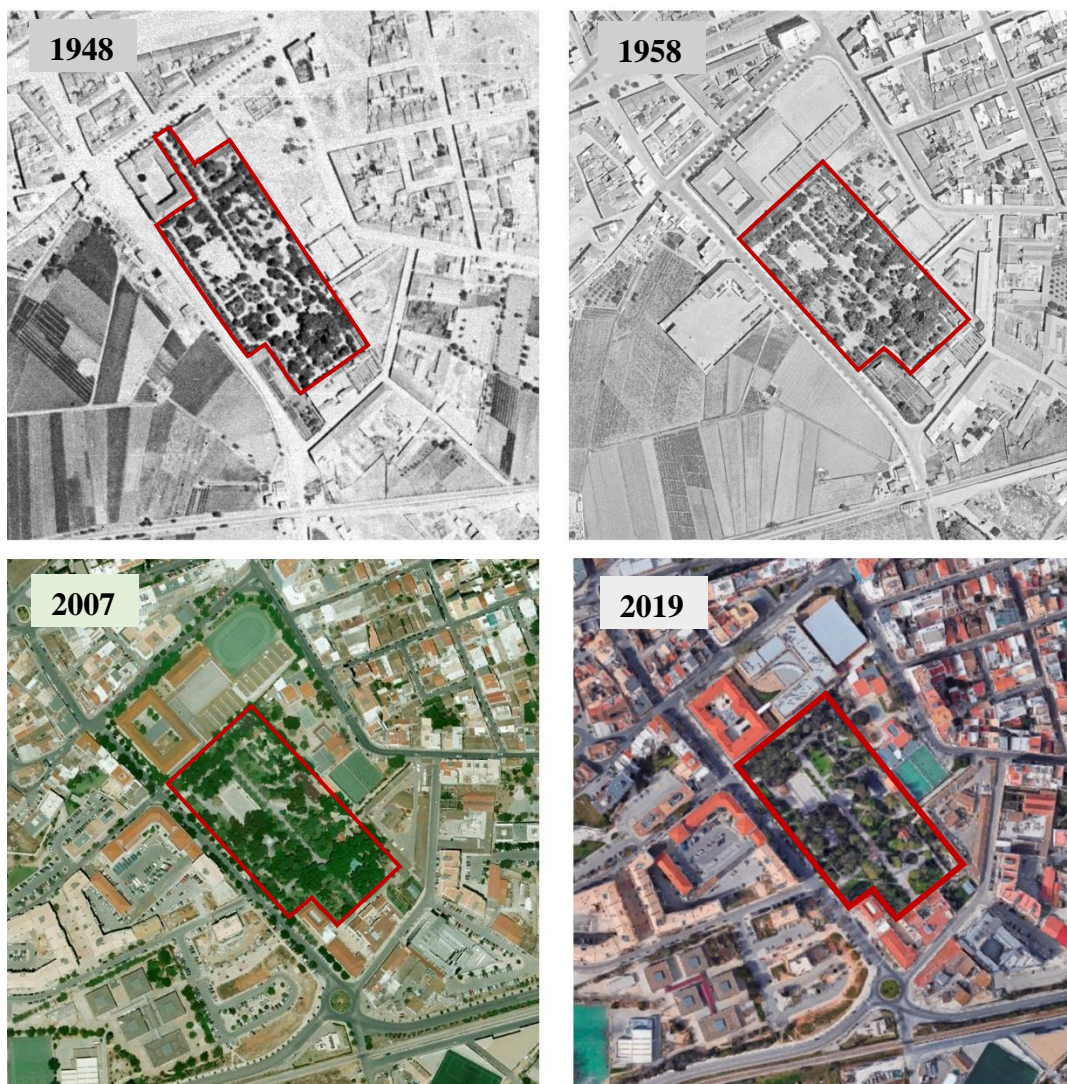


Figura 41 - Extrato da evolução do jardim da Alameda João de Deus em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A4, pág. 1

Título: **Jardim da Alameda João de Deus, Faro**

Região: **Algarve**

Distrito: **Faro**

Concelho: **Faro**

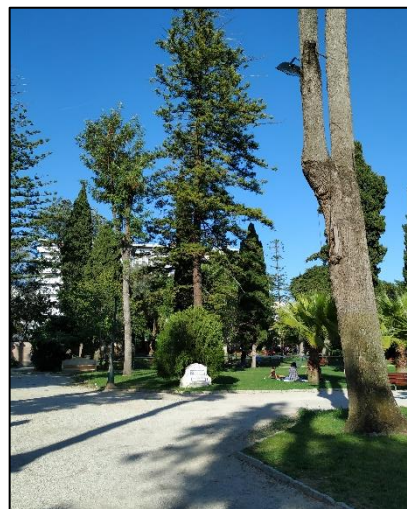
Freguesia: **União de freguesias da Sé e  
de São Pedro**

Proprietário: **Câmara Municipal de Faro**

Mentor: **Manuel Bívar Weinholtz (1861-1901)**

Data de criação: **Início do século XIX (1848)**

Tipo de proprietário: **Câmara Municipal de Faro**



*Figura 1 - Vista parcial do Jardim da Alameda João de Deus (Fonte: autora).*

Contacto do Jardim:

Endereço: **Rua da Polícia da Segurança Pública 1, 8000-151 Faro**

Telefone: **(+351) 289 899 899**

E-mail:

Página web: **<http://cm-faro.pt/5863/jardim-da-alameda-joao-de-deus.aspx>**

Localização:

Coordenadas: **37° 00' 52.3"N, 07 ° 55' 36.4"W**

Latitude:

Longitude: **-7.935093**

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A4, pág. 2

Descrição do jardim:

À francesa/barroco		À inglesa		À italiana/renascimento	
Arboreto		Botânico		Campestre	
Contemporâneo		De cobertura		Eclético	
Etnológico		Hortícola		Medieval	
Miradouro		Modernista		Quinta de reprodução	
Romântico	<b>X</b>	Roseiral		Terraço	
Urbano		Viveiro florestal			

*Tabela 18 – Descrição do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Elementos decorativos:

Água	<b>X</b>	Alegretes		Aquedutos	
Azulejaria		Balaustrada		Bancos	<b>X</b>
Barroco		Caleira		Canal	
Caramanchão		Casa	<b>X</b>	Cascata	
Cisterna		Coreto	<b>X</b>	Curso	
Edifício	<b>X</b>	Eixo	<b>X</b>	Embrechados	
Escultura	<b>X</b>	Esguichos		Espelho	
Estátua	<b>X</b>	Estufa		Follies	
Fonte		Fresco		Giochi	
Grottoe		Lago	<b>X</b>	Mina	
Miradouro		Mirante		Nora	
Pavilhão		Pérgola		Poço	
Ponte		Pórtico		Quiosque	<b>X</b>
Relva	<b>X</b>	Repuxos		Sacra	
Tanque		Topiária		Trelicas	
Via					

*Tabela 19 - Elementos decorativos existentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Elementos vegetais:

Arbustos	<b>X</b>	Árvores	<b>X</b>	Árvores de alinhamento	
Árvores de frutos		Árvores notáveis	<b>X</b>	Cactos e plantas suculentas	
Fetos		Herbáceas vivazes		Plantas anciais	

*Tabela 20 - Elementos vegetais presentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Abertura ao público:

Aberto ao público	<b>X</b>	Abertura sujeita a pedido	
Bilhete de entrada		Não visitável	

Estatuto do jardim:

Privado		Público	<b>X</b>
---------	--	---------	----------

*Tabela 21 - Estatuto do Jardim em estudo. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A4, pág. 3

Classificado:

Em vias de classificação		Imóvel de interesse público	
Monumento de interesse público		Monumento Nacional	
Nenhum classificado	<b>X</b>	Património Nacional	
Zona especial de proteção			

*Tabela 22 - Classificação do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Breve descrição do Jardim:

**O Jardim da Alameda João de Deus, jardim público de Faro, com cerca de 2,09 ha, situado na Rua da Polícia da Segurança Pública, foi projetado em 1848 pelo mentor e engenheiro agrónomo Manuel Bívar Weinholtz. Este jardim surgiu em alternativa ao “Passeio do Bacalhau” (atualmente Jardim Manuel Bívar), tendo havido necessidade de criar outro jardim para passeio e entretenimento para a cidade. Inicialmente o jardim foi influenciado pelos jardins românticos com elementos decorativos desse tempo, nomeadamente: caramanchões, lagos, estatuárias, pérgulas, pequenos labirintos de buxos, entre outros. Com o passar dos anos, estas características foram-se perdendo, tanto a nível de vegetação como elementos decorativos. Destaca-se a avenida de palmeiras (*Phoenix canariensis* Chabaud), que acompanha o eixo principal do jardim até ao edifício da Biblioteca Municipal de Faro (antigo Matadouro Municipal). Acrescenta-se ainda, embora contemporâneo, o Jardim dos Namorados que veio trazer ao jardim traços do romantismo. O nome do jardim surgiu em homenagem ao poeta algarvio, João de Deus através de uma sessão da Câmara Municipal de Faro a 24 de abril de 1919. Atualmente, o jardim é descrito como um espaço aberto, com uma diversidade vegetal excecional (vegetação de diferentes continentes), campos de jogos, parque infantil, minigolfe, entre outros.**

Botânica:

Principais espécies botânicas presentes – *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze, *Phoenix canariensis* Chabaud; *Pinus pinaster* Aiton, *Platanus acerifolia* (Aiton) Willd., *Nerium oleander* L., *Cupressus sempervirens* L., *Strelitzia reginae* Banks.

Evolução do jardim através de plantas e postais antigos:

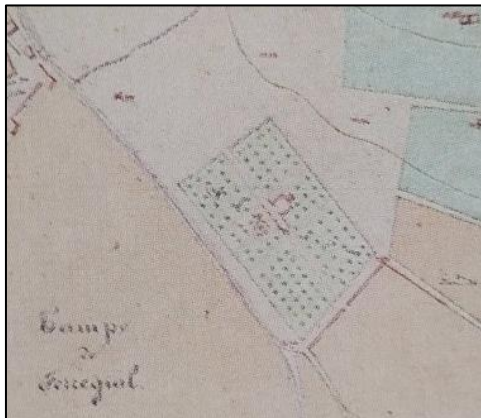


Figura 2 – Extrato da Planta da cidade de Faro, levantada pelo B. M. F. d'Andrade, em 1869 e concluído por A. J. Pery em 1872. (Fonte: PAULA, 1993).

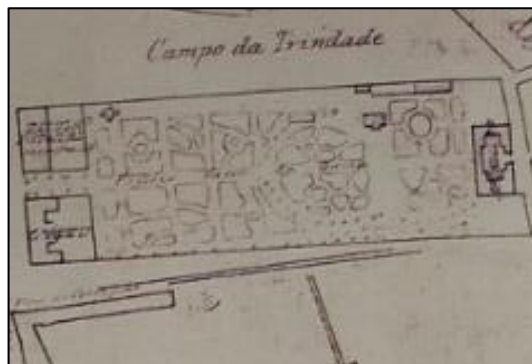


Figura 3 – Extrato da Planta da cidade de Faro em 1909. (Fonte: PAULA, 1993).



Figura 4 – Extrato da Planta da cidade de Faro em 1931. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro).



Figura 5 – Extrato da Planta da cidade de Faro em 1937, por Raúl Proença. (Fonte: Guia de Portugal, 1983).

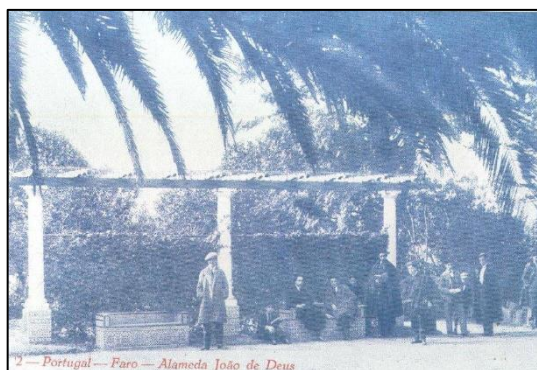


Figura 6 - Postal antigo, não datado com referência a pέργulas, aos bancos de azulejo e a diferentes tipos de plantas que existiam na Alameda João de Deus. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro).



Figura 7 - Pormenor do caramanchão na Alameda em finais do século XX, junto à parede do antigo liceu (havia uma bancada em alvenaria rematada a azulejo). (Fonte Coleção Privada).



Figura 8 - Uma das fontes da Alameda João de Deus (lado esquerdo) e na fotografia do lado direito consegue-se ver ao fundo o coreto. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território- Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)

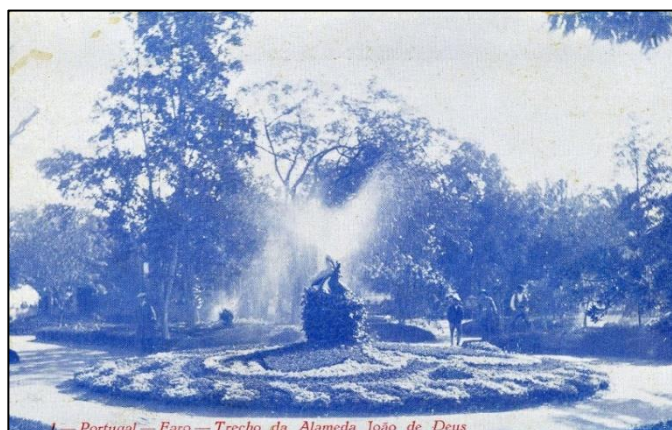


Figura 9 - Estátuas da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro. Estatueta das rãs no centro do lago da Alameda (lado esquerdo) e estátua "O Lobo e o Grou" (lado direito). (Fonte: Coleção Privada)



Figura 10 - Jardim dos Namorados. (Fonte: Coleção Privada)



Figura 11 - Porta principal da Alameda João de Deus. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)

Bibliografia:

PEREIRA, Ana Sofia Correia; CONCEIÇÃO, Linda Zara Calapez – **Jardim Alameda João de Deus, como recurso patrimonial da cidade de Faro**. Trabalho final de Licenciatura em Turismo, apresentada à Escola de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve. Faro: [s.l.], 2004

Fontes Documentais:

DIONÍSIO, Sant'anna – **Guia de Portugal – estremadura, Alentejo, algarve**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Vol.II.

PAULA, Rui Mendes; PAULA, Frederico Mendes – **Faro, Evolução Urbana e Património**. Câmara Municipal de Faro, 1993.

Transcrições das actas e livros de correspondência fornecidas pela Câmara Municipal de Faro pela Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana. Folha – 212 da sessão de 12 de janeiro de 1905 e da sessão de 24 de abril de 1919.

Planta executada por fotogrametria aérea para a Câmara Municipal de Faro, 1931 – Direção de Jaime Henrique de Sá Viana Couceiro. Planta fornecida pela Câmara Municipal de Faro.

Outras Bibliografias:

MARQUES, Teresa Portela; MAGALHÃES, Cristiane Maria – **Técnica, Arte e Cultura nos jardins de meados de oitocentos até ao limiar do século XX, em Portugal e no Brasil** [pdf]. Brasil: [s.l.], 2013. [Consult. maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: [https://www.academia.edu/5706116/T%C3%A9cnica\\_Arte\\_e\\_Cultura\\_nos\\_jardins\\_de\\_meados\\_de\\_oitocentos\\_at%C3%A9\\_ao\\_limiar\\_do\\_S%C3%A9culo\\_XX\\_em\\_Portugal\\_e\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/5706116/T%C3%A9cnica_Arte_e_Cultura_nos_jardins_de_meados_de_oitocentos_at%C3%A9_ao_limiar_do_S%C3%A9culo_XX_em_Portugal_e_no_Brasil) >.

Slides de um Powerpoint da CCDR Algarve sobre o Jardim da Alameda João de Deus, 2011.

### 2.5.5 – Da Praça da Rainha à Praça D. Francisco Gomes, Faro

Situado num terreiro acompanhado por um assoreamento da ria, surgiu entre o Alto da Murraça e o Arco da Vila a mais importante praça da cidade de Faro: Praça da Rainha. Como salienta Amélia Andrade “(...) foi muitas vezes a partir desses adros que, na Idade Média adiantada, se partiu para a organização intencional de uma verdadeira praça, mais de acordo com as novas preocupações urbanísticas (...)”. Em 1573 D. Sebastião veio ao Algarve, passando por Faro a 30 de janeiro. No livro *Jornada ao Alentejo e ao Algarve* o cronista João Cascão descreve a visita do rei à Praça da Rainha como: “O terreiro era grande e formoso; estava tão povoado desta e doutra gente que raramente se podia romper, o que durou um grande espaço” (LOUREIRO, 1984, p.114). Esta praça era muito importante naquela altura devido ao facto de ser a localização da residência do rei: “As casas de El-Rei eram na praça, e todo o terreiro estava embandeirado, e armado de panos, e guardamecis<sup>37</sup>, e outras alfaias desta qualidade (...)” (LOUREIRO, 1984, p.114) Henrique Fernandes Serrão em *História do Reino do Algarve* cita: “Dentro da cidade está ãa praça e terreiro, ao longo do rio, que é o principal dela, muito aprazível, e onde vão todos os da cidade passear a pé a cavalo. E no rio tem ãa fonte ao longo deste terreiro, que é água doce, ornada e cercada com o seu edifício e se cobre d’água salgada com a maré chea (...)” (GUERREIRO; MAGALHÃES, 1983, p.163).

Com a chegada do caminho de ferro, em 1889, a Praça da Rainha sofre alterações mudando também toda a frente ribeirinha. Com o final do século XIX, as questões de higiene começam a aparecer como também a hipótese de um espaço digno de passeio na cidade: “(...) ausência de uma praça central, arborizada e ajardinada, que servia de ponto de reunião, de passeio e de recreio aos dez mil habitantes d’esta cidade (...)” (AHMF, 1891). O continuado assoreamento da ria deixa cada vez mais a descoberto os aquedutos que desaguam na zona fronteira à Praça D. Francisco Gomes. (RODRIGUES, 2017, p.15) Desta forma, em 1891, surgiu um projeto de ampliação e regularização para a Praça de Faro, com uma forma regular ao centro com um coreto e uma casa de refresco e de duas construções, a Norte e a Sul, em forma de L: “(...) prédio adequado para um hotel decente de cuja falta tanto se recente o movimento de viajantes e excursionistas a esta parte da

---

<sup>37</sup> Antiga tapeçaria de couro pintado e dourado

provincia (...); (...) construir-se uma casa expressamente para Club, mas em harmonia com recursos e importância d'esta cidade (...)" (AHMF, 1981).

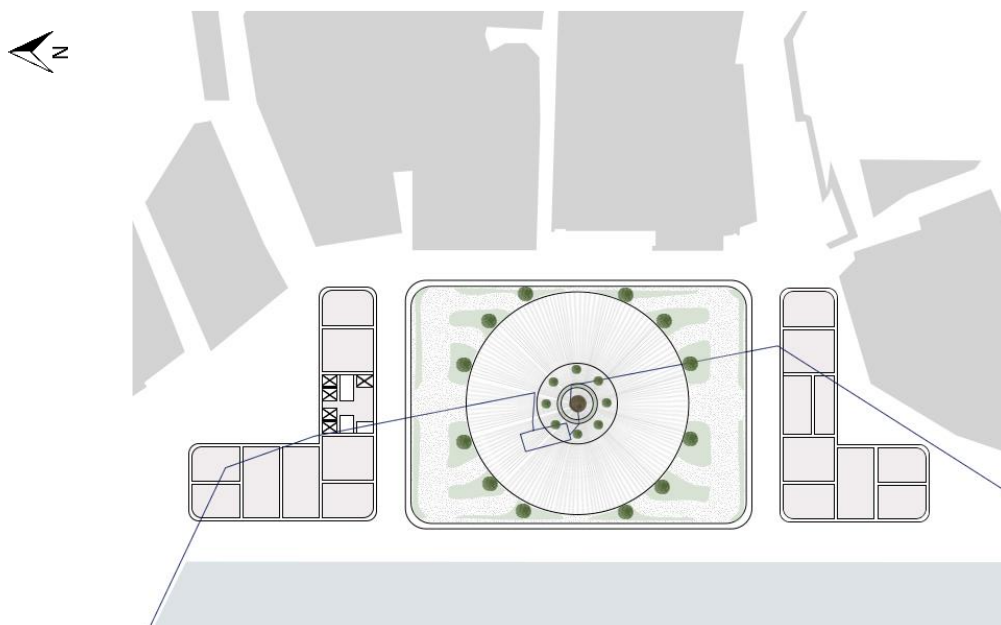


Figura 42 – Desenho elaborado em Photoshop com base num "Projeto de Ampliação e Regularização da Praça de Faro em 1891". (Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Faro)

Apesar de ter sido só uma proposta e não ter ido avante, nesse local já existia um terreiro onde se implantou o Jardim do Bacalhau devido à sua forma. Durante os séculos XVIII e XIX são construídos os edifícios da Alfândega e o Governo Civil. Novos equipamentos vão sendo construídos, como os Mercados e um Coreto. No século XX é feito novo aterro delineando novamente ao que se chama hoje: Doca (PAULA, 1993, p.197).

Legenda:

- |   |                           |
|---|---------------------------|
| A – Misericórdia  | L – Departamento Marítimo |
| B – Igreja do Espírito Santo                              | M – Mercado de Hortaliças |
| C – Porta da Vila/Capela de N.ª Sr.ª de Entrambalas Águas | N – Governo Civil         |
| D – Armazém da Companhia                                  | O – Coreto                |
| E – Mercado   | P – Mercado de Peixe      |
| F – Dízima  | Q – Arco da Vila          |
| G – Registo   | R – Hotel                 |
| H – Corpo da Guarda                                       | S – Bombeiros             |
| I – Prisão  | T – Banco                 |
| J – Alfândega   | U – Café/Esplanada        |

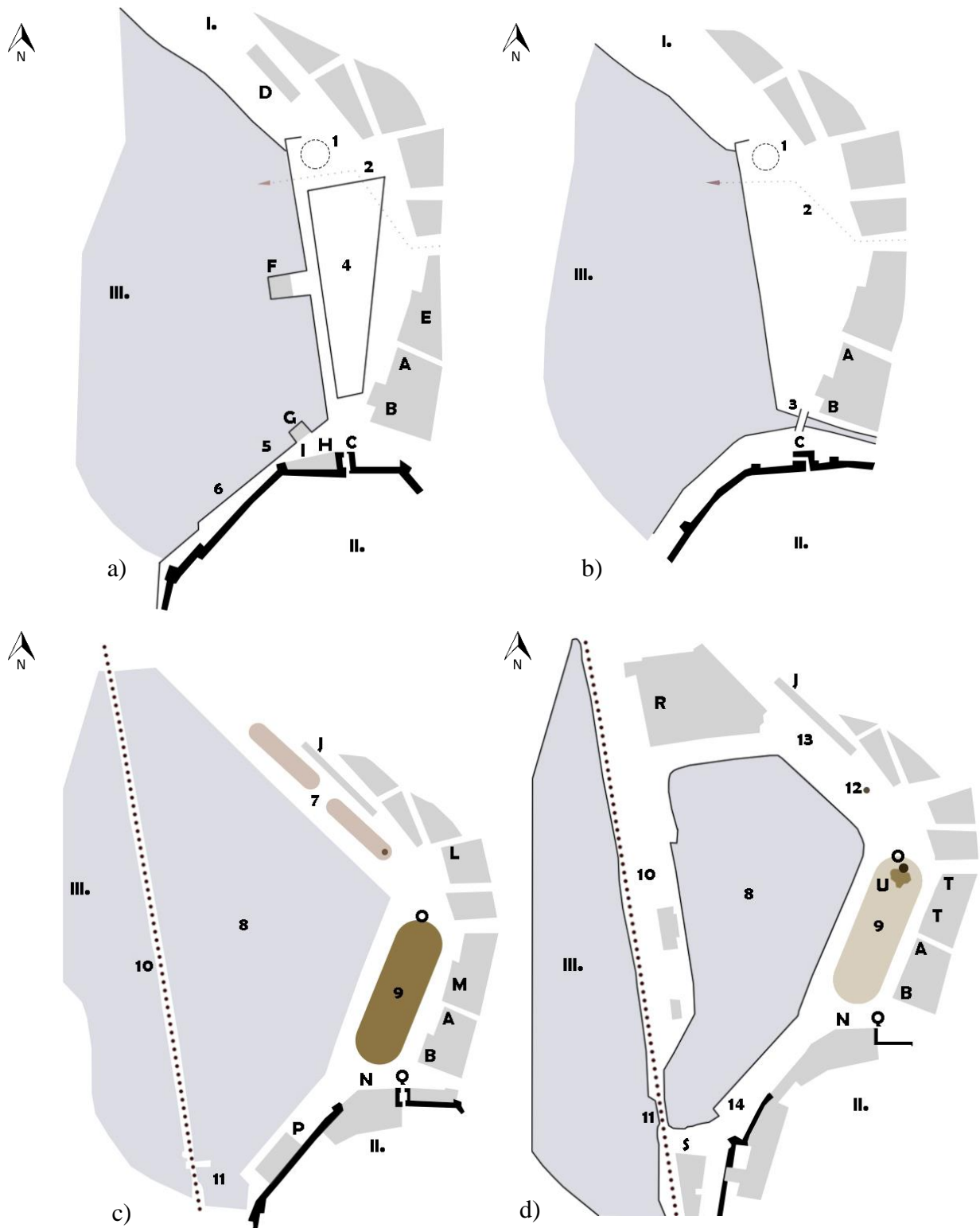


Figura 43 – Desenho elaborado em Photoshop sobre a Evolução Urbanística da Praça D. Francisco Gomes: a) Praça da Rainha antes do século XVII; b) Praça da Rainha no século XVII; c) Praça D. Francisco Gomes no início do século XX; d) Praça D. Francisco Gomes na década 40 à década 90 do século XX.

### 2.5.6 - Levantamento do traçado e da composição do Jardim Manuel Bívar, Faro

Inicialmente a Praça de Faro era intitulada como Praça da Rainha até ao século XX, atualmente o nome da praça alterou-se para D. Francisco Gomes.

D. Francisco Gomes do Avelar (1739-1816) foi uma pessoa importante para a diocese do Algarve. A 26 de abril de 1789 foi nomeado e sagrado Bispo do Algarve. Fundou o seminário de Faro, o museu Infante D. Henrique e mandou construir alguns monumentos, nomeadamente o Arco da Vila. Sendo uma pessoa importante, o presidente da câmara dá o seu nome à antiga Praça da Rainha.

Manuel Bívar (1861-1901)<sup>38</sup>, vice-presidente da câmara municipal, orientou a construção do Jardim (antigo Passeio do Bacalhau). José Pinheiro e Rosa descreve no seu livro que a praça é comprida, mas estreita: “A Praça da Rainha (futura de D. Francisco Gomes) é bastante longa – daqui da porta até ao princípio da Rua Direita – mas pouco larga. Ainda não há Jardim Manuel Bívar, nem sequer o Bacalhau, seu antecessor” (ROSA, 1740, p.35).

O Jardim Manuel Bívar ao longo dos séculos foi sofrendo alterações tanto a nível do desenho da sua estrutura como em edifícios presentes na sua envolvente. Na Figura 42 está representada a evolução do Jardim Manuel Bívar desde 1904 a 2019 com base em cartografias e de alguns postais e fotografias antigas (Figuras 45 a 54). Consegue-se perceber as formas irregulares dos canteiros, a existência de elementos que deixaram de existir, nomeadamente o quiosque e o lago ao centro do jardim (representado no esboço a) da Figura 44) e outros que permanecem nos dias de hoje, nomeadamente o coreto<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Manuel Bívar Gomes da Costa Weinholtz: engenheiro agrónomo, vice-presidente da câmara municipal de Faro, diretor do antigo liceu João de Deus e político.

<sup>39</sup> Coreto inaugurado em 1894.

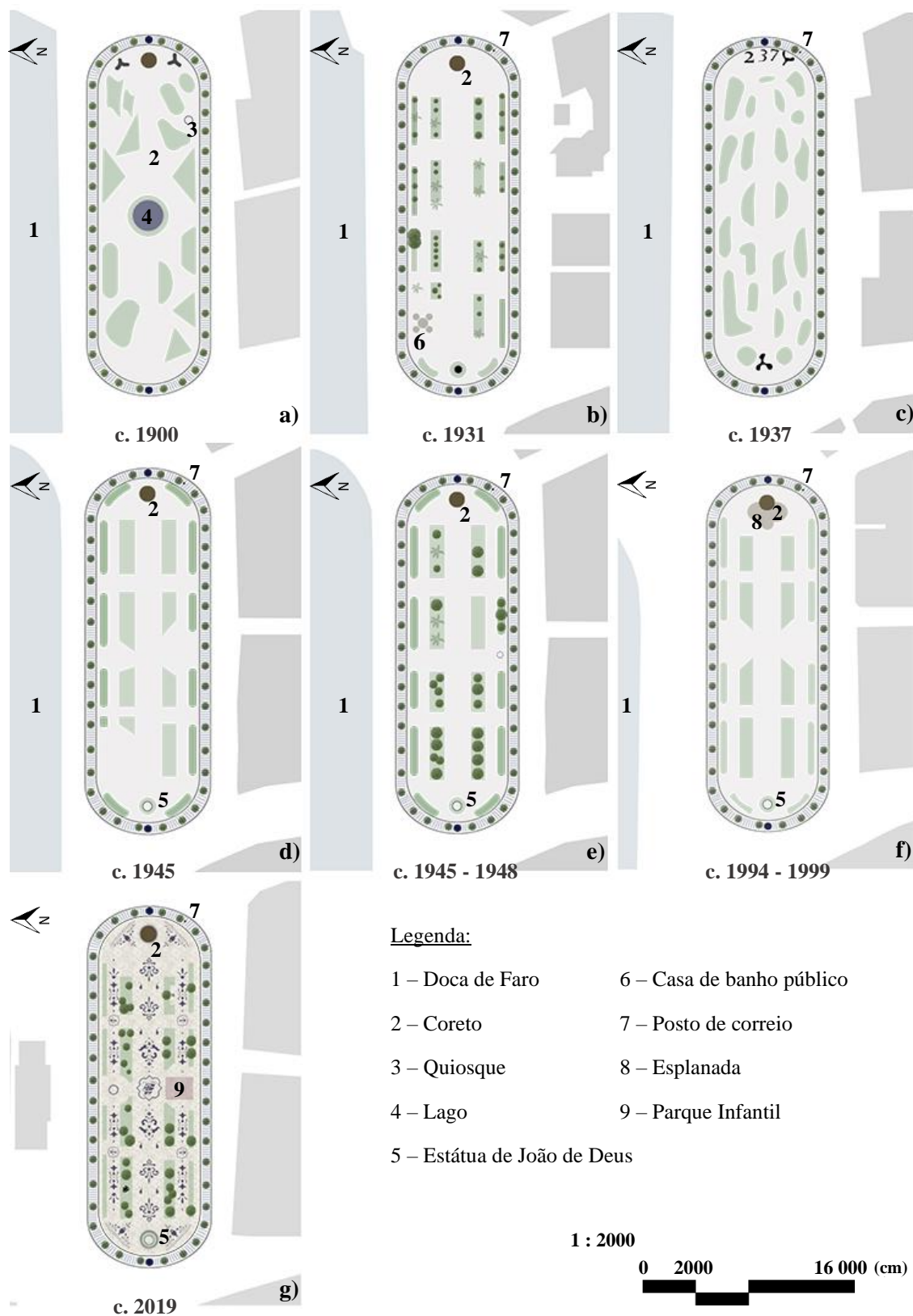


Figura 44 – Desenho elaborado em Photoshop sobre a evolução do traçado e da composição do Jardim Manuel Bivar desde 1904 a 2019 com base em cartografias e fotografias/ postais antigos: a) início do século XX; b) 1931; c) 1937; d) 1945; e) entre 1945 e 1948; f) entre 1994 e 1999; g) 2019



Figura 45 - Extrato de plantas da cidade de Faro representando o Jardim Manuel Bívar em 1909 (Fonte: PAULA, 1993) e em 1931 (Fonte: Planta da Cidade de Faro de Jaime Henrique de Sá Viana Couceira e Frederico I. Taveira, Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro).



Figura 46 - Postal antigo datado a 11 de maio de 1904. (Fonte: Coleção Privada).



Figura 47 - Postal antigo da Praça D. Francisco Gomes em 1910. (Fonte: PAULA, 1993).

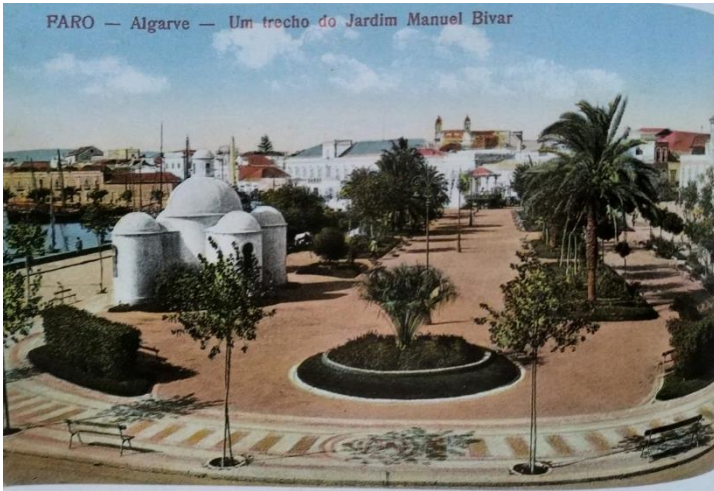


Figura 48 - Postal antigo do Jardim Manuel Bivar com as casas de banho públicas e sem a estátua de João de Deus (antes de 1930). (Fonte: PAULA, 1993).



Figura 49 - Extrato de plantas da cidade de Faro representado o Jardim Manuel Bivar em 1937 (Fonte: Guia de Portugal, 1983) e em 1945 (Fonte: Planta da cidade de Faro pelo Arq. João Aguiar. PAULA, 1993).



Figura 50 - Ilustração da cidade de Faro por Luís F. R. Santos em 1948. (Fonte: PAULA, 1993).



*Figura 51 - Extrato do Plano Rodoviário Municipal inventário da rede existente da cidade de Faro entre 1994 e 1999. (Fonte: Plano Rodoviário Municipal, 1999).*



*Figura 52 - Fotografia antiga não datada da esplanada do Jardim Manuel Bívar. (Fonte: Coleção Privada).*



*Figura 53 - Fotografia do Jardim Manuel Bívar em 2019. (Fonte: autora).*

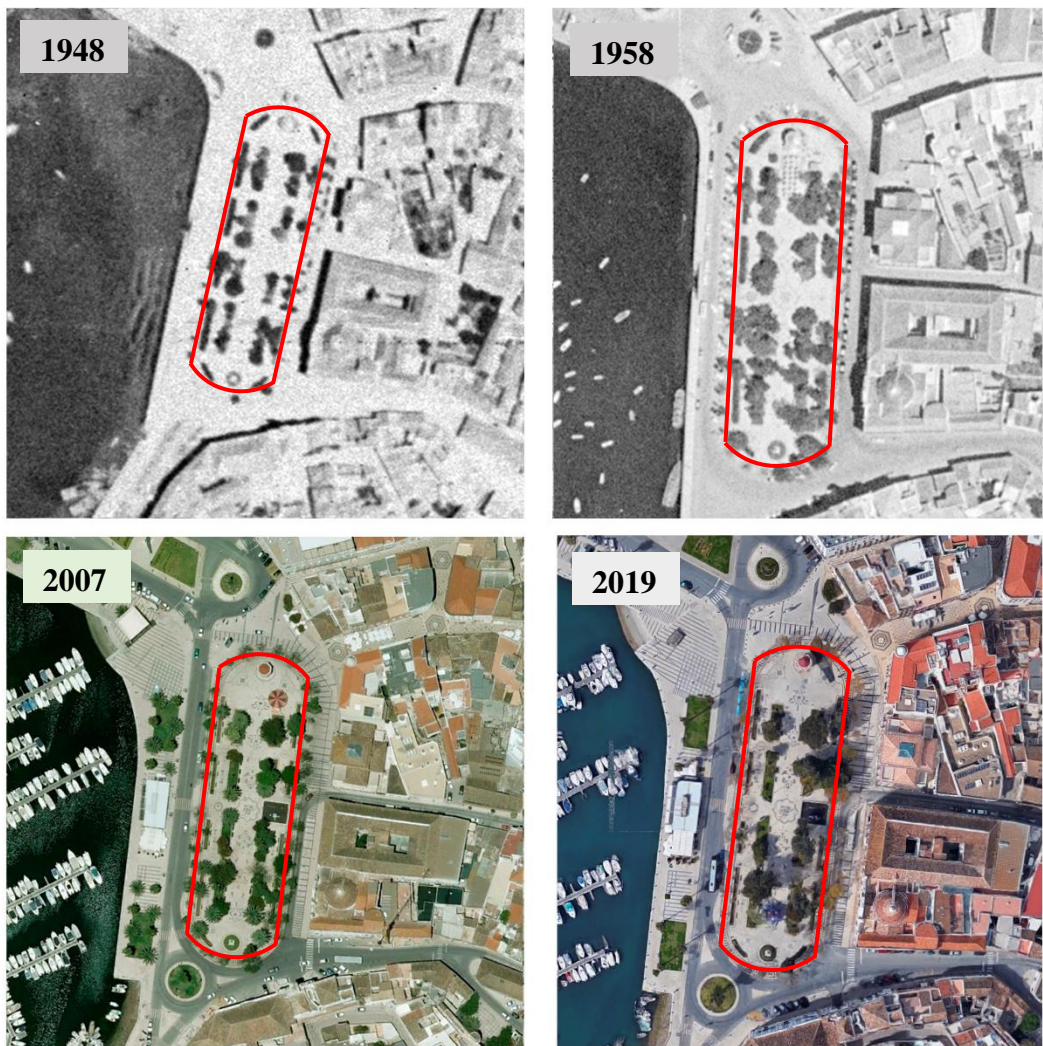


Figura 54 - Extrato da evolução do Jardim Manuel Bívar em diferentes períodos com base em ortofotomapas e imagens aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro).

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A5, pág. 1

Título: **Jardim Manuel Bívar, Faro**

Região: **Algarve**

Distrito: **Faro**

Concelho: **Faro**

Freguesia: **União de freguesias da Sé e  
de São Pedro**

Proprietário: **Câmara Municipal de Faro**

Autor: **Manuel Bívar Weinholtz (1861-1901)**

Data de criação: **Início do século XX**

Tipo de proprietário: **Câmara Municipal de Faro**



*Figura 1 - Vista parcial do Jardim Manuel Bívar  
(Fonte: autora).*

Contacto do Jardim:

Endereço: **Praça Dom Francisco Gomes 12, 8000-269 Faro**

Telefone:

E-mail:

Página web: **<http://cm-faro.pt/preview.aspx?pageID=5862>**

Localização:

Coordenadas:

Latitude: **37.015582**

Longitude: **-7.935093**

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A5, pág. 2

Descrição do jardim:

À francesa/barroco		À inglesa		À italiana/renascimento	
Arboreto		Botânico		Campestre	
Contemporâneo		De cobertura		Eclético	
Etnológico		Hortícola		Medieval	
Miradouro		Modernista		Quinta de reprodução	
Romântico		Roseiral		Terraço	
Urbano	<b>X</b>	Viveiro florestal			

Tabela 23 – Descrição do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Elementos decorativos:

Água		Alegretes		Aquedutos	
Azulejaria		Balaustrada		Bancos	<b>X</b>
Barroco		Caleira		Canal	
Caramanchão		Casa		Cascata	
Cisterna		Coreto	<b>X</b>	Curso	
Edifício		Eixo	<b>X</b>	Embrechados	
Escultura		Esguichos		Espelho	
Estátua	<b>X</b>	Estufa		Follies	
Fonte		Fresco		Giochi	
Grottoe		Lago		Mina	
Miradouro		Mirante		Nora	
Pavilhão		Pérgola		Poço	
Ponte		Pórtico		Quiosque	
Relva		Repuxos		Sacra	
Tanque		Topiária		Trelicas	
Via					

Tabela 24 - Elementos decorativos existentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Elementos vegetais:

Arbustos	<b>X</b>	Árvores	<b>X</b>	Árvores de alinhamento	
Árvores de frutos		Árvores notáveis	<b>X</b>	Cactos e plantas suculentas	
Fetos		Herbáceas vivazes		Plantas anciais	

Tabela 25 - Elementos vegetais presentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Abertura ao público:

Aberto ao público	<b>X</b>	Abertura sujeita a pedido	
Bilhete de entrada		Não visitável	

Estatuto do jardim:

Privado		Público	<b>X</b>
---------	--	---------	----------

Tabela 26 - Estatuto do Jardim em estudo. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A5, pág. 3

Classificado:

Em vias de classificação		Imóvel de interesse público	
Monumento de interesse público		Monumento Nacional	
Nenhum classificado	X	Património Nacional	
Zona especial de proteção			

Tabela 27 - Classificação do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Breve descrição do jardim:

O Jardim Manuel Bívar, jardim público de Faro, com cerca de 6098,34 m<sup>2</sup>, situado na Praça Dom Francisco Gomes, foi projetado no início do século XX pelo engenheiro agrónomo Manuel Bívar Weinholtz. Este jardim foi pensado devido à ausência de um espaço digno de passeio na cidade; numa análise ao lugar, a necessidade de haver um local de passeio, recreio e de ponto de reunião aos farenses fez com que a Praça D. Francisco Gomes adquirisse um jardim, onde na altura só servia para administração e atividades portuárias. Apresenta um traçado linear: canteiros retilíneos com uma diversidade vegetal, um espaço infantil, um coreto e uma estátua (João de Deus). Acrescenta-se ainda os desenhos da calçada: como tema, o mar e os descobrimentos e à volta do próprio jardim, travessas (são peças colocadas transversalmente nas linhas de caminho de ferro). Consegue-se identificar ao centro do jardim uma nau, feita de pedra basáltica pelo pintor Augusto Lyster Franco. Através de uma das atas de sessões da Câmara Municipal de Faro – Folha 182 datada a 16 de novembro de 1919, o nome do jardim é em homenagem a Manuel Bívar. Ao longo dos anos, o desenho do jardim foi alterando, não só na forma dos canteiros como em elementos que deixaram de existir, nomeadamente um quiosque, um lago ao centro do jardim, umas casas de banho públicas, entre outros.

Botânica:

Espécies botânicas presentes – *Nerium oleander* L.; *Lantana camara* L.; *Hibiscus rosa-sinensis* L.; *Jacaranda*; *Salix babylonica* L.; *Washingtonia robusta* H.Wendl.; *Camellia japónica* L.; *Cupressus*; *Phoenix canariensis* Chabaud;

Evolução do jardim através de plantas e postais antigos:



Figura 2 - Postal antigo do jardim, 1904. (Fonte: Coleção Privada).



Figura 3 - Postal antigo da Praça D. Francisco Gomes, 1910. (Fonte: PAULA, 1993).



Figura 4 - Postal datado a 1922. (Fonte: Coleção Privada).

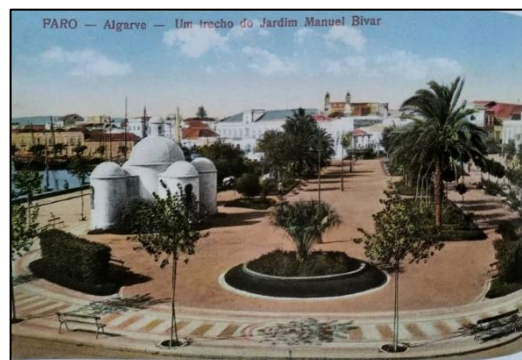


Figura 5 - Postal do Jardim Manuel Bivar entre 1925 e 1930. (Fonte: PAULA, 1993).



Figura 6 - Extrato da Planta da Cidade de Faro de Jaime Henrique de Sá Viana Couceira e Frederico I. Taveira, 1931. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro).



Figura 7 - Extrato da Planta da Cidade de Faro de Raul Proença em 1937. (Fonte: Guia de Portugal, 1983).



Figura 8 - Extrato da Planta da cidade de Faro em 1945 pelo arquiteto João Aguiar. (Fonte: PAULA, 1993).

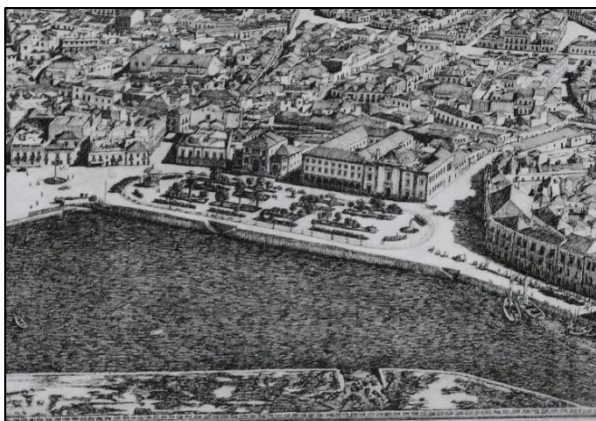


Figura 9 - Ilustração do Jardim Manuel Bivar em 1948 por Luís F. R. Santos. (Fonte: PAULA, 1993).

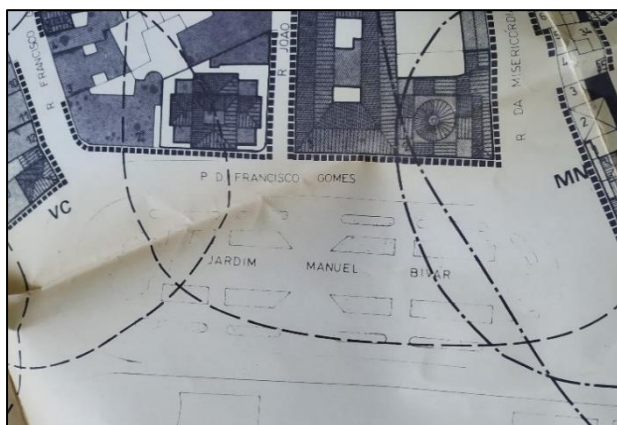


Figura 10 - Extrato do Plano de Pormenor da cidade de Faro em 1994. (Fonte: Plano de Salvaguarda e Valorização dos Núcleos Históricos da Cidade de Faro, maio 1994).

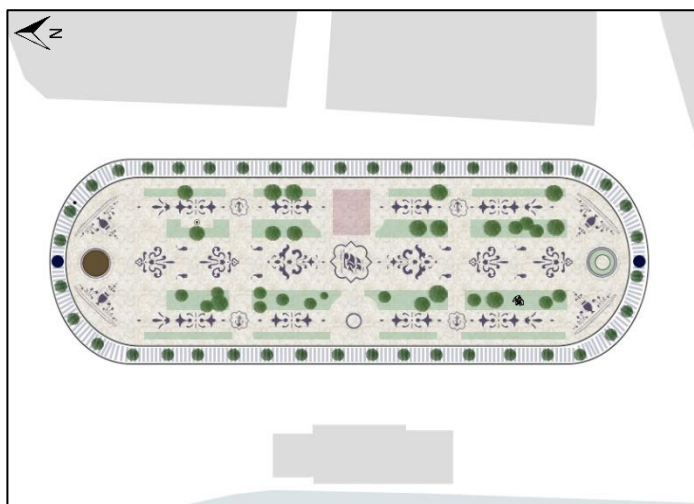


Figura 11 - Planta do Jardim Manuel Bivar em 2019. (Fonte: autora).

Observação: Os desenhos do jardim têm significado. A nau preta ao centro é feita de pedra basalto desde 1932. O presidente Mário Lyster Franco convidou o seu pai (o pintor Augusto Lyster Franco) para desenhar a ilustração no chão onde naquela época era terra batida.

Bibliografia:

AFONSO, Patrícia; MALOBBIA, Patrícia; RODRIGUES, Tânia; VALENTE, Teresa – **Faro, Marcos de Urbanismo**. Câmara Municipal de Faro, 2017.

GUERREIRO, Manuel Viegas; MAGALHÃES, Joaquim Romero – **Duas Descrições do Algarve do Século XVI: Frei João de S. José, corografia do Reino do Algarve (1577): Henrique Fernandes Sarrão, História do Reino do Algarve (circa 1600)**. 1º edição. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

LOUREIRO, Francisco de Sales; CASCÃO, João – **Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve: a alteração das linhas de força da política nacional**. [Lisboa]: Livros Horizonte. cop. 1984

PAULA, Rui Mendes; PAULA, Frederico Mendes – **Faro, Evolução Urbana e Património**. Câmara Municipal de Faro, 1993.

RODRIGUES, Tânia – **Da Praça da Rainha à Praça D. Francisco Gomes – um percurso pelos Marcos do Urbanismo**. [policopiado: FARO, Marcos do Urbanismo]. Câmara Municipal de Faro, 2017.

ROSA, José A. Pinheiro e – **Passeando por Faro: em 1740**. Faro: O Algarve, 1984.

Fontes Documentais:

Arquivo Histórico Municipal de Faro, 1981.

**Câmara Municipal de Faro - Plano de pormenor, plano de salvaguarda e valorização dos núcleos históricos da cidade de Faro: normas provisórias**. Faro: Gabinete Técnico Local - divisão de gestão e reabilitação do património conselho, 1995. 17 p.+19 desenhos e 1 planta

DIONÍSIO, Sant'anna – **Guia de Portugal – estremadura, Alentejo, algarve**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Vol.II.

Documentos fornecidos:

Cartografias e postais antigos disponibilizados pela Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana da Câmara Municipal de Faro.

Transcrições das atas e livros de correspondência fornecidas pela Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro. Folha – 182.

### 2.5.7 - Levantamento do traçado e da composição da Quinta Júdice Fialho, Faro

Situada no espaço rural que envolve a cidade, a Quinta Júdice Fialho surgiu no século XX. Anteriormente ocupada pelos jesuítas, a quinta era um colégio do século XVII. Formada através de pomares, hortas e uma mata é considerada como quinta de recreio, segundo Aurora Carapinha “a quinta de recreio é formada pelo horto de recreio, a horta, o pomar e a mata, cerradas por limites vivos ou inertes, num desenho simples e essencialmente vegetal. A subdivisão do todo em unidade, em compartimentos, em partes separadas mensuráveis, é uma característica imutável no desenho da quinta de recreio, independente do lugar, do tempo e do contexto cultural. (...) É um espaço onde se privilegia, predominantemente, a fruição sensitiva e a qualidade estática dos elementos naturais (forma, cor e aroma)” (COSTA, 2002, p.79).

Com uma área de 12,70 hectares, a estrutura verde da quinta divide-se em três patamares com diferentes cotas - uma mata, um jardim de estilo francês e uma área agrícola. O primeiro patamar, o mais elevado, começa no portão principal e estende-se até ao patamar intermédio, neste trajeto consegue-se observar que a quinta é “ladeada por um muro coberto de trepadeiras<sup>40</sup> e por uma sebe de loendro (*Nerium oleander* L.)” (COSTA, 2002, p.53), existe outro caminho que tem uma particularidade diferente do outro, é acompanhado por azinheiras (*Quercus ilex* L.) e por alguns exemplares de pinheiro do Alepo (*Pinus halepensis* Mill.). Dividida em três partes, a mata, permanece em dois patamares. O primeiro patamar tem uma forma triangular ao contrário das outras duas partes que estão divididas por um eixo ao centro (Figura 55). A mata tem variadíssimas espécies de plantas arbóreas, tais como *Quercus rotundifolia* Lam., *Olea europaea* L., *Ceratonia siliqua* L., *Cupressus sempervirens* L., *Cupressus sempervirens horizontalis* Mill., *Cupressus lusitanica* Mill., *Cedrus atlantica* (Endl.) Manetti ex Carrière, *Grevillea robusta* A. Cunn ex R.Br., *Brachychiton populneus* (Schott & Endl.) R.Br., *Jacaranda mimosifolia* D.Don, *Melia azedarach* L., *Washingtonia filifera* (Liden ex André) H.Wendl ex de Bary e *Robinia pseudoacacia* L. (COSTA, 2013, p.38). Existem outros elementos que marcam o primeiro limiar: uma casa de porteiro e um tanque

---

<sup>40</sup> Tais como bouganvilleas, roseiras e *Solandra maxima*.

ornamentado por azulejos com uma escadaria que abastecia água para o jardim florista que envolvem o palácio. Este jardim era caracterizado por ser uma exposição de flores ao ar livre conjugando com a geometria dos canteiros.

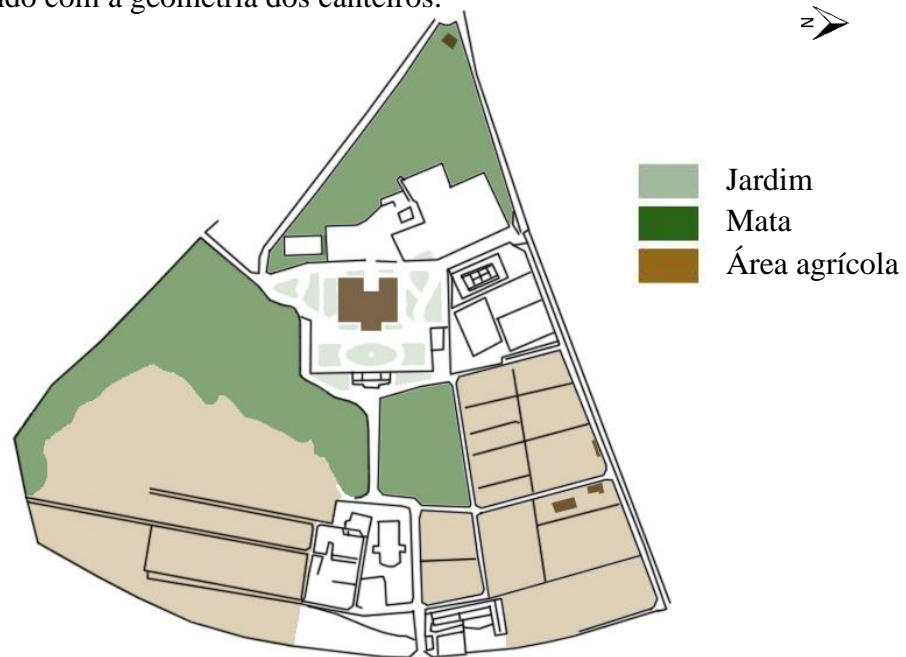


Figura 55 – Desenho elaborado em Photoshop com base num esboço da Quinta Júdice Fialho. (Adaptado de COSTA, 2013)

Segundo Mariana Costa, no lado esquerdo da mata “verifica-se uma organização das espécies, nomeadamente por ciprestes e uma zona central marcada por palmeiras – local de culto e contemplação” por outro lado a mancha do lado direito é muito semelhante à primeira mancha do desenho. Esta é “marcada por espécies de grande porte, dispostas aleatoriamente” (COSTA, 2013, p.37).

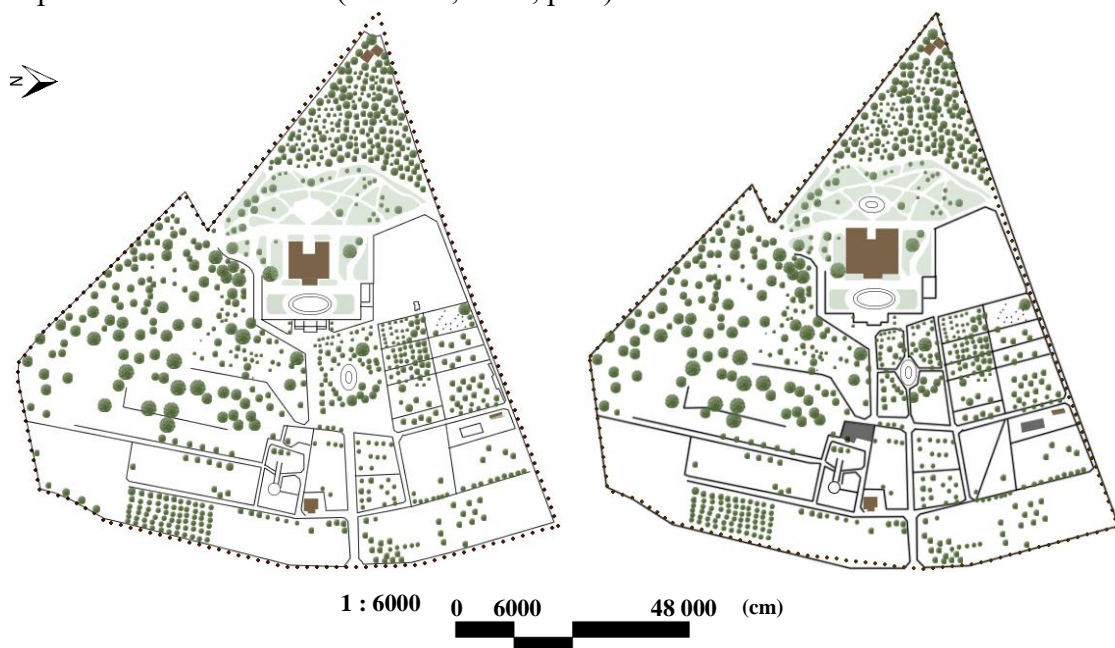


Figura 56 – Desenhos elaborados em Photoshop da Quinta Júdice Fialho, com base em diferentes plantas da cidade de Faro: a) 1931 (adaptado da planta realizada por Jaime Henrique de Sá Viana Couceira e Frederico I. Taveira - Fonte: Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro); b) 1945 adaptado da planta realizada pelo Arq. João Aguiar - Fonte: PAULA, 1993)

O segundo patamar é marcado pelo jardim de estilo francês que envolve o palácio, podendo-se “dividir” em diferentes espaços. No alçado posterior ao palácio existia um jardim florista delimitado por caminhos irregulares que dividiam o espaço relvado que continha uma taça de água “em mármore (...), ornamentada ao centro por uma coluna triangular (...), sobre a qual estão dispostos três leões em bronze (...), em posição sentada” (COSTA, 2002, p.53) (pensa-se que esta fonte tenha sido construída depois da morte de Júdice Fialho, na altura em que o colégio se instalou na propriedade<sup>41</sup>). Emílio David (1838?39?-1873), jardineiro e arquiteto paisagista, descreve o jardim florista pela sua formalidade, através de fontes decorativas e de canteiros relvados com açafates de flores (MARQUES; MAGALHÃES, 2013, p.5). Em 2002 deixou de existir como elemento de água e passou a ser um parque infantil (Figura 57) onde anos mais tarde, em 2013, voltou a surgir como fonte. Nos anos sessenta o jardim desapareceu para dar lugar a um pavilhão com salas de aula de apoio ao colégio (COSTA, 2002, p.54) (Figura 58).



Figura 57 - Localização da fonte com o parque infantil, a tardoz do palácio em 2004. (Fonte: COSTA, 2002)



Figura 58 – Desenho elaborado em Photoshop, localizando o jardim florido até aos anos sessenta (a) (Fonte: desenho com base na planta da cidade de Faro de 1945 pelo Arq. João Aguiar) e localização dos pavilhões de apoio ao colégio para salas de aula (b). (Fonte: Google Earth Pro, 2018)

<sup>41</sup> COSTA, 2013, p.45

Em cada alçado lateral do palácio existem canteiros relvados com espécies diferentes entre si. Este jardim também é característico pelas peças escultóricas, nomeadamente a taça de água (referida anteriormente) com leões em bronze, outras peças ornamentadas decoradas com flores (características do século XV e XVI), fontes (uma com dois meninos, outra situada no muro de suporte da zona desportiva), tanques, poços, entre outros.

Um dos canteiros que está situado na lateral esquerda da escadaria, que dá acesso à porta nobre do palácio possui um belíssimo exemplar de um dragoeiro (*Dracaena draco* (L.) L.) que faz contrapartida com exemplares de *Ceratonia siliqua* L., *Ficus macrocarpa*, *Lagunaria patersonii* (Andrew) G.Don, *Phoenix canariensis* Chabaud e *Washingtonia filifera* (Liden ex André) H.Wendl ex de Bary. Segundo Margarida Costa, a escolha destas espécies “refletem o gosto pelo exotismo, tão característico da época de construção do conjunto, em Portugal” (COSTA, 2002, p.54). Outra característica presente na quinta, é o muro de suporte que acompanha a balaustrada em mármore branco integrando elementos decorativos constituídos por floreiras de diferentes tipos. Em frente à fachada principal do palácio existem três canteiros, relvados e marcados por espécies arbustivas. O do meio de forma oval, destaca-se pela estátua que se localiza ao centro.

A transição do segundo para o terceiro patamar é realizado pela escadaria que se prolonga pelo eixo principal. Como anteriormente foi referido, este eixo separa a mata de espécies exóticas, tais como: *Casuarina cunninghamiana* Miq., *Cedrus libani ssp. atlantica* (Endl.) Batt. & Trab., *Cercis siliquastrum* (L.), *Cupressus arizonica* Greene, *Cupressus sempervirens* L., *Jacaranda mimosifolia* D.Don, *Melia azedarach* L., *Phoenix canariensis* Chabaud, *Pinus halepensis* Mill., *Pinus Pinea* L., *Thuja occidentalis* L. e *Washingtonia filifera* (Liden ex André) H.Wendl ex de Bary, destacando-se dois exemplares de *Araucaria excelsa* (Lamb.) R.Br..

Com esta transição, as áreas agrícolas começam a surgir, destacando-se também neste patamar uma passeira,<sup>42</sup> com uma forma retangular, “formando de cada lado seis bancos, intervalados por pequenas colunas, que suportariam floreiras de pé, (...) em terracota pintada de branco e decoradas com flores em baixo relevo” (COSTA, 2002, p.55). Uma das características dos jardins portugueses são as conversadeiras (namoradeiras), “(...) dada a existência de bancos embutidos nos muros (...)” (COSTA,

---

<sup>42</sup> Lugar onde secam os frutos.

2002, p.55). No lado Este da passeira, existe um tanque com a forma de um trevo de quatro folhas e ao seu centro uma escultura, Vénus.

Junto deste tanque, existia um poço coberto que servia de apoio às parcelas agrícolas de culturas hortícolas e de citrinos. Neste processo de encaminhamento da água, esta era encaminhada por regadeiras ocupadas pela cultura de sequeiro, Alfarrobeiras (COSTA,2002, p.55). A Norte do tanque, existia outro edifício: a casa dos caseiros revestida com banda de azulejos azuis e brancos, “(...) de figuração avulsa, vulgarmente conhecidos por “estrelinha” (COSTA, 2002, p.56). A Nordeste da casa, existe um armazém de suporte para a agricultura, em tempos era uma vacaria.

O alçado lateral Sul da quinta estende-se por um muro de suporte originando uma plataforma ocupada por uma vinha.

A Norte da casa dos caseiros, existem talhões agrícolas de forma retangular com diferentes espécies arbóreas: Citrinos, *Cydonia oblonga* Mill. (marmeleiro), *Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl. (nespereira), *Ficus* L. (figueira), *Prunus* L. (ameixeira), *Prunus armeniaca* L. (damasqueiro), *Prunus dulcis* (Mill.) D.A.Webb. (amendoeira), *Prunus persica* (L.) Batsch (pessegueiro), *Punica granatum* L. (romanzeira) e *Pyrus communis* L. (pereira).

Na atual zona desportiva, existiam mais dois tanques de apoio à rega para a zona agrícola (Figura 59).



Figura 59 - Localização do tanque principal que se converteu a zona desportiva. (Fonte: COSTA,2002)

Após terem removido o grande tanque, as peças escultóricas que faziam parte do mesmo foram distribuídas e recolocadas noutros locais da quinta. Este tanque não só tinha como função regar as áreas agrícolas como tinha função de plano-superfície, refletia o céu e o palácio fazendo uma ligação entre a própria paisagem e a quinta.

Próximo de um dos poços (Figura 60), existia um recanto de fresco. De forma retangular era dividida em mais dois retângulos onde na divisão dos mesmos existia uma taça de água. Margarida Costa descreve o recanto com características dos jardins portugueses, nomeadamente “os muretes, do maior e do menor retângulo, possuem zonas de encaixe, onde assentaria uma pérgula ou um caramanchão, suporte de trepadeiras, que produziam sombra e frescura nos dias quentes de Verão (...)” (COSTA, 2002, p.58).



Figura 60 – Localização de uma das casas de fresco que existiam na Quinta Júdice Fialho na planta da cidade de Faro pelo Arq. João Aguiar. (Fonte: PAULA,1993)



Figura 61 - Extrato da planta da cidade de Faro em 1931, de Jaime Henrique de Sá Viana Couceira e Frederico I. Taveira. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território – Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)



Figura 62 - Extrato da evolução da Quinta Júdice Fialho em diferentes períodos com base em ortofotomapas e imagens aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A6, pág. 1

Título: **Quinta Júdice Fialho, Faro**

Região: **Algarve**

Distrito: **Faro**

Concelho: **Faro**

Freguesia: **União de freguesias da Sé e de São Pedro**



Figura 1 - Vista parcial do Palácio da Quinta Júdice Fialho. (Fonte: SIPA)

Proprietário: **Diocese do Algarve**

Autor: **Arquiteto Joaquim Manuel Norte Júnior**

Data de criação: **Século XX (1915-1925)**

Tipo de proprietário: **Igreja Católica**

Contacto do Jardim:

Endereço: **Rua de Berlim, 8000-278, Faro**

Telefone:

E-mail:

Página web: <http://www.colegiodoalto.edu.pt/?view=featured>  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4484](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4484)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/335697>

Localização:

Coordenadas: **37° 01' 10,03" N, 07° 55' 09,04" W**

Latitude: **37.019474**

Longitude: **-7.917381999999975**

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A6, pág. 2

Descrição do jardim:

À francesa/barroco	<b>X</b>	À inglesa		À italiana/renascimento	
Arboreto		Botânico		Campestre	
Contemporâneo		De cobertura		Eclético	
Etnológico		Hortícola	<b>X</b>	Medieval	
Miradouro	<b>X</b>	Modernista		Quinta de reprodução	
Romântico		Roseiral		Terraço	
Urbano		Viveiro florestal			

Tabela 28 – Descrição do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Elementos decorativos:

Água	<b>X</b>	Alegretes		Aquedutos	
Azulejaria	<b>X</b>	Balaustrada	<b>X</b>	Bancos	<b>X</b>
Barroco		Caleira		Canal	
Caramanchão		Casa		Cascata	
Cisterna		Coreto		Curso	
Edifício	<b>X</b>	Eixo	<b>X</b>	Embrechados	
Escultura	<b>X</b>	Esguichos		Espelho	
Estátua	<b>X</b>	Estufa		Follies	
Fonte	<b>X</b>	Fresco		Giochi	
Grottoe		Lago		Mina	
Miradouro	<b>X</b>	Mirante		Nora	
Pavilhão	<b>X</b>	Pérgola		Poço	
Ponte		Pórtico		Quiosque	
Relva	<b>X</b>	Repuxos		Sacra	
Tanque	<b>X</b>	Topiária		Trelicas	
Via					

Tabela 29 - Elementos decorativos existentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Elementos vegetais:

Arbustos	<b>X</b>	Árvores	<b>X</b>	Árvores de alinhamento	<b>X</b>
Árvores de frutos	<b>X</b>	Árvores notáveis	<b>X</b>	Cactos e plantas suculentas	
Fetos		Herbáceas vivazes		Plantas anciais	

Tabela 30 - Elementos vegetais presentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Abertura ao público:

Aberto ao público		Abertura sujeita a pedido	
Bilhete de entrada		Não visitável	<b>X</b>

Tabela 31 -

Estatuto do jardim:

Privado	<b>X</b>	Público	
---------	----------	---------	--

Tabela 32 - Estatuto do Jardim em estudo. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

**FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE**

Anexo A6, pág. 3

Classificado:

Em vias de classificação		Imóvel de interesse público	
Monumento de interesse público	X	Monumento Nacional	
Nenhum classificado		Património Nacional	
Zona especial de proteção			

Tabela 33 - Classificação do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Breve descrição do jardim:

A Quinta Júdice Fialho, quinta privada em Faro, com cerca de 13,04 ha (estrutura verde – 12,70 ha), situado na Rua de Berlim, foi projetado em 1915 pelo arquiteto Norte Júnior. A estrutura verde da quinta está dividida em três patamares: uma mata, um jardim de estilo francês e uma área agrícola. Cada parte tem um traçado característico. A mata é dividida em três zonas: a primeira parte tem como forma um triângulo ao contrário das outras duas que estão divididas por um eixo ao seu centro; o jardim florista (existia no alçado inferior do palácio) é delimitado por caminhos irregulares que dividiam o espaço relvado e tinha presente um elemento de água, por fim, a área agrícola tem como forma o traçado dos próprios talhões, ou seja, está dividida por retângulos. Atualmente já não existe o jardim florista, mas o jardim de estilo francês permanece até hoje tal como o elemento de água. Este jardim é constituído por canteiros relvados com espécies diferentes entre si e por peças escultórias. A transição do jardim de estilo francês para a área agrícola, é marcado por uma escadaria que é acompanhada por balaustrada, em mármore branco, integrando elementos decorativos constituídos por floreiras de diferentes tipos. A área agrícola é demarcada por diferentes tipos de elementos construídos: uma passeira que contém bancos embutidos (uma característica dos jardins portugueses), conhecida por namoradeiras ou conversadeiras; um tanque em forma de trevo de quatro folhas e ao seu centro uma escultura, Vénus; armazéns agrícolas; tanques; recanto de refresco; entre outros.

Botânica:

Espécies botânicas presentes – *Araucaria axcelsa* (Lamb.) R.Br., *Brachychiton populneus* (Schott & Endl.) R.Br., *Casuarina cunninghamiana* Miq., *Cedrus atlantica* (Endl.) Manetti ex Carrière, *Cedrus libani* ssp. *atlantica* (Endl.) Batt. & Trab., *Ceratonia siliqua* L., *Cercis siliquastrum* (L.), *Cupressus arizonica* Greene, *Cupressus lusitanica* Mill., *Cupressus sempervirens* L., *Cupressus sempervirens horizontalis* Mill., *Cydonia oblonga* Mill., *Dracaena draco* (L.) L., *Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl., *Ficus* L., *Ficus macrocarpa*, *Grevillea robusta* A. Cunn ex R.Br., *Jacaranda mimosifolia* D.Don., *Lagunaria patersonii* (Andrew) G.Don., *Melia azedarach* L., *Olea europaea* L., *Nerium oleander* L., *Phoenix canariensis* Chabaud, *Pinus halepensis* Mill., *Pinus Pinea* L., *Prunus* L., *Prunus armeniaca* L., *Prunus dulcis* (Mill.) D.A. Webb., *Prunus persica* (L.) Batsh, *Punica granatum* L., *Pyrus communis* L., *Quercus ilex* L., *Quercus rotundifolia* Lam., *Robinia pseudoacacia* L., *Thuja occidentalis* L., *Washingtonia filifera* (Liden ex André) H.Wendl ex de Bary.

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Evolução do jardim através de plantas e postais antigos:

Anexo A6, pág. 5

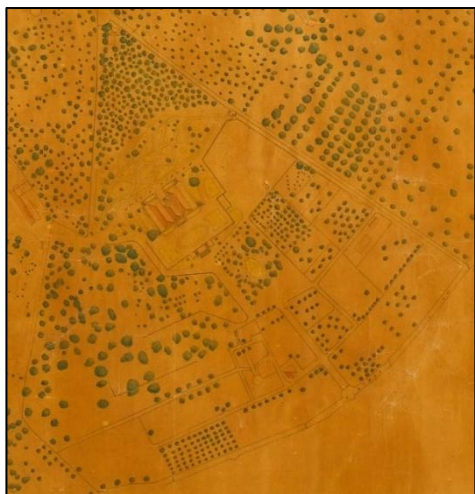


Figura 2 – Extrato da Planta da cidade de Faro de Jaime Henrique de Sá Viana Couceira e Frederico I. Taveira em 1931. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro).

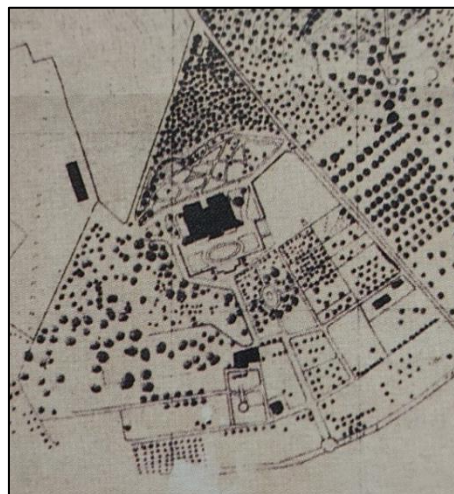


Figura 3 – Extrato da Planta da cidade de Faro em 1945, pelo Arquiteto João Aguiar. (Fonte: Livro de Rui e Frederico Paula – Faro, Evolução Urbana e Património, 1993).

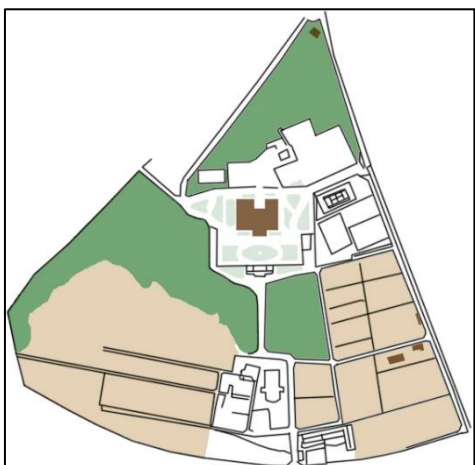


Figura 4 – Esboço da quinta Júdice Fialho em 2013, adaptado de Mariana Costa. (Fonte: BASTOS, 2013; autora, 2019)

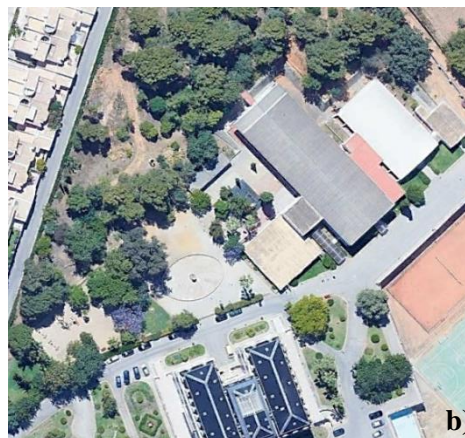


Figura 5 - Localização do jardim vitoriano ainda existente até aos anos sessenta (a) (Fonte: esboço com base na planta da cidade de Faro de 1945 pelo Arq. João Aguiar) e localização dos pavilhões de apoio ao colégio para salas de aula (b). (Fonte: Google Earth Pro, 2018)

Bibliografia:

COSTA, Margarida Sofia Jordão – **As Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Relatório final de Licenciatura em Arquitetura Paisagista, apresentada à Faculdade de Engenharia e Recursos Humanos da Universidade do Algarve. Faro: [s.l.], 2002.

COSTA, Mariana Cavaco Félix Guerreiro – **Estudo Histórico-Artístico e Proposta de Plano Diretor de Restauro para a Quinta do Alto, Faro**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: ISA, 2013.

Fontes documentais:

PAULA, Rui Mendes; PAULA, Frederico Mendes – **Faro, Evolução Urbana e Património**. Câmara Municipal de Faro, 1993

Cartografias e postais antigos disponibilizados pela Divisão de Ordenamento do Território - Serviço de Regeneração Urbana da Câmara Municipal de Faro.

## Conclusões

“O jardim é um lugar onde a premeditação pode colorir o futuro com imagens de arco íris da primavera e esperança, onde a memória é como uma fonte que se livra dos dias tristes de inverno deixando apenas refletidas imagens de flores, a luz do sol e o céu azul profundo (...)” (SITWELL, 1909, p.49).

A ideia de jardim é representada como um lugar de tranquilidade; de refúgio através da exuberância da vegetação. Através de plantas trepadeiras, caramanchões ou até mesmo alegretes e pequenas fontes, o jardim ao longo do tempo foi-se transformando num lugar de lazer chegando a envolver a área agrícola no próprio jardim.

Segundo a Carta de Florença, no artigo 1º, “o jardim histórico é uma composição arquitetónica e hortícola com interesse para o público pelo seu ponto de vista histórico ou artístico”, ou seja, é considerado como um monumento. A sua aparência transmite um equilíbrio entre o seu crescimento e a degradação da natureza, conduzindo o valor da sua memória com a identidade da sociedade. Por outras palavras, uma herança natural e cultural.

A necessidade de salvaguardar os jardins pelos seus valores estéticos e históricos, compõem o património natural da cidade através do sistema de vegetação, prestando serviços ecológicos para a própria cidade.

Os seis jardins estudados neste trabalho, desde o século XVI até ao século XX, procuram trazer relevância ao património e cultura da cidade de Faro. No século XVI, o jardim do claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção era considerado como um jardim fechado. No seu centro havia uma pequena fonte, que refletia o céu que simbolizava a vida no paraíso e a sua vegetação tinha carácter religioso.

No século XVIII os jardins passaram a definir-se como hortas. Um bom exemplo desta tipologia é a Horta do Ourives situada numa das entradas de Faro, e que se dividia em três zonas. A primeira zona era a casa nobre e a casa dos caseiros, a segunda era a zona de hortícolas, de regadio, e onde situavam os animais e a última era a zona do cultivo de sequeiro. Na metade do século XIX, surgiu o Jardim da Alameda João de Deus. Este jardim, era inicialmente um local de passeio e de entretenimento para a própria cidade. Com o passar do tempo, o jardim volta a sofrer alterações (no século XX). Influenciado pelos jardins românticos, a existência de lagos, pérgulas cobertas por vegetação, pequenos

labirintos de buxo, entre outros, denota as influências estéticas tornando-o mais eclético, ganhando um carácter intimista. A partir do final do século XX, este jardim tornou-se mais aberto devido à vegetação mais rasteira que foi introduzida, na sequência de alterações da gestão da própria Alameda.

O Jardim Manuel Bívar surgiu no século XX, situado na Praça D. Francisco Gomes. Este jardim foi também sofrendo alterações tanto a nível do desenho da sua estrutura como da sua envolvente. Por fim, o último jardim estudado foi a Quinta Júdice Fialho, situada na Campina de Faro também surgiu no século XX. Considerada como quinta de recreio, esta quinta é dividida também por três zonas diferentes - uma mata, um jardim de estilo francês e uma área agrícola.

Durante a realização da presente dissertação foi notória a ausência de informação relativa a jardins históricos existentes na cidade de Faro. Apesar da grande maioria desses espaços ainda existirem nos dias de hoje, grande parte da população não lhe atribui a importância devida nem o significado que cada um representa. Cada jardim estudado, tem características diferentes, mas todos eles têm uma coisa em comum – a sua intimidade e a sua ligação com a envolvente.

O “Institut Européen des Jardins & Paysages”, é um centro de documentação e um local de encontro de todos aqueles que apreciem os jardins históricos e que criou um Inventário Europeu que agrega, neste momento, os inventários de quatro países europeus (França, Portugal, Bélgica e Inglaterra). Como o inventário português integra o inventário europeu, as fichas de inventário utilizadas neste trabalho de investigação, foram adaptadas e elaboradas de acordo com esse requisito.

Os inventários elaborados na presente investigação são um contributo técnico-científico que ajudam a documentar o património paisagístico português e de matriz portuguesa, nomeadamente os jardins históricos da cidade de Faro. Enquanto recurso de informação qualificada, são uma ferramenta ao serviço da salvaguarda e valorização desse legado cultural, assente em metodologias de identificação, registo, documentação e interpretação, estudo e divulgação, contribuindo para o conhecimento coletivo desses lugares.

Os espaços verdes da cidade de Faro são cada vez mais escassos, razão pela qual a elaboração destes inventários assumem um papel determinante, não só na identificação

do próprio património, mas também como memória passada e futura dos próprios lugares, alertando para a necessidade de os mesmos serem incluídos na divulgação cultural, associados ao turismo cultural, aumentando a consciência coletiva e individual da importância deste património, atendendo ao seu potencial valor funcional, económico-financeiro, cultural, científico, histórico, simbólico e identitário.

Concluindo, este trabalho de investigação de jardins históricos tem o intuito de preservar as memórias dos jardins estudados que estão presentes na cidade de Faro, contribuindo para o presente e futuro da sua memória. Pretende também contribuir para a salvaguarda dos jardins históricos, através da ligação ao inventário europeu, alertando a Direção-Geral do Património Cultural para a necessidade urgente de classificar este património.

Futuros trabalhos que procurem cumprir este objetivo, na região algarvia seriam uma excelente contribuição para a valorização deste património do nosso país.

## **Bibliografia**

AFONSO, Patrícia; MALOBBIA, Patrícia; RODRIGUES, Tânia; VALENTE, Teresa – **FARO, Marcos de Urbanismo**. Câmara Municipal de Faro, 2017. ISBN 978-989-99270-3-2.

ALARCÃO, Jorge de – **Introdução ao estudo da história e do património locais**. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1987. 67p.

AZAMBUJA, Sónia Talhé – **A Linguagem Simbólica da Natureza. A Flora e a Fauna na Pintura Seiscentista Portuguesa**. Lisboa: Nova Vega, 2009, 384 pp. ISBN 978-972-699-921-8

BAPTISTA, Vítor Reia – **Faro adentro e por fora: um roteiro foto-poético do Concelho de Faro**. Faro. Câmara Municipal de Faro, 2000. 77pp. ISBN 972-95931-9-1

BARRETO, J. Mimoso – **O Algarve**. Lisboa: Direção-Geral da Educação Permanente, 1972. 227pp.

BASTO, Ana Rita Silva – **Da inventariação à salvaguarda do património paisagístico**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista, apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Porto, 2015. Vol.I.

BELÉM, Frei Jerónimo – **Chronica Seráfica da Santa Província dos Algarves da Regular Observancia do nosso Seráfico padre S. Francisco**, parte IV. Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1758.

BRIGOLA, João Carlos – **Museologia e História Natural em finais de setecentos: o caso do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (1777 - 1808)**. Anais (UAL). Série História, 219-241. 2001

CABRAL, Francisco Caldeira – **Fundamentos da Arquitetura Paisagista**. 2ª edição – Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 2003. 220pp. ISBN 972-775-123-7.

CABRITA, Hélder; CARDOSO, Homem – **Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal**. 2ª edição. Venda Nova: Bertrand Editora, 1998. 319pp., ISBN 972-564-342-6

CALIXTO, Carlos Pereira 1921-1991 – **Apontamentos para a história das fortificações da Praça de Faro**. Faro: [s.n.], 1979 -. Vol.5.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da – **Azulejaria barroca em Évora: um inventário**. Évora: Universidade de Évora, 1999. IX, 153pp. + [17] pp. de anexos. ISBN 972-778-017-2

CÂMARA MUNICIPAL DE FARO - **Plano de pormenor, plano de salvaguarda e valorização dos núcleos históricos da cidade de Faro: normas provisórias**. Faro: Gabinete Técnico Local - divisão de gestão e reabilitação do património conselho, 1995. 17 pp.+19 desenhos e 1 planta

CÂMARA MUNICIPAL DE FARO – **Plano de Estrutura Verde de Faro: 1997**. Faro: Câmara Municipal de Faro de Faro, 1997. 87pp.

CÂMARA MUNICIPAL DE FARO – **Plano Rodoviário Municipal**. Faro: Câmara Municipal, 1999. Vol. 1 + 13 mapas.

CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira – **Da Essência do Jardim Português**. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para obtenção de grau de doutor no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem. Évora: [s.n.], 1995. Vol. I.

Carta de Atenas. Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos, Serviço Internacional de Museus, Atenas, 1931. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>

CARVALHO, Paulo; SILVA, Susana – Historic gardens: heritage and tourism. **Riscos Naturais, Antrópicos e Mistos. Homenagem ao Professor Fernando Rebelo**. Departamento de Geografia da Universidade de Coimbra, 2013.

CASTEL-BRANCO, Cristina(ed.) – **Jardim Botânico da Ajuda**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. 205pp. ISBN 972-98439-0-2.

CASTEL-BRANCO, Cristina(coord.) – **Jardins com História: poesia atrás dos muros**. Lisboa: INAPA, 2002. 176pp. ISBN 972-797-032-X.

CASTEL-BRANCO, Cristina – **Jardins de Portugal**. [s.l.]: CTT- a casa do livro, 2014. ISBN 978-972-8968-57-1

CHAVES, António Rego – **Portugal, memórias das cidades: livro de ouro**. Lisboa: Diário de Notícias, 2001, 211pp.

CORREIA, José Eduardo Horta – **A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600**. Lisboa: Publicações Ciência e Vida, 1987. 162pp.

CORREIA, José Eduardo Horta – **A importância dos colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991.

CORREIA, José Eduardo Horta – **Arquitectura Portuguesa: renascimento, maneirismo, estilo chão**. 2ª. Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2002. 81pp. ISBN 972-23-1442-4

COSTA, Margarida Sofia Jordão – **As Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Relatório final de Licenciatura em Arquitetura Paisagista, apresentada à Faculdade de Engenharia e Recursos Humanos da Universidade do Algarve. Faro: [s. n.], 2002. Vol.2.

COSTA, Margarida Sofia Jordão – **As Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Faro: Anais do Município de Faro, 2003/2004. pp.70-101.

COSTA, Mariana Cavaco Félix Guerreiro – **Estudo Histórico-Artístico e Proposta de Plano Diretor de Restauro para a Quinta do Alto, Faro**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: ISA, 2013.

DIONÍSIO, Sant'anna – **Guia de Portugal – estremadura, Alentejo, algarve**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Vol.II.

FRANCO, Mário Lyster 1902-1984 – **O Algarve** [policopiado]. [Lisboa: Imp.. Nacional, 1929]. 64pp.

GUERREIRO, Manuel Viegas; MAGALHÃES, Joaquim Romero – **Duas Descrições do Algarve do Século XVI: Frei João de S. José, corografia do Reino do Algarve (1577): Henrique Fernandes Sarrão, História do Reino do Algarve (circa 1600)**. 1ª edição. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983. 182pp.

HAUPT, Albrecht; MORGADO, Margarida – **A Arquitetura do Renascimento em Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

HUMPHRIES, C. J.; PRESS, J. R.; SUTTON, D. A.; GARRARD, I.; HAYWARD, J.; MORE, D.; PEREIRA, Luís G.; PISSARA, José; SILVA, Rubim Almeida da – **Árvores de Portugal e Europa**. Porto: FAPAS: Câmara Municipal. Pelouro do Ambiente, 1996. 320pp., ISBN 972-95951-2-7

**Jardins Históricos de Portugal: projeto piloto de valorização cultural e turística – Jardim Botânico da Ajuda, Lisboa e Jardim do Cerco, Mafra**. [s. l.]: Secretaria do Estado do Turismo: Fundo de Turismo, 1995. 23pp.

LAMEIRA, Francisco – **Elementos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam a madeira em/para a cidade de Faro nos séculos XVII a XIX**. Faro: Município de Faro, 1987. 62pp.

LAMEIRA, Francisco – **Faro, edificações notáveis**. 2.ª ed. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1997

LAMEIRA, Francisco; Paulo, Dália – **Faro, ontem e hoje**. Faro: Câmara Municipal, Gabinete de Gestão e Reabilitação do Património Histórico. 1998. 19pp.

LAMEIRA, Francisco – **Faro, a arte na história da cidade**. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1999. 111pp.

LOPES, João Batista da Silva – **Corografia ou memória económica, estatística e topografia do Reino do Algarve**. Faro: Algarve em Foco, 1988. 2v

LOUREIRO, Francisco de Sales; CASCÃO, João – **Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve: a alteração das linhas de força da política nacional**. [Lisboa]: Livros Horizonte. cop. 1984. 152 pp.

MAGALHÃES, Joaquim A. R. – **Algarve económico durante o século XVI**. Lisboa: COSMOS, 1970

MAGALHÃES, Manuela Raposo – **A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade**. Lisboa: Estampa, 2001. 525pp., ISBN 972-33-1686-2

MARADO, Catarina Almeida – **Antigos Conventos do Algarve: um percurso pelo património da região**. Lisboa: Colibri: Fernando Mão de Ferro, 2006. ISBN 972-772-31-3

MARQUES, João A.C. – **O Convento de Nossa Senhora da Assunção em Faro**. Cadernos de História da Arte, n.º1, Lisboa: (s.l.), 1991

MASCARENHAS, Maria José Jesuíno – **Análise Comparativa entre Metodologias de Restauro de Jardins e Sítios Históricos praticados na Holanda e em Portugal**. Relatório de trabalho de fim de curso da licenciatura em Arquitetura Paisagista, apresentado à Universidade do Algarve. Faro: Maria José Jesuíno Mascarenhas, 2007.

MELLO, Magno Moraes; RAMOS, Hélio; Câmara Municipal de Faro – **Pintura do concelho de Faro: inventário**. Faro: Câmara Municipal. Gabinete de Gestão e Reabilitação do Património, 2000. 303 pp.

OLIVEIRA, ANA; SIMÕES, Ana; GOMES, Laura; LOPES, Natércia; SEQUEIRA, Rui – **Jardim do Claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção**. Trabalho não publicado, realizado na unidade curricular Arte dos Jardins I e II, sob coordenação da professora Sónia Talhé Azambuja no curso de Arquitetura Paisagista da Faculdade de Engenharia e Recursos Naturais da Universidade do Algarve, Faro: Universidade do Algarve, 2004.

PASSOS, José Manuel da Silva – **O bilhete postal ilustrado e a história urbana do Algarve**. Caminho: Memória da Cidade, 1995. 186pp. ISBN 972-21-1022-5.

PAULA, Rui Mendes; PAULA, Frederico Mendes – **Faro, Evolução Urbana e Património**. Câmara Municipal de Faro, 1993. ISBN 972-95931-0-8.

PAULO, Dália – **Fábrica da Cerveja Portugália e Convento das Freiras – estudo dos edifícios e projeto de adaptação a museu**. Revista Monumentos n.º 24. Lisboa: [s.l.], 2006.

PAULO, Dália - **O Convento de Nossa Senhora da Assunção: (des)construção da memória**. Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa, apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Faro, 2007. Vol.I.

PEREIRA, Ana Sofia Correia; CONCEIÇÃO, Linda Zara Calapez – **Jardim Alameda João de Deus, como recurso patrimonial da cidade de Faro**. Trabalho final de Licenciatura em Turismo, apresentada à Escola de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve. Faro: [s. n.], 2004.

PESSOA, Fernando Santos – **Paisagem e Arquitectura Paisagista**. [Gambelas]: Universidade do Algarve, 2010. 38pp. ISBN 978-972-9341-98-4

PESSOA, Fernando Santos – **A Arquitectura paisagista em Ilídio de Araújo – Uma Fotobiografia**. [Estoi]: Culturgaia, 2015. 125 pp., ISBN 978-972-99957-3-6

PINTO, Ricardo Santos – **Faro – Cidade da Cultura....** [Faro]: Norprint – Artes Gráficas, S.A.. ISBN 972-8741-15-4

RIBAS, Tomaz – **Guia Turístico de Faro**. Faro: Região do Turismo do Algarve, 1985.

RODRIGUES, Ana Margarida Neto Aurélio Duarte – **A escultura de jardim: das Quintas e Palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal**. Lisboa: FCG: FCT, 2011. 766pp. Tese de Doutoramento em História da Arte. ISBN 978-972-31-1416-4

RODRIGUES, Tânia – **Da Praça da Rainha à Praça D. Francisco Gomes – um percurso pelos Marcos do Urbanismo**. [policopiado: FARO, Marcos do Urbanismo]. Câmara Municipal de Faro, 2017

RONCHETTI, Costanza – **Do Jardim Místico ao Jardim Profano – para uma leitura dos jardins medievais portugueses**. Revista de História da Arte n.º 7. Departamento de Ciências Musicais: FCSH-UNL, 2009.

ROSA, José A. Pinheiro e – **Passeando por Faro: em 1740**. Faro: O Algarve, 1984. 44pp.

SÁNCHEZ DE MUNIAIN, J. Maria – **Estética del Paisaje Natural**. Madrid: [s.n.], 1945. 1v.

SIMÕES, António Serras – **Subsídio para o estudo agronómico da Campina de Faro**. [Lisboa]: Instituto Superior de Agronomia, [1934?]. 120 pp., [52] est. – Relatório final de curso de engenheiro agrónomo

SITWELL, George – **Na Essay on the Making of Gardens**. Londres: John Murray, 1909. [Consult. Junho 2019]. Disponível em WWW:<URL: <https://archive.org/details/cu31924016401170/page/n11>>.

SWAFFIELD, Simon – **Theory in Landscape Architecture: A Reader**. University of Pennsylvania Press, 2002. ISBN 0-8122-1821-3

Universidade do Porto. Faculdade de Ciências. Departamento de Botânica – **Index Seminum QU/E: Hortos Botanicus**. Porto: Jardim Botânico, 2005. [12]pp.

VANDELLI, Domingos; CARDOSO, José Luís – **Memórias de história natural**. Porto: Porto Editora, 2003. VII, 104pp. ISBN 972-0-34261-7.

VERÍSSIMO, Telma; DIAS, Afonso; DIAS, Daniel; DIAS, Sérgio – **Passeio Público: jardins, alamedas e recantos ajardinados no Algarve**. 2ª. Edição. [Lisboa]: Dimensão 6, 2008. 119pp. ISBN 978-972-8018-04-7.

VIEGAS, Libertário – **Histórias à solta nas ruas de Faro**. 2ª edição. Faro: AJEA, 2004. 167pp. ISBN 972-8503-39-3.

XAVIER, António Manuel – **Das Cercas dos Conventos Capuchos da Província da Piedade**. Évora: Casa do Sul Editora: Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2004. ISBN 972-8661-19-3.

Outras Bibliografias:

Folheto informativo: **azulejos do Paço Episcopal de Faro** (não publicado), 2019.

Slides de um PowerPoint da CCDR Algarve sobre o Jardim da Alameda João de Deus, 2011.

Documentos eletrónicos – bases de dados

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS JARDINS HISTÓRICOS – **Manifesto pela salvaguarda dos Jardins Históricos de Portugal**. Lisboa: [s.n.], 2017. [Consult. Setembro 2019]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.otacores.com/greenga/wp-content/uploads/2017/11/AJH-Manifesto-pelos-JH-de-Portugal-V7-final-TA-co%CC%81pia.pdf>>

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS JARDINS HISTÓRICOS – **Os Jardins Históricos em Portugal e o Apelo à Ação de Berlim: Património Cultural para o Futuro da Europa**. Porto: [s.n.], 2018. [Consult. Setembro 2019]. Disponível em WWW:<URL: [https://docs.wixstatic.com/ugd/959a9a\\_fa59df5b15f443a58102bd32b2a23ccf.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/959a9a_fa59df5b15f443a58102bd32b2a23ccf.pdf)>

LEVY, Paula; SILVA, Jorge Pereira da; TRINDADE, António – **Prof. Francisco Caldeira Cabral**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Comissão Municipal de Toponímia., 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/filip/Downloads/Toponimia\\_Lx\\_Caldeira\\_Cabral.pdf](file:///C:/Users/filip/Downloads/Toponimia_Lx_Caldeira_Cabral.pdf)

MARQUES, Teresa Portela; MAGALHÃES, Cristiane Maria – **Técnica, Arte e Cultura nos jardins de meados de oitocentos até ao limiar do século XX, em Portugal e no Brasil** [pdf]. Brasil: [s.l.], 2013. [Consult. maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: [https://www.academia.edu/5706116/T%C3%A9cnica\\_Arte\\_e\\_Cultura\\_nos\\_jardins\\_de\\_meados\\_de\\_oitocentos\\_at%C3%A9\\_ao\\_limiar\\_do\\_S%C3%A9culo\\_XX\\_em\\_Portugal\\_e\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/5706116/T%C3%A9cnica_Arte_e_Cultura_nos_jardins_de_meados_de_oitocentos_at%C3%A9_ao_limiar_do_S%C3%A9culo_XX_em_Portugal_e_no_Brasil)>.

Artigos de publicações em série:

Diocese do Algarve – **Dom Francisco Gomes do Avelar, o homem que mudou a cidade de Faro!**[site]. Faro: [s.l.], 2006. [Consultado a 6 de março de 2019]. Disponível em <https://diocese-algarve.pt/dom-francisco-gomes-do-avelar-o-homem-que-mudou-a-cidade-de-faro/>

Biblioteca Nacional de Portugal – **Plano hydrographico das barras e portos de Faro e Olhão: Costa Sul de Portugal: Oceano Atlântico Norte/ levantado de 1870 a 1873, sob a direcção do Conselheiro F. Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos e Hidrográficos do Reino, por B. M. F. de Andrade, eng<sup>o</sup> hydrog<sup>o</sup> e pelos Capi[ã]es do exército A. M. Pery e G. A. Pery; Mesquita, Samora, Carvalho e Martins gr.. – Escala 1:20000. – [Lisboa]: Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1885. [Consultado em março de 2019]. Disponível em <http://purl.pt/21968>**

## **Anexos**

### Anexo A

A0 – Modelo da Ficha de Inventário

### Anexo B

Transcrições da Câmara Municipal de Faro

B1 – Atas das Sessões

B2 – Livros de Correspondência

ANEXO A

**FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE**

**Anexo A0, pág. 1**

Título:

Região:

Distrito:

Concelho:

Freguesia:

Proprietário:

Mentor:

Data de criação:

Tipo de proprietário:

IMAGEM DO JARDIM

Contacto do Jardim:

Endereço:

Telefone:

E-mail:

Página web:

Localização:

Coordenadas:

Latitude:

Longitude:

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A0, pág. 2

Descrição do jardim:

À francesa/barroco	À inglesa	À italiana/renascimento
Arboreto	Botânico	Campestre
Contemporâneo	De cobertura	Eclético
Etnológico	Hortícola	Medieval
Miradouro	Modernista	Quinta de reprodução
Romântico	Roseiral	Terraço
Urbano	Viveiro florestal	

Tabela 34 – Descrição do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Elementos decorativos:

Água	Alegretes	Aquedutos
Azulejaria	Balaustrada	Bancos
Barroco	Caleira	Canal
Caramanchão	Casa	Cascata
Cisterna	Coreto	Curso
Edifício	Eixo	Embrechados
Escultura	Esguichos	Espelho
Estátua	Estufa	Follies
Fonte	Fresco	Giochi
Grottoe	Lago	Mina
Miradouro	Mirante	Nora
Pavilhão	Pérgola	Poço
Ponte	Pórtico	Quiosque
Relva	Repuxos	Sacra
Tanque	Topiária	Trelicas
Via		

Tabela 35 - Elementos decorativos existentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Elementos vegetais:

Arbustos	Árvores	Árvores de alinhamento
Árvores de frutos	Árvores notáveis	Cactos e plantas suculentas
Fetos	Herbáceas vivazes	Plantas anciais

Tabela 36 - Elementos vegetais presentes no Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

Abertura ao público:

Aberto ao público	Abertura sujeita a pedido
Bilhete de entrada	Não visitável

Estatuto do jardim:

Privado	Público
---------	---------

Tabela 37 - Estatuto do Jardim em estudo. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).

## FICHA INDIVIDUAL DO INVENTÁRIO DE JARDINS HISTÓRICOS DO ALGARVE

Anexo A0, pág. 3

Classificado:

Em vias de classificação	Imóvel de interesse público	
Monumento de interesse público	Monumento Nacional	
Nenhum classificado	Património Nacional	
Zona especial de proteção		

*Tabela 38 - Classificação do Jardim. (Adaptado do Inventário de Jardins e Paisagens em Portugal em parceria com Institut Européen des Jardins & Paysages).*

Breve descrição do Jardim:

Botânica:

Evolução do jardim através de plantas e postais antigos:

Observação:

Bibliografia:

ANEXO B

## B1 – Atas das Sessões

### Sessão de 18 de dezembro de 1844

*Nesta sessão compareceram o Juiz de Direito da Comarca, acompanhado do Delegado do Procurador Régio e do Doutor João da Silva Sanches e Costa, e depois de fazer uma exposição da tarefa, de que se havia encarregado, auxiliado pelos dois cidadãos que o acompanhavam, de promover uma subscrição com aplicação para concertos de estradas, uma alameda no campo da trindade e uma vala por onde se encanem para o mar as águas da chuva que do campo entram para a cidade, declarou que dois motivos o obrigavam a vir hoje a esta sessão, um de pedir coadjuvação desta câmara no seu intento e outro o de solicitar, por assim dizer, um (...), por isso que circunstancias (...) que o obrigavam a começar os trabalhos da alameda, e da vala no campo da Trindade, deu a permissão desta câmara protestando que da sua parte não houve a menor intenção de a menosprezar (...) as duas atribuições no que estava certo que o acreditavam (...)*

### Sessão de 26 de fevereiro de 1845 – folha 150

*Tendo os habitantes desta cidade concedido para as obras do encanamento para o mar das águas, que do campo da trindade entram para a cidade e bem assim para a alameda, que se está plantando no dito campo (...)*

### Sessão de 26 de maio de 1898 – folha 92e93

*Deliberou a Câmara impor o nome de Vasco da Gama à rua que da avenida Mouzinho de Albuquerque conduz ao passeio da alameda e dar a este passeio o mesmo nome de Vasco da Gama celebrando-se assim o 4-º centenário do descobrimento do caminho marítimo da Índia, em que o referido heróico Vasco da Gama teve a parte mais importante como chefe da expedição. Mais deliberou a Câmara que se procedesse à vedação do referido passeio pela forma mais conveniente.*

### Sessão de 22 de setembro de 1898 – folha 107

*Leu-se um ofício da Direcção das Obras Públicas deste Distrito devolvendo devidamente aprovado o projecto do chalet que esta câmara pretende construir no Passeio “Vasco da Gama” (Alameda).*

Sessão de 23 de julho de 1901 – folha 32

*Leu-se um ofício do Meritíssimo Delegado de Saúde deste Distrito solicitando da câmara as providências indispensáveis para que as águas do lago, que existe no centro do jardim da Praça D. Francisco Gomes, seja renovada pelo menos de 3 em 3 dias, ou que o lago seja de todo extinto, visto ser extremamente perigoso para a saúde pública, na calorosa estação que atravessamos, que a renovação da referida água se faça de 15 em 15 dias como está acontecendo. Discutido largamente o assunto e ouvido sobre ele o pessoal técnico e o dirigente do jardim se reconheceu a impossibilidade de se renovar a água do lago de que se trata de 3 em 3 dias, como recomenda o referido exmo Delgado de Saúde, visto que nem o poço da (?) existente no jardim, produz água bastante para esse fim, nem a canalização tem a capacidade necessária para que o despejo do lago se faça num dia, isto com relação ao emprego da água doce. Com respeito ao aproveitamento da água da maré, não pode isso ter lugar para o nível das águas nas marés mortas é inferior ao fundo do lago. Por tudo isto deliberou a Câmara que, com todas a urgência se procedesse à extinção do já mencionado lago.*

Sessão de 7 de janeiro de 1902 – folha 55 e 56

*Em continuação disse o Sr. Vice-presidente que ele no intuito de conhecer as principais necessidades da cidade, tinha percorrido senão todas pelo menos a maior parte dos seus lugares públicos para depois de conhecidos os recursos do município propor o modo de melhorar aquelas necessidades. Viu que as ruas estão necessitadas de calçadas que a limpeza é mal feita, que a iluminação não satisfaz às aspirações da época, que a estrada principal da cidade, pelo caminho-de-ferro está num estado deplorável o que impressiona desagradavelmente os forasteiros que a vêm visitar, que se pode melhorar aquele local aplicando para ali uma parte da arborização que se encontra na ampliação do passeio da Alameda Vasco da Gama.*

Sessão de 12 de janeiro de 1905 – folha 212

*Obras que se fizeram na minha gerência no ano de 1904 (...) obra completa da Avenida D. Amélia – 4 marcos fontenários para a mesma – plantação de 450 árvores na Avenida D. Amélia – Hintze Ribeiro e Praça Alexandre Herculano – arborização da Avenida Hintze Ribeiro e rasgamento dela até á casa dos herdeiros do Braz – abertura*

*d'um poço no Passeio Vasco da Gama – construção d'um jardim para viveiros e plantas finas.*

Sessão de 21 de novembro de 1914 – coreto do jardim da alameda.

Sessão de 16 de janeiro de 1919 – folha 182

*Atribuído o nome Manuel Bivar ao jardim da praça D. Francisco Gomes.*

Sessão de 24 de abril de 1919 – Folha 4

*Outro ofício do teor seguinte: os abaixo assinados, alunos do liceu central de João de Deus, considerando que nesta cidade de faro ainda não prestada uma homenagem condigna (...) do poeta algarvio que foi João de Deus: considerando que o atual nome do jardim Vasco da Gama não tem razão de se ser por não se tratar de um algarvio, nem de individuo a quem a cidade de faro seja directamente devedora de gratidão, o que não envolve a mínima falta de apreço para (...) a memória do grande navegador, a qual já se encontra bem perpetuada em diversas partes do país, considerando ainda que o próprio liceu de João de Deus se encontra edificado no dito jardim e que à Associação académica do mesmo liceu, se encontra instalada no chalet do referido jardim. Compete por ofício da câmara municipal aquando do mesmo, veem por este meio rogar a Vossa Excelência que seja modificado o nome do atual jardim Vasco da Gama para o de Alameda João de Deus, como homenagem à memória do imortal poeta que foi também algarvio. Saúde e Fraternidade. Faro, 16 de abril de 1919. (...) foi deliberado por unanimidade dar ao jardim Vasco da Gama o nome de Alameda João de Deus (...).*

## B2 – Livros de correspondência expedida

### Ofício n.º 231 de 15 de dezembro de 1892

*A Camara Municipal de Faro, altamente empenhada em dotar esta cidade com um melhoramento de tão grande importância e utilidade pública, como é a obra do cais e do aterro que está procedendo na Praça D. Francisco Gomes – melhoramento este há muito reclamado pelas habitantes desta capital de distrito. – faltando-lhe os meios de por si só levar a cabo tão importante obra no mais curto espaço de tempo (...) simpatia que esta obra merece ao espirito alevantado e patriótico de v. Exa, vem convidá-lo a contribuir pela forma que v. Exa julgar mais conveniente para a mais rápida conclusão daqueles trabalhos. Podendo considerar-se como quase concluída a obra da muralha do cais, muito conveniente é a conclusão do aterro, para pôr esta obra na devida segurança e fornecer desde já ao publico um mais cómodo e agradável passeio. É neste intuito que temos a honra de nos dirigir-mos a V. Exa certos da sua anuência. Deus Guarde a V. Exa*  
*Câmara Municipal de Faro, 15 de dezembro de 1892.*

### Ofício – 10 de dezembro de 1892

*Senhor, A Câmara municipal de Faro, tendo conhecimento de um projecto que mui digníssimo official chefe da Delegação aduaneira de faro acaba de fazer saber à direcção da alfândega de Lisboa tendente a alargar avançado 30 metros para o mar a linha do cais em frente do edificio da alfândega desta cidade: o espaço acanhadíssimo em que actualmente se depositam as mercadorias e se procede à sua carga e descarga, vem com todo o respeito representar a V. Exa que seria da mais alta conveniência a vantagem tanto para o comércio, como para a melhor e mais fácil fiscalização dos serviços aduaneiros que aquela obra se fizesse, pois que não podendo actualmente as barcaças de carga atracar ao cais em virtude da distância que desta se acha à parte navegável do rio o não permitir, ela se efectuar pela forma mais conveniente como a de ser baldeada por carros que a vão buscar às barcaças por dentro da água, resultando dali além das avarias que quase constantemente se dão o espectáculo repugnante de forçar os animais a entrar na água e a puxar cargas enormes por um terreno falso como são os lodos do fundo e que os condutores carregam o mais barbaramente possível. Pela obra projectada todos estes inconvenientes (...) pois que novo cais ficará sempre banhada pelo mar, podendo as barcaças atracar ao mesmo em as ocasiões. Quando as*

*circunstancias que aponta por si sós não bastarem para tornar recomendável uma obra de tão grande utilidade, bastaria as vantagens que dele resultar pelo lado higiénico, por isso que a conquista daquela superfície trará como resultado do imediato à extinção de um foco de infecção pela inversão constantes dos lodos da praia que actualmente apenas são banhadas pelas águas do rio durante as marés vivas. Há ainda uma consideração muito importante que fazer com que esta câmara tome o maior interesse por uma tal obra por isso ele por si só representa um grande benefício para este porto, única via marítima por onde se apura todo o movimento comercial desta cidade e terras circunvizinhas porque é (...) complemento mais perfeito dos trabalhos do aterro e cais da praça D. Francisco Gomes e que está procedendo e com a qual liga como facilmente se vê pela planta junta. Nestes termos Pede a Vossa Majestade haja por bem deferir como requer.*

Livro 21- 1894-1895, folha 112 e 113 (enviado à Vossa Majestade em outubro de 1894)

*A Câmara Municipal de Faro começou em 1892 uma obra de alargamento de primeira importância para esta cidade que é o alargamento da Praça D. Francisco Gomes que (...) da ria e estabelecimento de uma linha de cais de cerca de meio quilómetro de extensão. Esta obra de um grande alcance higiénico e comercial facilitará a população marítima, os consumos da cidade de que (...) ao comércio movimento fácil de mercadorias e aformoseia a cidade fornecendo-lhe um passeio, certamente virá a ser o mais aprazível. O Governo de Vossa Majestade está procedendo à construção de um cais para a alfandega de 90 metros de extensão que liga em linha recta com o cais a que aludimos, mas que é pelo seu tamanho insuficiente para o movimento comercial que se faz por Faro, onde concorrem artigos de importação e exportação de todos os concelhos limítrofes. (...) tão útil melhoramento tem este município despendido já com inúmeros sacrificios e (...) importantes, conseguindo com os seus limitadíssimos recursos e auxílios dos sus habitantes a construção de 280 metros de cais. O orçamento geral de alvenaria é superior a 12 contos de réis para a qual concorreu o governo de Vossa majestade com um subsídio de 500\$000 réis. Para a sua completa conclusão terá esta Câmara de despender ainda avultadas somas e contando com os seus recursos próprios só em prazo bastante longo o poderia conseguir (...) Neste termos, esta câmara vem muito respeitosamente (...) a Vossa Majestade o subsidio de 5500\$000 reis, que a juntar aos 500\$000 réis já concedidos perfazem a quantia de 6000\$000 réis, terça parte da importância total da obra.*

## Índices

### Índice de Figuras

*Figura 1 – Mapa da cidade de Faro com a localização de cada jardim em estudo, elaborado no QGIS e no Photoshop.*

*Figura 2 – Modelo da Ficha de Inventário utilizada para cada jardim estudado.*

*Figura 3 – Planta da parte fortificada da antiga Praça de Faro, elaborada por José de Sande Vasconcelos, em 1790.*

*Figura 4 – Planta vista de cima do claustro de Nossa Senhora da Assunção de Faro. (Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 5 – Planta do Claustro de Nossa Senhora da Assunção de Faro por Gonçalo Lyster Franco, de DGEMN. (Fonte: Revista Monumentos n.º 24)*

*Figura 6 – Evolução do traçado e da composição do jardim do claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção, adaptado plantas e fotografias antigas do livro “Faro, Evolução e Património”, 1993 e do SIPA: a) traçado hipotético com base em jardins de claustros do século XVI; b) entre 1959 e 1965; c) 1966; d) 1975; e) entre 1975 e 1990; f) 2006; g) 2019.*

*Figura 7 – Convento de Nossa Senhora da Assunção entre 1959 e 1965. (Fonte: SIPA)*

*Figura 8 – Convento de Nossa Senhora da Assunção em 1966. (Fonte: SIPA)*

*Figura 9 – Convento de Nossa Senhora da Assunção em 1967. (Fonte: SIPA)*

*Figura 10 – Convento de Nossa Senhora da Assunção em 1975 e Planta do convento e 1990. (Fonte: SIPA)*

*Figura 11 – Convento de Nossa Senhora da Assunção em 2006. (Fonte: SIPA)*

*Figura 12 – Extrato da evolução do jardim do claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)*

*Figura 13 – Vista panorâmica da fachada principal do Paço Episcopal de Faro. (Fonte: autora)*

*Figura 14 – Arte azulejar presente no Paço Episcopal de Faro. As duas figuras de cima situam-se na escadaria que liga os dois pisos; as imagens de baixo localizam-se nas salas de aparato. (Fonte: autora)*

*Figura 15 – Galeria dos Bispos, Paço Episcopal de Faro. (Fonte: autora)*

*Figura 16 – Atual jardim do Paço Episcopal de Faro (Fonte: autora)*

*Figura 17 – Extrato da evolução do jardim do Paço Episcopal de Faro em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)*

*Figura 18 – Ortofotomapa de 2005 com parte da localização da Horta do Ourives e da estrada antiga nacional 125, que está representada a linha vermelha (adaptado). (Fonte: <http://idealg.ccdr-alg.pt/localizacoes.aspx>)*

*Figura 19 – Localização do edifício 1, 2 e 3 no ortofotomapas de 2018. (Fonte: Google Earth Pro)*

*Figura 20 – Edifício 1: casa nobre, capela e casa dos caseiros. (Fonte: autora)*

*Figura 21 – A tardoz da casa nobre, encontrava-se a escadaria que fazia ligação à varanda da casa. (Fonte: autora)*

*Figura 22 – Capela da Horta de Ourives. (Fonte: autora)*

*Figura 23 – Extrato da Planta da cidade de Faro, levantamento de B. M. E. d'Andrade em 1869, concluído por A. J. Perry em 1872. (Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 24 – Casa das Figuras em 2019. (Fonte: autora)*

*Figura 25 – Aqueduto que ligava um dos armazéns à casa dos caseiros, para fornecer água para a agricultura e uso pessoal. (Fonte: autora)*

*Figura 26 – Localização da área de cultivo de sequeiro até à década 80. (Fonte: Google Earth Pro)*

*Figura 27 – Extrato da evolução da Horta de Ourives em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO, Google Earth Pro)*

*Figura 28 – Localização da Horta de Ourives no Plano Hidrográfico das barras e portos de Faro e Olhão, levantado de 1870 a 1873, sob a direção do conselheiro F. Folque em 1885. (Fonte: <http://purl.pt/21968>)*

*Figura 29 – Esboço da evolução do jardim da Alameda João de Deus entre 1869 até 2019 com base em cartografias e postais/fotografias antigas: a) entre 1869 até 1873; b) 1909; c) entre 1935 até 1940; f) 1945; g) 2019.*

*Figura 30 – Extrato de plantas da cidade de Faro representando o jardim da Alameda João de Deus em 1885 (Plano Hidrográfico das barras e portos de Faro e Olhão, levantado de 1870 a 1873, sob a direção do conselheiro F. Folque em 1885. Fonte: <http://purl.pt/21968>) e em 1872 (Planta da cidade de Faro, levantada pelo B. M. F. d'Andrade, em 1869 e concluído por A. J. Pery em 1872. Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 31 – Postal antigo, não datado com referências a pérgolas, aos bancos de azulejo e a diferentes tipos de plantas que existiam na Alameda João de Deus. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*

*Figura 32 – Uma das fontes da Alameda João de Deus (lado esquerdo) e na fotografia do lado direito consegue-se ver ao fundo o coreto. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*

*Figura 33 – Estátuas de autoria de Rafael Bordalo Pinheiro. Estatueta das Rãs ao centro do lago da Alameda (lado esquerdo) e estátua “O Lobo e o Grou” (lado direito). (Fonte: Coleção Privada)*

*Figura 34 – Pormenor do caramanchão na Alameda em finais do século XX, junto à parede do antigo liceu (havia uma bancada em alvenaria rematada a azulejo). (Fonte: Coleção Privada)*

*Figura 35 – Lago. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*

*Figura 36 – Carta da Cidade de Faro em 1909. (Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 37 – Liceu de Faro. (Fonte: Coleção Privada)*

*Figura 38 – Porta Principal da Alameda João de Deus. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*

*Figura 39 – Plátanos. (Fonte: autora)*

*Figura 40 – Jardim dos Namorados ou do Caracol. (Fonte: Coleção Privada)*

*Figura 41 – Extrato da evolução do jardim da Alameda João de Deus em diferentes períodos com base em ortofotomapas e fotografias aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)*

*Figura 42 – Desenho elaborado em Photoshop com base num “Projeto de Ampliação e Regularização da Praça de Faro em 1891”. (Fonte AHMF)*

*Figura 43 – Desenho elaborado em Photoshop sobre a Evolução Urbanística da Praça D. Francisco Gomes: a) Praça da Rainha antes do século XVII; b) Praça da Rainha no século XVIII; c) Praça D. Francisco Gomes no início do século XX; d) Praça D. Francisco Gomes na década 40 à década 90 do século XX.*

*Figura 44 – Desenho elaborado em Photoshop sobre a evolução do traçado e da composição do Jardim Manuel Bívar desde 1904 a 2019 com base em cartografias e fotografias/postais antigos: a) início do século XX; b) 1931; c) 1937; d) 1945; e) entre 1945 e 1948; f) entre 1994 e 1999; g) 2019.*

*Figura 45 – Extrato de plantas da cidade de Faro representando o Jardim Manuel Bívar em 1909. (Fonte: PAULA, 1993) e em 1931. (Fonte: Planta da Cidade de Faro de Jaime Henrique de Sá Viana Couceira e Frederico I. Taveira, Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*

*Figura 46 – Postal antigo datado a 11 de maio de 1904. (Fonte: Coleção Privada)*

*Figura 47 – Postal antigo da Praça D. Francisco Gomes em 1910. (Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 48 – Postal antigo do Jardim Manuel Bívar com as casas de banho públicas e sem a estátua de João de Deus (antes de 1910). (Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 49 – Extrato de plantas da cidade de Faro representando o Jardim Manuel Bívar em 1937. (Fonte: Guia de Portugal, 1983) e em 1945 (Fonte: Planta da cidade de Faro pelo Arq. João Aguiar. PAULA, 1993)*

*Figura 50 – Ilustração da cidade de Faro por Luís F. R. Santos em 1948. (Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 51 – Extrato do Plano Rodoviário Municipal, inventário da rede existente da cidade de Faro entre 1994 e 1999. (Fonte: Plano Rodoviário Municipal, 1999)*

*Figura 52 – Fotografia antiga não datada da esplanada do Jardim Manuel Bívar. (Fonte: Coleção Privada)*

*Figura 53 – Fotografia do Jardim Manuel Bívar em 2019. (Fonte: autora)*

*Figura 54 – Extrato da evolução do Jardim Manuel Bívar em diferentes períodos com base em ortofotomapas e imagens aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)*

*Figura 55 – Desenho elaborado em Photoshop com base num esboço da Quinta Júdice Fialho. (Adaptado de COSTA, 2013)*

*Figura 56 – Desenhos elaborados em Photoshop da Quinta Júdice Fialho, com base em diferentes plantas da cidade de Faro: a) 1931(adaptado da planta realizada por Jaime Henrique de Sá Viana Couceira e Frederico I. Taveira – Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro); b) 1945 (adaptado da planta realizada pelo Arq. João Aguiar – Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 57 – Localização da fonte com o parque infantil, a tardoz do palácio em 2002. (Fonte: COSTA, 2002)*

*Figura 58 – Desenho elaborado em Photoshop, localizando o jardim florido até aos anos sessenta (a). (Fonte: desenho com base na planta da cidade de Faro de 1945 pelo Arq. João Aguiar) e localização dos pavilhões de apoio ao colégio para salas de aula (b). (Fonte: Google Earth Pro, 2018)*

*Figura 59 – Localização do tanque principal que se converteu a zona desportiva. (Fonte: COSTA, 2002)*

*Figura 60 – Localização de uma das casas de refresco que existiam na Quinta Júdice Fialho na planta da cidade de Faro pelo Arq. João Aguiar. (Fonte: PAULA, 1993)*

*Figura 61 – Extrato da planta da cidade de Faro em 1931, de Jaime Henrique de Sá Viana Couceira e Frederico I. Taveira. (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território-Serviço de Regeneração Urbana, da Câmara Municipal de Faro)*

*Figura 62 – Extrato da evolução da Quinta Júdice Fialho em diferentes períodos com base em ortofotomapas e imagens aéreas. (Fonte: IGEO e Google Earth Pro)*